

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

$\frac{3}{20}$

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

LXXXIV

Letras - n.º 3



SÃO PAULO, BRASIL

1947

Os boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo são publicados pelas suas diversas secções ou pelos departamentos, que as integram. O presente é órgão da Cadeira de Literatura Portuguesa e destina-se a recolher trabalhos de pesquisa do seu pessoal docente no campo da ciencia da literatura.

Toda a correspondencia relativa ao presente boletim deverá ser dirigida ao seguinte endereço:

**BOLETIM DE LETRAS — Caixa Postal 105-B
São Paulo - Brasil.**

Universidade de São Paulo (Brasil):

Reitor: Prof. Dr. LINEU PRESTES.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Director: Prof. Dr. ASTROGILDO RODRIGUES DE MELO.

Cadeira de Literatura Portuguesa:

Professor: Dr. FIDELINO DE FIGUEIREDO,

1.º Assistente: Dr. ANTONIO AUGUSTO SOARES AMORA,
aprovado em concurso para livre docente,

Auxiliares: Dr. MANUEL CERQUEIRA LEITE,

Lic. SIGISMUNDO SPINA,

Lic. ADIR FERRAZ VIANA.

A Direcção deste boletim solicita e agradece o estabelecimento de regulares relações de permuta de publicações com Faculdades, Academias, Revistas e Centros de estudos congêneres, nacionais e estrangeiros.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

LXXXIV

Letras - n.º 3



SÃO PAULO, BRASIL

1947

**VIAJANTES ESPANHOES
EM
PORTUGAL**

Textos do século XVIII publicados e prefaciados por

FIDELINO DE FIGUEIREDO

SÃO PAULO

1947

I

LISBOA EM 1772

(Relato de Joseph Martinez Moreno)

PREFACIO

Seria imprudente pensar que uma bibliografia, por ampla e segura que se apresente a erudição do seu organizador, mesmo quando só ao passado já distante se refira, possa ser um trabalho completo e definitivo.

Na sua bibliografia da literatura de viagens em Portugal e Espanha, literatura impressa e manuscrita, apesar das suas aturadas buscas e de ter podido utilizar os trabalhos dos insignes hispanisantes MM. A. Morel-Fatio e R. Foulché-Delbosc, o eminente Prof. Arturo Farinelli não só não esgotou a materia, mas até exerceu uma fecunda acção de estímulo sobre esse departamento de estudos hispanicos e lusitanicos, pelos aditamentos e retoques suscitados por sua obra. Certo momento, percorrendo caminho muito diverso, depararam-se-me três relatos de viagens em Portugal, não compreendidos no abundante elenco de Farinelli: o de Joseph Martínez Moreno, de 1772; o do arceidiago e bibliotecário da Biblioteca Nacional de Madrid, Francisco Pérez Bayer, de 1782; e o do arqueólogo e académico Joseph Cornide y Saavedra, de 1799 — os quais logo projectei publicar, quando tivesse uns instantes de lazer.

O segundo destes relatos vim depois a apurar que já fôra divulgado em 1920 na benemérita revista *O Arqueólogo Português*, vol. XXIV, pág. 108, pelo Dr. J. Leite de Vasconcelos, rendido ao grande interesse arqueológico desse documento. O primeiro, de menor importância, pelo signatário e pela brevidade e ligeireza das observações, reproduzi-o no tomo LXXXI da *Revue Hispanique*, Paris, 1933. Mas este derradeiro volume da famosa revista de Foulché-Delbosc teve circulação tão limitada que nada se perde com transcrevê-lo aqui na companhia do terceiro desses relatos de viagens, esse rigorosamente inédito ainda e com grande significação, tanto pela intimidade do exame da vida social portuguesa no fim do século XVIII, antes das brutas sacudi-

delas das invasões francesas e do liberalismo, como por vir ilustrar aquele episódio narrado e comentado a págs. 155-180 da *Crítica do exílio*, de Lisboa, 1929: a aliança, nada peninsular, da pura curiosidade científica e da bastarda espionagem política.

Quem foi Joseph Martínez Moreno e quem foi o destinatário da sua carta, Marcos Phelipe Argáiz? Não o tenho podido investigar nas minhas repetidas estadas em Madrid, sempre sobrecarregadas de assuntos de maior monta. Mas não creio que tenham sido personagens de acção duradoura ou impressionante para os contemporaneos, sobre o curso da história ou da vida intelectual, porque os dicionários bibliográficos, as enciclopedias e as bibliografias históricas não mencionam os seus nomes. O teor das cartas permite a conjectura, quanto a Moreno, de que fosse ajudante, secretário ou caudatário de algum magnate em missão oficial. O texto dessa carta existe, por cópia, entre os papeis de D. Pascual Gayangos, 1038-4, fol. 15 v., Biblioteca Nacional de Madrid. A esse mesmo fundo pertence o códice, que reúne as cinquenta e nove cartas trocadas entre Cornide y Saavedra e Ayllon y Gallo. Não estão numeradas; eu é que as numerei, para lhes assinalar seus lugares na colecção, visto excluir duas de Cornide, por anteriores e estranhas à sua missão em Portugal, e todas as de Ayllon y Gallo, por não serem de um viajante em Portugal, mas só de um destinatário da correspondência de um viajante.

Notar-se-á nas cartas de Cornide, a par do seu desenhado bem humorado, da minucia da sua observação, da sua relativa imparcialidade e de certo provincianismo comparativo ou optativo, a sua grande curiosidade pelas coisas militares e pelas notícias da guerra da França revolucionária com os seus vizinhos e com a Grã-Bretanha. Mas, com tudo isso, com várias pequenezes familiares e alusões, que não é facil entender, nem seria de grande interesse entender, estas cartas contêm alguns curiosos quadros da vida portuguesa entre dois terremotos, o natural de 1755 e o social e político das invasões francesas, da fuga da família real e das guerras civis. Dois terremotos, que determinaram, ambos, suas reconstruções, a do Marquês de Pombal e a do liberalismo. Com a dictadura ilustrada de Pombal as classes privilegiadas, que sustentavam o trono, receberam fundo golpe, depois do qual só tiveram uma sobrevivência de comédia, que passou na literatura satírica. Com a im-

plantação do liberalismo, Portugal pôs-se de acordo com o espírito do século e pôde ainda realizar coisas grandes, em fidelidade ao sentido universal da sua longa história — aquelas coisas que recordei nas páginas iniciais do ensaio *Depois de Eça de Queiroz...*: a liberdade, a literatura e o império africano.

A carta de Cornide sobre Cintra tem um particular significado. Cintra, o Bussaco e a Madeira foram valores paisagísticos postos em relevo novo pelo romantismo. A Cintra pré-romântica da carta de Cornide seria melhor sentida, se a pudesse ilustrar com algumas das muitas estampas inglesas e alemãs desse pré-romantismo, estampas que sacaram ao primeiro plano essa nova e melancólica interpretação da nossa paisagem. Algumas delas acompanham o texto de Madame Junot — mais extensamente descritivo e mais literário. Será curioso aproximar a visão do arqueólogo espanhol e a da diplomata napoleônica, separadas por menos de um decênio. Suponho que foi com Lord Byron — nada menos — que a Cintra pre-romântica ou joanina subiu a autêntico valor literário do romantismo, naquêla sua obra em que louva tanto a paisagem quanto insulta os homens dela. Depois a decoração cênica de Cintra foi completada por outros dois estrangeiros, oriundos do norte romântico: D. Fernando II e o Barão de Eschwege.

O conteúdo da literatura de viagens tem sido apreciado de maneira muito diversa, nos tempos modernos. No de Cornide, ela, inteiramente despreocupada da forma artística, visava à simples informação geográfica, declarada ou clandestina. No romantismo era um estímulo à emoção impressionista pelo descobrimento de horizontes de novas côres e novos costumes. Mas era um exotismo de curto alcance: a Europa Meridional, o Mediterrâneo, a Terra Santa. O realismo faz dela um capítulo da sociologia comparada: procurar ensinamentos na observação dos povos mais avançados na elaboração da ciência, da técnica e da arte, e no estabelecimento do regime liberal-parlamentar. Viajou-se então do sul para o norte, da côr para a fumarada das fábricas. E estendeu-se o raio da curiosidade exótica a horizontes longínquos, até ao Extremo Oriente, sobretudo quando o impressionismo renasceu na crise do fim do século, na crise de inadaptação dos europeus à Europa, que levou

uns ao hiper-criticismo e outros a renunciar a essa alma europeia. As cartas de Cornide são hoje só documentos históricos de uma gradação extinta de uma sociedade, sobre a qual rolaram os sucessos impiedosos de século e meio.

Agradeço ao Snr. Director da Faculdade, Prof. Rodrigues de Melo, a prontidão gentil, com que me proporcionou os meios de publicar mais este número do boletim da cátedra, que me foi confiada em 1938. O título do boletim provém da primitiva intenção de o tornar órgão de toda a secção de letras, segundo foi declarado pelo Director de então, Prof. Sousa Campos, ao confiar-me tal missão. Como frequentemente se recebem pedidos dos números anteriores, cujas edições se acham exaustas, cumpre-me informar aos estudiosos destas materias que a doutrina desses números, depois de revista e ampliada, foi absorvida pela obra, que dará a base do curso de especialização de 1948 e que logo se publicará nesta capital, se os fados não contrariarem "os planos pre-estabelecidos": *A Épica Portuguesa no Século XVI (Subsídios documentares para uma teoria geral da epopeia)*.

Dados os passos iniciais da sua carreira, o modesto boletim entrega-se às mãos dos meus antigos discípulos, actuais colaboradores e constantes amigos. A sua juventude de espírito saberá imprimir-lhe uma orientação de maior novidade e mais vivo interesse.

São Paulo, Novembro de 1947.

**CARTA DE JOSEPH MARTÍNEZ MORENO A
MARCOS PHELIPE DE ARGÁIZ**

Amigo y mui señor mio: Desde Porto escrivi a Vm. quanto havia alli ocurrido digno de noticia, y ofreci la continuacion de nuestro Diario desde esta Corte; en consecuencia pues de mi oferta, y de mi afecto digo: Que nuestra mansión en aquella deliciosa Ciudad fue de 21. Dias, sin que nos dejasen arvitrio para mas libertad las extraordinarias finezas de aquel Señor General, quien al cavo se salio conque ayudásemos al festexo de Dias de su Madama; con cuió motivo disfrutamos operas, tragedias, y comedias de mui buen gusto, y palpamos á fondo los genios, ingenios, y raridades de los de uno, y otro sexo haviendose juntado unas 60. del femenino á cumplimentar a la Señora Generala.

Salimos al fin de alli el 28, y en Coimbra vimos la Biblioteca, y Aulas de la Universidad (cerrada al presente) a cuya vista deven arrinconarse las de nuestra España: En punto de Librerias es mui profuso el genio destes Naturales; pues en cualquiera Combento se halla mucha abundancia, y mucha curiosidad; Es singular en esta parte la del de Mafra, y mucho mas en la suntuosidad de su Iglesia, en cuió exterior, é interior, no se reconoce otro Material, que el todo genero de Jaspes, Oro, y Plata, y todo tan acavado como propio de la Religiosa Piedad del S^{or}. Juan V.

Los Combentos de Batalha, y Alcobaza tienen muchas memorias de nuestra perdida de Aljuvarrota, que esta en medio; em cuiá acción de gracias se erigio aquel, y se le dió el nombre de Batalla.

Vimos los famosos Baños de Caldas de Reiña no solo por sus buenos efectos quanto por su fabrica, y Doctacion Hospitalaria por dicho Dn. Juan V.

Algo nos apartamos del camino por ver la fabrica de Cristales, y el ingenio de serrar madera, sin mas impulso para el movimiento que el del Ayre: Una y otra estan a dos leguas de Leyria.

A cavo de estos circunloquios llegamos el siete deste á este Populacho á quien por su inmensidad es imposible tomar el gusto: todo se encuentra lejos en su extensión de mas de tres leguas: Desde nuestra Posada que esta acaso en el Centro, al Correo, tardé a la ligera en mi mula mas de media hora en la ida. Aqui no hay Monelos, ni posibilidad de salir al Campo; porque hasta encontrarle por qualquiera punto es necesario hacer una jornada: Todos los caminos desde dos leguas antes de llegar a lo que llaman ciudad forman una calle quasi poblada de casas á los dos lados: es una confusión el gentio, y con dificultad se halla quien dé noticia de las Personas, y casas mas sobresalientes: No ay mas arvitrio que andar a cavallo, ó en ruedas: Este ultimo hemos tomado alquila(n)do un calesin por 42 reales Diarios; pues ademas de evitar asi los lodos, polvo, cansancio, rempujones, caidas, bacinadas etc. logramos com mayor autoridad un cochero Decano, que sabe todos los rincones.

La lamentable ruina del terremoto, y fuego (mas voraces en una grande planicia, que hace la orilla del Río) se va convirtiendo en veneficio y hermosura de la ciudad, sin cuya grande nobedad, jamas hubiera podido lograrla: Han acavado de arruinarlas, y planteadó de nuevo seis calles maestras, y otras seis traviesas todas rectas, sobre las que estan ya construidas todas las casas de una fabrica fuerte uniforme, y hermosa, con quantas precauciones ha administrado el discurso para el fracaso de terremotos, y fuego: Quedando dos Plazas perfectamente quadradas, manificas, y grandes, que dentro de 50. años seran las mejores de Europa: En una cuio lado meridional lo jace el tajo de tres leguas de ancho; se esta haciendo una Portada hostentosa en donde colocan la Estatua Equestre del Rey actual; hecha de Bronce, y a sus lados dos casas para la que llaman Bolsa del Comercio, y Audiencia. En el Colegio de Jesuitas de San Roque vimos el maior prodigio de Portugal, y acaso de Europa, en una Capilla pequena dedicada á San Juan Baptista hecha en Roma por lo que aqui no tiene lugar el *aqui se hizo* con que se suele sorprender la admiración, y sinceridad de los Labriegos, al contemplar la grandeza de algunos edificios. Es una de las muchas magnificencias de Juan quinto. En Roma se armó, y en ella dixo la primera Misa Benedicto quarto ó quatorce, cuia limosna se valió un Millón de cruzados (cada uno seis reales) con que le regaló este Monarca. Sus columnas son de Lapis lazuli listadas de lustre dorado; las paredes,

retablo, bobeda de los mas esquisitos Jaspes, de lo mismo son las Gradas y piso, en que a fuerza de embutidos de todos colores se forma una Alfombra a lo Mosaico con la ultima delicadeza: Un frontal cuio fondo es de Lapis lazuli, y su relieve de Plata como travajada en Roma. Las Laminas de los tres Altares que parecen ricas pinturas son de menudas piedras a lo Mosaico, que este solo es una octava maravilla.

Ahorrando prolijidades hare solo mención del Seminario de Nobles, desde lo del actual Reynante, en donde se refunde todo el primor del Arte: Su Destino es a enseñar la Filosofia experimental y para ello hay dos Piezas una de maquinas grandes, y otra de pequeñas todas hechas en Portugal con el ultimo primor; el solar de la Aula es de estuco mas delicado, y tiene una Regia tribuna para sus Magestades: Sala de dibujo de Buril, y otras: un picadero cubierto, y correspondente Real Tribuna.

Inmediata al Seminario la Real Fabrica de la Imprenta con mas de 16. prensas, y todo genero de caracteres, Y para ayuda de su construcción tiene una gran Fabrica de Naypes.

En los pocos Dias que hicimos aqui de mansion no hechamos menos los obsequios de Porto; porque solos fueron cinco, y destos disfrutamos dos la Mesa de nuestro Embaxador, y uno la del Alemania, con el gusto de en uno y hallamos conesion de Parentesco con nuestros Generales, y largo conocimiento de sus prendas, expresandose señaladamente en justos elogios de la Señora Generala para quien las Señoras Arnaud Madre, e Hija, tubieron la bondad de darme sus expresiones y respecto; no es justo que yo la moleste por solo este motivo, me tomo la satisfaccion de executar lo por medio de Vm.

No será del desagrado de esa Señora supuesto el conocimiento de las dos Excelentissimas, el saver que esta Señora esta en Dias de parir, y que tiene una sola Hija, Ahixada de la Señora Emperatriz, cuyos poderes executó la Señora Marquesa de Pombal en virtud de expresiva carta de S. A. Imperial: Que fue Bautizante este Señor Nuncio, continuo, y cotidiano Favorecedor desta Señora: Que el Rey franqueo todo su Equipage; para que nada faltase de quantas formalidades de Corte pudiera lograr una Persona Real. A todos es mui acrehedora esta Señora por todo de sus circunstan-

cias: Su Madre esta aqui hace dos años y espera á su Marido, para restituirse a Madrid.

Aqui solo hay por aora comedias, y bayles: En estos son mui sobresalientes sus figuras á juicio de quien lo entiende.

Mañana salimos de aqui; por que no dan mas lugar las noticias de la proxima benida de los Señores Americanos y Mota; con que hasta mitad de Junio puede mandarme en Cadiz.

Esta se ha escrito a ratos, porque sobran pocos, por tanto se hace disimulable su indecencia, y mala coordinacion.

La Gaceta nos ha traido aqui la funesta noticia de haver muerto el Illmo. Tio de Vm. en cuió sentimiento le acompaño, y ruego a Dios le guarde muchos años. Lisboa, y Maio 12 de 1772. — Besa las manos de Vm. su mas afecto Paysano Joseph Martínez Moreno — Señor Dn. Marcos Phelipe de Argáiz.

II

CIÊNCIA E ESPIONAGEM

(Na véspera da Guerra das Laranjas)

P R E F A C I O

Ha no livro de Sánchez Moguel, *Reparaciones históricas*, Madrid, 1894, obra toda consagrada a Portugal, um capítulo intitulado *Historia de un libro*, em que este autor nos conta as origens e as circunstâncias de redacção da obra *Estado de Portugal en el año de 1800*, de José Cornide y Saavedra, Madrid 1893-1897, 3 volumes, XVI - 340 págs., 464 págs. e 333 págs. Estes volumes constituem outros tantos tomos, os 26.º, 27.º e 28.º do *Memorial Historico Español, Colección de documentos, opúsculos y antigüedades*, editado pela Academia Real de História, de Madrid.

O estudo de Sánchez Moguel é o prefácio da obra, cuja publicação, um século depois da sua redacção, o mesmo acadêmico diligentemente promoveu.

Ora, esta história do livro de Cornide é muito omissa; Sánchez Moguel, então todo empenhado numa política literária de cordialidade e intercâmbio peninsular(1), não quiz divulgar que D. José Cornide y Saavedra, acadêmico de numero e arqueólogo ilustre, era um espião da política francofila e da ambição pessoal de Godoy, o famoso primeiro ministro de Carlos IV e Maria Luísa, que tanto ocupou o pincel de Goya.

Não é crível que Sánchez Moguel ignorasse o dúplice papel de Cornide na sua viagem a Portugal, porque os papeis da sua espionagem guardam-se na biblioteca da Academia juntamente com os apontamentos, que serviram de base ao *Estado de Portugal*, e com o texto da própria redacção definitiva, oferecida a D. Pedro Ceballos e pelo mesmo Moguel estudada e publicada. Entendeu que não era oportuno recordar um caso, que a susceptibilidade nacionalista

(1) Há notícias das diligências lusófilas de Sánchez Moguel na monografia *Oliveira Martins*, que publiquei na *Revue Hispanique*, Paris, 1929, reproduzida em edição portuguesa pela Parceria Antonio Maria Pereira, sob o título *Historia de um "vencido da vida"*, Lisboa, 1930.

dos portugueses poderia temer se repetisse. E lá se iria toda a sua política de intercâmbio lusitano-espanhol...

Examinando os mesmos papeis, que Sánchez Moguel manuseára, prontamente verifiquei que D. José Cornide fôra o agente preparador, no aspecto militar, da *Guerra das Laranjas*, que é como em Espanha se chama à efêmera e, para nós, desastrosa campanha de 1801, ridiculamente chefiada pelo Duque de Lafões octogenario, a qual nos importou a perda de Olivença.

Por que chamou assim o bom humor espanhol a essa guerra, não é geralmente sabido em Portugal, porque de ordinário a erudição de cada país limita-se à sua documentação própria, quebrando a íntima solidariedade da história peninsular, o que fez dizer muito apropriadamente ao mesmo Sánchez Moguel: “La historia que enseñamos ó escribimos acá y allá no es historia entera de la Peninsula, sino la puramente portuguesa en Portugal, y solamente española en España”. (V. *Reparaciones*, pág. VIII).

Nesta guerra, que Portugal e Espanha se faziam por incumbencia de Inglaterra e de França, como “duas bestas de carga” no incisivo dizer do Duque de Lafões, foi generalíssimo dos exércitos espanhóis o próprio Godoy. Ao chegar com suas tropas a uns pomares das cercanias de Evora, os soldados colheram umas braçadas de laranjas, que ofereceram ao seu generalíssimo. Por sua vez, Godoy remeteu-as à rainha com o primeiro comunicado de guerra, explicando: “Las tropas que atacaron al oír mi voz, me han regalado dos ramos de naranjas, que yo presento á la reina”. (V. Ballesteros, *Historia de España*, vol. V, Barcelona, 1928, pág. 294). Como se sabe, não eram puras de suspeita as relações do favorito com a rainha.

Houve tempo, em que me recusei a identificar este agente da espionagem de Godoy com o naturalista de boa reputação científica, D. Joseph Andrés Cornide y Saavedra. Agora não faço mais tal separação, porque uma das cartas aqui publicadas, a XXI, está assignada com o prenome e o sobrenome, Joseph Andrés. E não há noticia da existencia, na segunda metade do século XVIII, de dois naturalistas e arqueólogos, galegos e académicos, com nomes exactamente iguais. Acrescente-se, pois, este título póstumo de notoriedade ao único Joseph Andrés Cornide y Saavedra, de que fazem menção as enciclopédias.

Cornide era um espião e foi a Portugal com uma missão secreta muito diversa da oficialmente publicada. O que se não pôde saber é se a incumbência oficial foi um disfarce da espionagem ou se esta se lhe cometeu depois, em inteira independência do cargo académico.

A missão pública era examinar na Torre do Tombo, de Lisboa, um codice das *Siete Partidas*, de Afonso X, de Castella, o Sabio, para preparar uma edição das obras deste soberano, projecto de que a Academia Real de História se occupava desde Outubro de 1794, depois que fôra consultada por Godoy, já então Duque de Alcudia e no apogeu do seu valimento, sobre a exequibilidade desse alvitre, apresentado ao rei pelo académico honorário, D. Francisco Cerdá y Rico.

Este D. Francisco Cerdá (1739-1800), sócio da Academia Real de Historia, official da Secretaria das Indias e bibliotecário, foi um benemérito coleccionador e editor de livros raros da história e da literatura espanholas, pelo que a critica moderna o considera como immediato precursor de Bartolomé José Gallardo e preparador da grande renovação da erudição literária de Espanha, que em Menéndez y Pelayo teve o seu acumen. Sobre êle acaba de publicar uma excelente monografia o meu amigo e colega, Prof. A. González Palencia: *Don Francisco Cerdá y Rico — Su vida y sus obras*, Madrid, 1928, 183 págs., edição de 80 exemplares. Entre os serviços de Cerdá y Rico, ali apontados pelo seu biógrafo, deverá incluir-se a edição académica de Afonso, o Sabio.

Quatro anos esteve a Academia hesitante em conferências e palestras sobre este tema, cuidando antes em fazer Godoy seu sócio honorário do que em meter hombros à empreza. Em 1798, depois de trocar correspondência com o governo de Lisboa, que prometeu todas as facilidades, designou D. José Cornide para ir a Lisboa, fazer a copia daquele codice.

Era D. José Cornide homem já de sessenta e quatro anos, mas isso não o impediu de logo se prontificar para a fatigante excursão, propondo ainda que à sua tarefa outra fosse associada, ainda mais exigente de esforço, a de uma "viagem literária" por todo o reino de Portugal, para completar a que em 1752-1754 fizera pela Espanha o Marquês de Valdeflores por incumbência do Ministro, Marquês de la Ensenada, — com o que se poderia finalmente

organizar um bom mapa geográfico e demográfico de toda a península.

Sobre a biografia de Cornide nada pude apurar na biblioteca da Academia, senão que em sessão de 7 de Junho de 1868 o acadêmico D. Carlos Ramon Fort lêra o seu elogio histórico; mas esse elogio histórico não se publicou, pelo menos não o consegui achar. A bibliografia histórica de Sánchez Alonso apenas o cita como autor de uma memória sobre as antiguidades da Celtiberia na época romana. E das próprias cartas, adiante publicadas, se conclue que já havia estado em Portugal, muitos anos antes.

O que pude obter foi um magnifico retrato de Cornide, graças á diligencia do meu querido amigo, Prof. Cabeza de León, da Universidade de Santiago de Compostela. Infelizmente esse retrato extraviou-m'o um editor de Madrid, nas perturbações que atingiram a sua casa, durante a guerra civil espanhola. O retrato impressionava pela sua irradiante simpatia, feita de serenidade e compreensão. Ninguém adivinharia nêlo o semblante de um homem capaz de tal duplicidade.

Em Outubro de 1798 partiu Cornide, cuja missão fôra antes aprovada oficialmente e bem dotada com 5000 reais por mês. Não ia só; era verdadeiro chefe de uma expedição científica, constituída pelo mexicano, Dn. Manuel Carrillo Albornoz, official de secretaria, Melchor del Pardo y Mariño, membro da Academia de S. Fernando ou de Bellas Artes e professor de Arquitetura em Santiago, e o Dr. Narciso de Heredia, jovem professor da Universidade de Granada. Em apêndice ao 3.º vol. do *Estado de Portugal*, Sánchez Moguel publicou o expediente da organização da comissão.

Uma vez em Lisboa, Cornide logo apurou que não havia na Torre do Tombo o tal codice das *Siete Partidas*, que em sessão o acadêmico De Manuel afirmara ter sido tomado a D. João I de Castella na batalha de Aljubarrota; só existia uma tradução portuguesa da Partida 3.ª e noticia de outra tradução da Partida 2.ª, guardada no arquivo da Real Abadia de Alcobaca. Isto não tinha a menor importância para o escopo em vista, edição das *Partidas* no seu original castelhano, e tanto assim era que na edição, que efectivamente a Academia publicou em 1807, não se faz a menor allusão a esses incompletos manuscritos portugueses.

Não tendo que fazer copias, bastando-lhe só o rápido exame desses dois fragmentos, Cornide todo se pôde aplicar

à sua viagem, demorando-se em Portugal até 3 de Março de 1801, com o seu estado maior; saiu já em consequência da declaração de guerra pela Espanha, comunicada oficialmente em 28 de Fevereiro de 1801. Essa guerra fôra preparada, na sua execução militar, por ele, mas tal papel alhevo não o impediu de continuar a mais natural e bonhômica correspondência com D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas, bispo de Beja, a quem deveu muitos esclarecimentos históricos e literários, prestados de boa fé.

As cartas de Cornide para Cenáculo, em número de dezasete, guardam-se em Evora, entre a abundante correspondência do cultíssimo bispo, e foram publicadas no final do *Estado de Portugal en el año de 1800*. Começou ela em Madrid, com a carta de 24 de Julho de 1798, em que Cornide comunica a Cenáculo a missão para que foi nomeado — a missão pública, entenda-se — e lhe pede que o informe sobre se passará o resto do ano em Evora ou se fará alguma viagem a Lisboa, porque o mesmo Cornide quer saudar o seu benemérito confrade e recolher de sua boca “instrucciones y noticias que deben serme muy interesantes para el feliz desempeño de un encargo en que se interesa la gloria literaria de dos naciones a quienes unen vínculos tan estrechos”. (III, pág. 253).

De Lisboa, já hóspede de uma pousada da Rua da Cruz, próximo do Convento de Jesus, de Alcacer do Sal, outra vez de Lisboa, de Elvas e já de novo de Madrid, a correspondência manteve-se afectuosa, num tom de prestante camaradagem intelectual, com permuta de livros, desenhos e noticias, em que tambem colaboravam os companheiros de Cornide. Como ele dizia, ao deixar Portugal por motivo da guerra, o Caia não é o Letes; ainda de Espanha, continuou a solicitar e a obter auxílios da boa fé do prelado. Já então estava assinada e perdida uma fracção do território português, palmilhado por Cornide.

Infelizmente, as cartas de Cenáculo não se encontram entre os papeis de Cornide, nem em qualquer maço da biblioteca da Academia Real de História, dos mencionados nos seus excellentes catálogos de manuscritos.

Não foi Cenáculo o único correspondente, conhecido, de Cornide, durante a sua estada em Portugal. A um amigo de Espanha, D. José López de la Torre Ayllón y Gallo, dirigiu o arqueólogo-espião cartas numerosas e de grande interesse porque encerram uma descrição flagrante da

Lisboa do fim do século XVIII, dos seus monumentos e da sua vida social e íntima. Bem merecia ser publicado esse epistolário, como precioso documento dos bastidores da vida olisiponense, observada com maior penetração que a de outros viajantes coetaneos.

Era um homem discreto este Cornide. Na sua correspondência não só não passa qualquer longínquo reflexo da sua missão secreta, mas até se ostenta uma grande serenidade, sem malevolência despectiva para o país, que espiava.

Se se tivesse limitado à elaboração do *Estado de Portugal en el año de 1800*, Cornide teria já prestado um valioso serviço à geografia da península, pela íntegra descrição do território português, então mal conhecido nos movimentos da sua população, nas modificações e nos progressos das suas culturas, na rede dos seus caminhos, no inventário dos seus restos arqueológicos, pois por esse tempo ainda se utilizavam, para o estudo do solo português, trabalhos já antiquados, como os de Pedro Teixeira, geógrafo de Filipe II, e João Baptista de Castro.

O *Estado de Portugal en el año de 1800* melhorou muito a situação; é um documento da maior importância para a história da fisionomia demográfica do país, no fim do século XVIII, antes das profundas convulsões das invasões francesas e das guerras civis do liberalismo e das suas alterações profundas; merecia mesmo uma tradução para português. Está, porém, associado a uma obra de espionagem, que só lembro para que à personalidade de Cornide se faça justiça plena, não se ficar só na gratidão pelo serviço prestado, e principalmente por curiosidade erudita, curiosidade de querer saber as coisas até ao fim.

Seria visivelmente inoportuno verberar procedimentos de há século e meio e estimular algum ressentimento. Quem tem de arcar com as culpas é Godoy, a quem a história já atribue duplicidades maiores. Outra, novamente revelada, não aumenta os seus capítulos de culpa como no caso de *L'homme qui assassina*, de Claude Farrère.

Sánchez Moguel estranha que o mesmo Godoy, nas suas *Memórias*, nada diga das distinções com que o honrou a Academia Real de História, nem da sua intervenção na reapressão das *Partidas* de Afonso, o Sabio, quando é tão minucioso ao enumerar as suas iniciativas a bem da

cultura. Talvez esse silêncio se explique pelo conceito essencialmente político, que aos seus olhos tomavam as relações com a Academia, pelo menos nesse episódio da reedição das *Partidas* e da viagem de Cornide a Portugal. E não há gente mais preocupada de discrição do que essa que indiscretamente se propõe confessar-se nas memórias... Procurei alguma referência anterior, nos dois capítulos sobre a guerra com Portugal e nada achei sobre a cooperação preparadora desse seu agente político-literário. O que, sim, merece ser lembrado é o sofisma justificativo dessa guerra, que está sempre no espirito de Cornide — a necessidade de contentar a França, libertando Portugal da influência inglesa: “Depuis longtemps je voyais que le Portugal finirait par nous compromettre, et je ne cessais de le dire à Charles IV. La France et l’Angleterre se disputaient l’empire du monde; le contrecoup de la lutte se fit sentir dans toute l’Europe. L’Espagne n’avait qu’un seul moyen de sauver son indépendance; il fallait taire les vaines considérations de famille, soumettre d’une manière ou d’autre le Portugal à notre système politique, fermer ses ports à l’ennemi commun et ôter à la France jusqu’au moindre prétexte de venir guerroyer chez nous”. (V. trad. fr. das *Memorias*, por J. G. d’Esménard, Paris, 1836).

A côrte de Lisboa, em parte por confiar no parentesco das famílias reinantes, em parte por inhabilidade política, estava inteiramente desprevenida da duplicidade de Godoy, ainda que não fosse difícil de prever um choque na península entre a política inglesa, que Portugal tinha de seguir, e a política napoleônica, à qual se submetera a Espanha do modo mais humilhante. Em nome de D. Maria I, já louca, o Príncipe Regente agraciara poucos anos antes o valido de Maria Luisa com o título de Conde de Evora Monte, “con dispensa de la ley mental”. Os termos da real cédula de 3 de Outubro de 1793 são, segundo a tradução espanhola, único texto que pude ver, de uma ingenuidade tocante: “Teniendo muy segura confianza en los verdaderos sentimientos de D. Manuel, hereditarios en esta familia, de que los ha ejercitado lealmente en beneficio de mi Reyno, conformandome con los Augustos y Cordiales de SS.MM.CC., esperando que asi los continúe...” (*Vários de História*, tomo 9, fol. 381), biblioteca da Academia Real de História).

Entretanto o velho Cornide, com seus asseclas, percorria o país, em toda a parte acolhido com as mais francas

facilidades, visitava as fortalezas, informava-se detidamente dos nossos recursos militares, de gente, de armamento, de provisões e forragens, e compunha com toda a presteza e segurança, entre duas cordiais cartas literárias a Cenáculo e dois bilhetes familiares a Ayllón y Gallo, os seguintes relatórios:

Introducción á la memoria sobre el modo de hacer la guerra á Portugal, y á la descripción de las Plazas de este Reyno;

Observaciones sobre el modo de hacer la guerra contra el Reyno de Portugal;

Carta al Duque de Frias, Embajador de España en Lisboa, sobre la forma y modo de invadir Portugal.

Estes papeis guardam-se, com muitos outros de pura erudição arqueológica, entre os abundantes manuscritos de Cornide, na biblioteca da Academia Real de História.

Tinha razão Cornide quando afirmava que “el reyno de Portugal se halla poco menos conocido de los españoles que los del Japón ó del Thibet”. Efectivamente, para invadir e dominar de modo fulminante um país é necessário conhecê-lo com mais certeza que os reinos orientais. E muito melhor pôde conhecer a Portugal o aparentemente pacífico antiquario.

Tomando para guia um livro de Du Mourier, official francês, que no exército espanhol militara durante a campanha de 1762, em Portugal, Cornide computa as nossas forças militares em 100.000 homens, “de cuyo valor y disciplina hay poco que temer”, comenta com desdem, que os factos não contradisseram. Calcula o número de navios e canhões, e de homens para os guarnecer, concluindo a situação inversa dos dois países: Portugal tinha homens, mas possuia poucos navios; Espanha tinha navios, mas não podia guarnecê-los. Só em Lisboa dispunha de 22.000, aprestados para o serviço naval; o resto do país levantava 12.000 e o Brasil enviava 8.000.

A guerra estava resolvida; só se estudava, com a missão desse geógrafo, a maneira de a tornar prontamente victoriosa, evitando os desastres e erros das duas campanhas anteriores, muito lembradas ainda em Espanha, a da Sucessão e a de 1762.

Os exércitos espanhóis deveriam, na opinião do académico, internar-se no reino, sem ocupar as fortalezas que ouriçavam a fronteira, nem mesmo as do interior, e mar-

char logo sobre Lisboa e Porto, cidades sem defesa e ricas de valores, em grande parte pertencentes a ingleses. Portugal tinha escassa capacidade defensiva, mesmo com o auxilio dos ingleses. Levantando 50.000 homens, dos quais haviam de sair as guarnições de cinquenta praças fortes, poucos recursos ficavam para a invasão do território espanhol.

As tropas espanholas atacariam simultaneamente quatro pontos da fronteira, com outros tantos corpos de milicias, na força de 7000 a 8000 homens, com os seguintes quartéis generais: em Badajoz contra Elvas e Olivença, ambos estes corpos com bastante cavalaria; em Castela, a Velha, tendo por centro Ciudad Rodrigo, contra as praças fronteiriças, Almeida principalmente; e na Galliza nove regimentos contra Chaves e Valença, formando duas divisões concentradas em Monterey e Tuy.

Um corpo mais forte, de 30 a 40.000 homens, entraria na direcção de Abrantes, onde o rio Tejo é já navegavel. Para estudar o leito do rio já não se sentiu idoneo o velho académico e então reclamou um officia] de engenheiros — disfarçado, entende-se — recomendando expressamente que se utilisassem os conhecimentos dos contrabandistas da região. De Abrantes o exército marcharia sobre Santarem, juntando-se antes, em Tomar, com o exército da Galiza, o qual já nessa altura devêra ter tomado e guarnecido Braga, Porto e Coimbra.

Ao mesmo tempo, uma esquadilha de navios menores desceria de Vigo, acompanhando da costa as operações e penetrando no Porto. O forte de S. João da Foz, na barra do Douro, nada valia, como ele “via”. Outra esquadra maior seguiria para o sul e entraria em Lisboa, enquanto no Alemtejo operava o exercito de Badajoz. Sobretudo, recomendava, não repetir o erro de 1762, entrando por Trazos-Montes.

Vem depois uma circunstanciada noticia descritiva das praças fronteiriças de Portugal, principiando pelo sul, e da sua effiçência militar: Castro-Marim, Alcouthim, Mertola, Serpa, Moura, Mourão, Noudar, Olivença, Ferreira, Juro-menha, Elvas, Extremoz, Evora, Arronches, Alegrete, Portalegre, Marvão, Campo Maior, Castelo de Vide e Montalvão, numa primeira parte. Sobre Olivença, a praça que se perdeu em resultado dessa mesma campanha, diz apenas o seguinte:

“Está situada Olivenza sobre la orilla izquierda del rio Guadiana: es una de las mejores plazas de esta frontera y su castillo aun es de más importancia que la plaza: la guarnición de esta puede incomodar mucho al país inmediato, pués protegerá las correrias de las tropas ligeras en la Extremadura y en la Andalucía, como tambien lo harán las de las anteriores plazas de Moura, Mourão y Serpa”.

As campanhas do Alemtejo merecem-lhe algumas reflexões. A entrada pelo Alemtejo é facil, mas o accesso de Lisboa é difficil, recorda Cornide. O exemplo do Duque de Alba, em 1580, não é para aduzir por muitos motivos, sendo o principal a existencia, então, de um grande partido espanhol no reino que se invadia; são mais para lembrar os desastres de D. Luis de Haro em 1658, nas linhas de Elvas, e de D. João de Austria, batido em 1661 por Schomberg. Além disso, os portuguezes dispunham aí de praças muito fortes.

Passa logo à descrição e apreciação militar das praças da Beira e de Traz-os-Montes, a saber: Rosmaninhal, Segura, Salvaterra da Beira, Penha Garcia, Idanha, a velha, Castelo Branco, Monsanto, Penamacor, Alfaiates, Sabugal, Almeida, Guarda, Castelo Rodrigo, Miranda, Vinhais, Bragança, Monforte, Chaves, Montalegre, Castro Laboreiro e Lindoso.

Gostaria de recordar alguns informes curiosos sobre a praça dos Alfaiates por ter sido governada pelo poeta seiscentista Braz Garcia de Mascarenhas e campo das suas proezas, mas Cornide, pouco preocupado do pitoresco da nossa história literária, sómente escreve dessa praça as linhas seguintes:

“Está situada en terreno elevado con muros y trincheras bastante defensables; dentro del recinto tiene un castillo y fuera una atalaya, y por tanto los portuguezes la consideran como una de las principales plazas de la Beira”.

Entrando nas provincias de Entre Douro e Minho, enumera e caracteriza militarmente as seguintes praças: Melgaço, Monção, Torre da Lapela, Valença do Minho — que diz ser “la mejor y más bien fortificada que tienen los Portuguezes desde Almeida hasta el mar” — Vila Nova da Cerveira, Caminha e Moura, do Minho.

Os papeis estão redigidos com letras diferentes e todos sem assinatura; há pelo menos três caligrafias.

Como na data da carta ao Embaixador, Duque de Frias, escrita em princípios de 1800, Cornide ainda não tivesse percorrido a parte boreal do país, aconselhava a invasão pelo Alemtejo, mas as suas observações logo o fizeram mudar de opinião, propondo antes a entrada pela Beira, por Almeida e pela Guarda — como recorda uma nota a essa carta, assinada por um Manuel Sánchez, de Badajoz, que não sei identificar.

O conselho de Cornide não foi ouvido, talvez, porque as suas informações convencessem Godoy da impotência portuguesa ou este, inteligentemente, reconhecesse que todos esses recursos militares eram neutralizados pela falta de zelo patriótico e de espírito guerreiro. E a campanha fez-se ao modo clássico, nas planuras alemtejanas, e fulminantemente, desde a entrega de Olivença, sem combate, à tomada de Castelo de Vide e à assinatura da paz, com perda de território.

Poderia tornar-se ridículo aplicar critério actual de apreciação política a este episódio dos bastidores da Guerra das Laranjas, referente a um momento, em que uma política de sujeição ao estrangeiro e de duplicidades e tibiezas por igual envileceu os dois países — logo rehabilitados, quando tomaram posse de si mesmos, restabelecendo um sadio paralelismo político e, lado a lado, batalhando contra a orgia militar de Napoleão. Como esta foi uma aventura pessoal, embora de genio e atrativamente sugestionadora dos povos, também a guerra de 1801 foi um episódio da política pessoal de Godoy, mas sem nobreza e sem horizonte. Todavia, bom seria estudar por peritos militares os papeis de Cornide e confiar sempre desconfiando. Este arqueólogo mais parecia um perito militar disfarçado de inócuo erudito ou então as suas arqueologias tinham bastarda inspiração de assessores peritos na arte da guerra.

Hoje, isto é matéria de amenas curiosidades eruditas. Cornide espião ou capa de espiões, é que fica indissolavelmente ligado a alguns documentos da maior importância para o estudo de Portugal no fim do século XVIII, ao aproximar-se a agonia do antigo regime: uma completa descrição da nossa geografia humana ou social; uma completa descrição da nossa geografia militar; e um pitoresco roteiro familiar da Lisboa monumental e social. *Estado de Portugal en el año de 1800* merecia bem uma tradução comentada; os papeis secretos da sua espionagem deviam

ser publicados, não para alimentar extemporaneos melindres, mas para serem utilizados no nosso ensino de história militar; e a sua correspondência sobre temas olisiponeses espero poder editá-la integralmente. Os relatórios secretos são documentos que têm legitimo lugar na obra do meu insigne amigo, Christovam Ayres, entre as *Provas* que ilustram a sua *Historia do Exército Português*.

Mais fecundo que o resentimento fóra de horas será o reconhecer, através da ementa de Cornide, a prodigiosa obra de fortificação do solo português, levada a cabo por D. João IV e seus sucessores, e recordar que nada valem as fortalezas e todos os recursos militares sem o brio cívico. Este é que estava bastante desalentado em 1801.

Tambem a iniciativa bélica de Godoy e as suas facéis vantagens não significam grande superioridade moral sobre o senil Duque de Lafões e a frívola côrte de Lisboa. As suas relações com a França desceram depois a misérias desconhecidas em Portugal. Mas o seu longo exílio de quasi meio século — na França que o levou a tantos erros e duplicidades e que pagou a vassalagem de M. Manuel, *tout court*, com uns magros milhares de francos — terá sido expiação suficientemente amarga. Godoy foi o estadista idoneo para Carlos IV, que destituiu Floridablanca e desterrou Jovellanos.

Um outro significado deste curioso episódio das relações lusitano-espanholas merece ser posto em relevo. Nas vespéras da Grande Guerra e no decurso dela, desenvolveu-se na Europa central uma vasta rede de espionagem, sob as formas mais variadas e tambem mais perfeitas; algumas vezes esse vil trabalho disfarçou-se por detraz de curiosidades e empreendimentos de alta cultura. Pois desse gênero de espionagem intelectualizada é um precursor o arqueólogo Cornide y Saavedra, filho da península, que é constitucionalmente hostile a esses métodos rebuscados da duplicidade humana.

Na península não temos o gênio da espionagem, que tem sua pátria própria, nem a mestria da conspiração, que tambem tem seu clima preferido; nós optamos, simplesmente e às claras, pela revolta com todas as suas responsabilidades e todos os seus riscos. É o nosso grande defeito e a nossa grande virtude, que nem todos os viajantes de fóra, nem muitos críticos de dentro têm sabido compreender.

Madrid, Novembro de 1928.

**CARTAS INÉDITAS DE JOSEPH ANDRÉS
CORNIDE Y SAAVEDRA A JOSEPH LÓPEZ
DE LA TORRE AYLLÓN Y GALLO**

(1799)

Na reprodução das cartas de Cornide y Saavedra seguirei com muito rigor a ortografia e a pontuação do signatário, apesar das suas irregularidades, contradições e lapsos. Raramente introduzimos alguma vírgula, para evitar que os períodos massivos se tornassem de difícil interpretação ao leitor desprevenido. Várias vezes declaro ilegíveis algumas palavras. É preciso esclarecer que essa ilegibilidade procede quasi sempre das condições materiais do codice: ao encadernar as folhas, as últimas palavras ficaram ocultas pela costura e não aparecem nas fotocópias que utilizei.

Pareceu-me vantajoso para o leitor desdobrar as abreviaturas, de que o signatario usa largamente. Mas já me pareceu de menor necessidade fazer anotações ilustrativas para identificar as personalidades. Umás, relevantes, são bem conhecidas dos leitores dados a estes estudos: Antonio Ribeiro dos Santos, Pe. Antonio Pereira de Figueiredo, Monsenhor Ferreira Gordo, Pérez Bayer, Pe. João de Sousa, Jovellanos, Murphy, João Pedro Ribeiro, Luiz Pinto de Sousa, a familia real, etc. Outras eram simples funcionarios e encontros de acaso, que não têm interesse para o estudo das relações literarias lusitano-castelhanas.

Os arqueólogos olisiponenses encontrarão neste epistolário muitas noticias de importância para a história da arte, como por exemplo aquéla sobre o cadeiral dos Jerónimos e Rafael Sanzio e, de um modo geral, todos os dados sobre o panorama da arte lisboeta no fim do século XVIII. Certamente não deixarão de as aproveitar e amplificar alvoroçadamente. Os animadores do Grupo dos Amigos de Olivença, de Lisboa, sempre ansiosos de motivos para a sua campanha de reintegração do sólo patrio, lerão com curiosidade as cartas do agente preparador da miseravel campanha de que resultou a perda daquéla praça. E os brasileiros hão-de estimar este quadro, pintado por um espanhol de alta categoria intelectual e secreta categoria politica, este quadro da sociedade lisboeta nas vésperas da separação das duas pátrias, quadro em que desponta para uma actividade histórica e

dramática um príncipe sem nenhuma aptidão histórica ou dramática, D. João VI.

As anotações, com que abre o códice, fazem crer que o destinatário das cartas as guardou e ordenou cuidadosamente, exceptuado o equívoco cronológico das cartas anteriores à segunda vinda de Cornide a Lisboa e das dos mês de Abril de 1799, como fiz reparar. E mostram mais: que esse destinatário as passára às mãos de Cornide e que os dois, remetente e destinatário, ligavam importância a essa correspondência, em que se abeira matéria não contida na obra principal de Cornide: *Estado de Portugal en el año de 1800*. E o final da Carta XII confirma-nos que, de facto, Cornide pensava em publicar essas cartas “algum dia”, mas que nem a todas supunha publicaveis.

**ALGUNAS CARTAS DE MI CORRESPONDENCIA CON EL
SR. AYLLON PARA TENER PRESENTES VARIAS ESPE-
CIAS DE MI VIAGE DE PORTUGAL.**

*En este viage de Portugal que escri-
bió mi amigo d. Josef Cornide, dejó de
describir la capital Lisboa y sus alrede-
dores; y estas cartas pueden servir para
el completo de la obra.*

A primeira carta do codice é muito anterior à correspondência lisboeta, pois está datada de Aranjuez, 9 de Maio de 1793. Dirigida ao mesmo destinatário, demonstra a preocupação de política internacional, que se revelará nas cartas de Lisboa. Na data da segunda, deve haver equívoco a respeito do ano, equívoco frequente nos primeiros dias de Janeiro.

II

Lisboa, y Henero 4 de 1798

Mi estimado amigo: por fin ya se deshizo el encanto que me tenia pribado de la correspondencia de vm, habiendome llegado en este correo dos cartas de vm la una de 25 y la otra de 28 del pasado, y especialmente esta no puede ser mas fresca.

Tiene mucha razón el S^{or}. Administrador de Badajoz que le dije (*sic*) que le avisaria mi arribo a esto, y oy le confieso de buena féé mi descuido pidiendole que si quedó por su oficina algun rebusquillo me lo envíe.

Vm deja enteramente satisfechos mis deseos, quanto al estado natural de toda su familia en cuiá permanencia me intereso.

Aun no sera esta “estalagem” en la que acabe mis dias Lisbonenses, oy mismo me hice con un buen quarto inmediato a la Torre do Tombo, y al convento de los Terceros, que son los dos puntos que tenemos que frecuentar; esta en lo alto de la ciudad, esto es en la Región media y situado en la calle de la cruz, y alli haremos nuestro rancho, pues lo demás como los 5000 se quedan en 4 por la perdida del dinero habia que estirarles las correas y hasta aqui se ha salido pié con bola. No obstante no faltará para comprar la sortijilla que desea mi Sora. Da. Mariquita, pero enviene (*sic*) vm en un papelito la medida del dedo, y digame de que piedras la quiere pues aqui lo que hay mejor son topacios y si ha de ser guarnecida de Diamantes.

Hay un excelente Diccionario portugués en dos tomos en 4.º que es un extracto de Bluteau pero muy aumentado

de terminos, y aunque debo comprarlo, aun no lo compré por que lo hice de otros libros que necesitaba para mi comision: hay Dictionarios Portugueses, y Franceses, Portugueses, y Latinos, Ingleses, à aun creo Alemanes, pero hasta aora aun no sé qual es el mejor y el que fuese lo compraré para vm. Yo boy recogiendo terminos para formar uno con las correspondencias españolas, pero hasta aora habemos estado muy mal acomodados para trabajar methodicamente (*sic*).

Puede decir vm a la Gefa, que Bajilla de pedernal como la quiere, esto es con lista ô filete azul, ô verde no se halla completa en toda Lisboa, hay si platos pero no hay mas piezas. Dela vm mis expresiones a mi Sora. Da. Antonia como al Amigo Peñaredonda, que supongo habra ya empezado á servir, y assi(*sic*) no le escribo, pues harto tendra que hacer.

No crea vm la venida de los franceses, pues estas gentes no hacen movimiento para contenerlos, y aunque estubo dada la orden para marchar dos Regimientos á Mahon se ha recogido, bien es verdad que tampoco los Ingleses los han necesitado.

Esta bien hecha la reforma Paquebotica. "tracten fabrica fabri", y baya Zorrilla a descansar, que creo es poco á proposito para el trato, lo que yo quiero es que quando Clavijo empuñe el baston le hable vm de Portalea como me ofrece, y como le tengo dicho á mi can.º

Aun no puedo decir a vm cosa de provecho de aqui pero ya hablaré, en intero.

A Dios que soy de vm su Afectisimo amigo

Cornide.

Sor. Dn. Joseph Ayllon.

Bilhete anexo: Las cartas de a pliego y de a medio nos cuestan 3 vinteis que hacen Real y medio, y esto es lo unico que hasta aora he podido sacar en limpio pues el correo es una confusion.

Es nulo lo que digo sobre bajilla, pues acaba de llegar una con perfil azul tal qual la quiere la Gefa digaselo vm, y que me avise que numero de piezas quiere.

III

Lisboa, y Henero 12/99.

Mi estimado amigo: aora que ya sée que vm existe, y que en su salud muy apreciable para mi no hay novedad ya se pondra corriente nuestra correspondencia y ya yo me encomendaré, bien que aun no será muy largo por que con el establecimiento de casa, y de su economia domestica estos dias hé salido poco de ella: A vm le parecerá el tal establecimiento un gran disparate, pero en saviendo que mi sueldo se queda reducido a 4000 Reales mensuales por razón de la perdida del dinero, y por el cambio, y que los gastaba mensualmente en la fonda, vee que ha sido preciso usar de todos arbitrios(?) para que se quede alguna cosa para los ultteriores viages, pues en el de Madrid hasta esta se me fueron 1200 Reales y pico: Es verdad que tube que pagar 6 meses adelantados, y que pienso pasarmelos aqui; que compré muebles, pero para uno y para otro dará la economia de vivir uno sobre si, y mejor comido que en la fonda, y el arbitrio de llebarme todos aquellos á Galicia por un barco neutral pues ya con esta idea he procurado comprar los que me adaptan para Mondego.

Por regla general aqui nada hay mas barato que en esa, á no ser el pescado pues aora mismo acabo de pagar três lenguados medianos por 6 Reales de allá, y una merluza harto grande me salio en (*algarismo ilegivel*).

Los generos de algodón también estan á conveniencia pero como son prohibidos aqui hay dificultad para obtenerlos, y no menos para introducirlos en España.

Como estoy leyendo las memorias de esta Academia de Ciencias en que hay dos tomos de Economicas esta carta se resentirá de este espiritu pero otra sera mas amena.

Ayer he visto el Gavinete de historia natural, y curiosidades del Convento de Jesus, que son terceros franciscanos a donde regularmente concurro por estar muy cerca de mi casa, y estar en el el Padre Sousa maestro de Árabe, y otros excelentes religiosos de la criacion del Sr. Obispo de Beja.

El tal Gavinete fue formado por un Religioso llamado el Padre Mayna confesor del S^o. Rey Dn. Pedro, tiene tres ó quatro salas, y aunque no esta colocado sistematicamente tiene de todo, y los individuos de historia natural tienen los nombres linneanos, por lo demas es una cosa al ayre del de

(*nome ilegível*), y enquanto a minerales, y piedras preciosas no esta escaso.

En el mismo convento hay una excelente libreria formada por el Sr. Obispo de Beja. Ocupa un salon abovedado como de 50 varas de largo, dividido por un corredor en dos ordenes con mucho alto y la bobeda medianamente pintada, hasta aora no entré a verla por menor, ni para oy se puede (?) decir mas.

Aseguran aqui que estas gentes esperan 12000 de tropas auxiliares para esperar a los Franceses pero por mas que de alla nos digan que vienen, yo aqui no veo movimiento que lo indique.

Adonde ban esas dos expediciones, que salieron de la Coruña, y de Cadiz y que dicen lleban 9.000 hombres de tropa y varios millones?

La parte economica de esta epistola es solo para vm de quien y de Madama queda su Amigo

Cornide

(1) Respondo salio Lema de la Secretaria, quien quedó con los Correos?

Mi amigo y Sr. Ayllon.

IV

Lisboa, y Henero 15/99.

Amigo mio: que le diré yo a vm en este correo que dista tan poco del pasado? en el intermedio de los dos solo he visto digno de notar el famoso aqueducto de esta ciudad, obra de el Sor. Dn. Juan 5.º y que por su robusta mole pudo resistir a los baybenes del Terremoto de 55. Aun no sé precisamente de donde viene pero llegué a pasearlo hasta media legua de la orilla del mar, esto es hasta donde corta un arroyo llamado Alcantara pasando sobre una larga, y altissima(*sic*) arcada cuja perspectiva espero vea vm algun dia: alli tiene dos anditos descubiertos de cinco quartas de ancho entre los cuales cerrado, y bien cubiertos con sus ven-ganas laterales pasan las aguas en dos canales para que

(1) Varias vezes ocorre a abreviatura "resp.º" — que, de acôrdo com o meu prezado e ilustre colega, Prof. Luis Amador Sánchez, desdobre deste modo, quivalente a "afirmo sob responsabilidade".

quando el uno se limpia puedan correr por el otro con varias arquetas ô torres aquarias muy bien adornadas, y el todo de marmol sin pulimento. Desde estos arcos sigue el tal aqueducto hasta el sitio de las Amoreyras adonde despues de pasar sobre una puerta de la cual viene a parar a un gran deposito ô piscina desde la qual se comunica a los varios chafarices ô fuentes publicas de la ciudad, y a varios conventos y casas de particulares a quienes se les puso alli sin coste alguno, por cuya razón le llaman "as augas libres", y a decir verdad si la abundancia de estas fuera proporcionada a lo grandioso de la obra, pudiera competir, y aun exceder a los mas famosos de la antigüedad quando no en lo largo á lo menos en lo solido de la fabrica.

Ya que le hablé a vm del sitio das Amoreyras, añadiré por corolario, que tiene este nombre por ser una plazuela con una fuente en medio rodeada de Moreras, y ceñida de casas de un solo alto pero bien fabricadas, adonde el Marqués de Pombal havia establecido varias fabricas particularmente de sedas, como terciopelos, tafetanes, tisues y otras cosas, entregandolas á 60 maestros, que cada uno tenia 8 telares todo por cuenta de la Real Hazienda pero con el tiempo se fueron los mas de ellos, y establecieron fabricas en sus casas; una de estas fabricas de Talavera, la que aun subsiste alli cerca y hace loza ordinaria pero de todas formas y estatuas, macetas, etc.

Ali tien (*sic*) vm su poquito de Economico, y de artistico, y es preciso dejar algun hueco para darle la enhorabuena por "si forte" hacen confesor de su alteza al Sor. Bejarano obispo de Buenos Ayres, en cuyo caso tendra el padre, el tio y toda la familia que dispergerse como las ovejas cuió pastor es percutido, que tal? Este si que es language.

A Dios que hoy no ha habido carta de vm, ni de Dn. Francisco para quien remite la adjunta su amigo

Cornide.

Sr. Ayllon.

V

Lisboa, y Henero 19 de 1799.

Amigo mio estimado; acababa yo de estarme informando del merito de un Diccionario Portugues, y frances, quando el amigo Roussac me entrego las Gemelas de vm, no las llamo tales porque se parezcan, sino porque para mi son

de un parto: cuento con tener alguna otra, y las de varios amigos en un pliego voluminoso que me dicen hay en el correo para mi, y que no quieren entregar sino en propia mano por que viene certificado de Badajoz, y esto me hace creer que sera un exceso de formalidad de aquel exactissimo (*sic*) Administrador, pero esto no me detendrá para contestar a vm, para celebrar que esté bueno; y para decirle que yo lo estoy, y ya que se halla corriente nuestra correspondencia ya pueden venir a mi en derecha las cartas, pues no quiero hacerme gravosa (*sic*) a los Amigos.

Vm quiere saber lo que he visto por el camino, y esto es obra larga pero le diré que en Merida he visto dos Aqueductos arruinados, dos Albuernas adonde se cogian las aguas para regar, y la de uno de ellas, y aun creo que la de las dos tambien servia para beber, una parte de puente tambien romano de excelente fabrica almohadillado, un Teatro, un amphiteatro, un circo, y las columnas de un templo que se cree romano y dedicado á Diana, y en lo primero no hay duda, varios baxos relieves de otro dedicado á Marte, excelentes capiteles, varios cipos, y otras cosillas semejantes con muchas inscripciones que copié no se hizo lo mismo con los Monumentos pero (?) ya lo hicieron el Sor. Velazquez, el Abate Villena, y un tal Rodriguez que es alli Arquitecto, y que envió sus trabajos á la Academia de las tres artes.

No sé si ese francés ha estado despues de nosotros, pues si hubiese estado antes algo hubieramos savido de el, dígame vm a mi amigo el Sor. Arnal que procure recoger lo que haya trabajado, pero que lo vea con cautela pues estos extrangeros caminan muy de prisa y acaso haran lo que hizo Murphi en Evora adonde le cogimos en algunos renuncios, supongo que ya tendra su obra de la Batalla pues de aqui fueron dos juegos á Sancha, y me persuadi que uno seria para el, agora le hallamos el otro dia en Belen, cuja Iglesia está copiando en perspectiva.

Basta de antiguedades por oy otro dia seguiré: Ayer fue la Junta publica de la Academia de las Ciencias de aqui, de cuio instituto son las exactas y las naturales, la literatura Portuguesa, Agricultura, Economia etc. fuy convidado para esta función a que asistió de incognito, y por detras de una cortina el Sor. Principe del Brasil con el Sor. Infante D. Pedro, y aquel nos echó bastantes ojeadas a los quatro españoles que estabamos juntos, y eramos los unicos de nuestra nacion: Leieronse varias memorias sobre los diferentes

ramos de el instituto, pero lo que me ha gustado mas ha sido el Elogio funebre de un socio llamado Melo, dicho por el secretario: concludida la funcion se sirvio un buen ambigu en otra pieza, y hubo sus helados que aqui no son muy comunes.

La Academia esta alojada en una casa particular junto a los Paulistas, calle de Callariz, en la parte media con respeto a la altura de la ciudad, y aunque tiene muchas piezas no tiene alguna obstentosa, en las que andube está el Gavinete de historia natural, el de Phisica, y el de Mathematicas, muy bien colocado todo en estantes de cristales, pero como era noche, no he podido informarme bien, lo que pienso hacer con mas despacio.

En esta misma casa esta la imprenta de la Academia, no comparable con las nuestras, y en e(1) segundo andar (quarto segundo) hay otra Academia (creo de Ingenieros, y artilleria).

Esta dicho lo que se hizo estos dias, aora bamos a contestar á vm diciendo que venga la medida del dedo de mi Sora. D.^a Mariquita que se le buscará una sortijilla compatible con sus fuerzas de vm, pero que añada de que piedra le gusta mas.

Quedo advertido del encargo de la... (1) pero la gran dificultad para mi, es como se ha de sacar de aqui la baxilla siendo genero inglés cuja entrada está prohibida en España, pero veeremos se hallo arbitrio, que si se atreviese Peñaredonda en pedirle una licencia á Soler seria muy facil, y a fee que bien se lo merece una mujer que me combida (?) para escribir á Monjas en el mes de Mayo, lo que dudo mucho poder verificar, pues en aquel mes sera quando yo pase á Galicia, pues antes no es tiempo de viajar en las Provincias del norte de este Reyno si son frias, y mojadas a proporcion de las Meridionales, pero al cabo si vivimos lo que no es dia de Santa Lucia sera otro dia: Y vm que hace?

Que comboy es el que ha entrado aqui lo sabrá vm pues habra bajado por el Tajo respondo no ha subido por su barra el del Brasil con azucares etc. hace tiempo que está en el Puerto, pero por eso no dejan de valer sus efectos (?) harto caros.

Gracioso cuento es el del Sor. Acedo Rico, que bien merece por su cabeza tales burlas, he divertido la compañía

(1) Deve faltar alguma palavra no manuscrito, lapso de memoria explicavel pela mudança de lauda.

de sobremesa leyendole la carta de vm que les agradó otro tanto, como un excelente cherne (perca chernua Linnei) que acaban de comer, y de que Prado habia sacado antes un dibujo.

Como el Obispo de Osma no hubiese sido el Sor. Tavira, lo demas me importa poco aun que fuese el mismo Iñigo Arista.

Con que Clavijo lleba de su Ayudante al hijo de Roldan de Betanzos? me alegro. Mi hija en su conciso estilo me cuenta la reforma, que vm me explicó mas por menor dele vm la enhorabuena de mi parte al Amigo Royo por si a la chica no le ocurre esta atencion.

Ya me ha dicho vm lo de los (*palavra ilegivel*), dígame vm aora, como queda la Ysla de Santo Domingo adonde acaso irá la expedicion pues para la Jamaica aun unida con la de Cadiz es poca, y para Canarias mucha.

Patifio, si la Ysla queda por nosotros quisiera quedarse alli de Administrador con 800 pesos, y sobre ello representa a los Directores, pero yo no doy curso á sus Papeles hasta saver si sera tiempo oportuno.

Esto ya ba largo á Dios amigo mio respetos a Madama, y a toda la familia de su afectisimo

Cornide.

Amigo y Sor. Dn. Joseph Ayllon.

Anexo a esta carta, no códice, está o *Programa da Academia Real das Ciencias de Lisboa*, de 17 de Janeiro de 1799.

VI

Lisboa, y Enero 21/99.

Por fin, amigo mio, ya se explicó el Administrador de Badajoz, y el gran pliego que habia en la Estafeta de esta ciudad era suio, y contenia tres cartas de vm de 9-11 de noviembre y 13 de Diciembre, con el pliego de Valencia, y los de Dn. Francisco con que ya estamos en corriente y vengán aora en derechura pues ya mi nombre existe en el correo y en el papel sellado pues tanto me ha sido preciso para que me lo entregasen, y fee que estimo mucho el hallazgo pues me conduce mucho el tal pliego de Valencia, siendo como es el viage que el Sor. Bayer hizo en este Reyno desde la Raya de Andalucia hasta entrar en España por Badajoz casi por

los mismos lugares que yo, y observando lo mismo quanto a antigüedades que yo he observado.

Aqui le incluí a vm la respuesta para mi amigo Ferriz, y si el enviase a vm alguna cosa enviémela vm por el mismo conducto Badajoz, pues algo se chupa.

Las tres citadas cartas de vm dejan satisfecha toda mi curiosidad oy para hacer lo mismo con la de vm, digo que yo procuraré averiguar que torre es esa del Obispado de Badajoz, pero que por si no la descubro que pregunte vm de mi parte a dn. Thomaz Lopes, que ha hecho el Mapa de aquel Obispado, y no puede dejar de tener noticia: Yo conozco Torre el Fresno, cortijo del conde de este titulo, entre Merida, y Badajoz a la derecha de Guadiana.

Si sera ese Eclesiastico Malagueño Dn. N. Leña, sobrino del canonigo (*palavra ilegível*) canonigo de aquella Iglesia, que como tiene su opinion algo tachada, por haber sido uno de los que andubieron en las historias de las excavaciones de Granada, publicó las conversaciones á nombre del tal sobrino: si es conde save mucho.

No parece la Carta etc. ni hay quien me dé noticia de ella, por que no a todos se puede hacer la pregunta.

Ya tengo dicho quanto á Diccionario; irá, pues aunque falta el 2.º tomo para lo que vm quiere no es esencial, pues vm ni quiere aprender el Francés, ni el Italiano, sino el Portugues.

Quando vm tenga proporcion de pasar en casa de la Sora. viuda de nuestro amigo Dn Miguel de Manuel pidale licencia para copiar de sus lecciones de historia literaria, la que dice de una *Biblia castellana que existe en casa del Duque de Alba, y que fue traducida por un Judio de Maqueda Vassallo de un ascendiente de aquel señor y un padre Agustino, y en cuja traduccion tardaron 8 años, y me parece que costó 8.000 doblones.* Yo he visto la tal Biblia, pero Dn. Manuel nos dio noticia de ella, en una leccion.

Asi me hallase vm tambien entre los papeles de dicho Amigo una noticilla que le habian comunicado de Valladolid (creo que un tal ...ranes (*ilegível o principio do nome*) de un (*sic*) defensa ó alegato hecho por un Abogado llamado (me parece Espinosa) *a favor de un tio, ó de un sobrino que litigaban sobre la subcesion de unos vienes, en cuja alegacion (palavra ilegível) citado el mal hadado codice de las Partidas,* como existente en la Torre del Tombo: le he pedido la tal noticia al amigo Capmany, y ni á eso, ni a nada contesta,

pero vm calle su pico, y haga si puede. Ayer leí citado por un Portugués que estuvo en esa en el año de 90 á otra comision como la mia, citado con elogio á nuestro Malogrado Manuel.

No le subceda a vm lo mismo (?), cuidese mucho, Amigo mio, como lo hace su afecto

Cornide.

esta es apendice de la de el viernes, y ba por el extraordinario.

Amigo Ayllon.

VII

Lisboa, y Henero 26 de 1799.

Amigo mio; continua la falta de cartas de vm, y de Dn. Francisco digaselo vm, para que en el caso de haberse perdido, me diga, ó repita lo que me habia dicho.

He visto en estos dias el Gavinete de História natural, y el Jardin Botanico, en el sitio llamado da Ajuda adonde vivia el Rey despues del terremoto y de donde por haberse quemado aquel mezquino Palacio, pues eran unas barracas, se mudó para Queiruz (*sic*). el Gavinete es pequeño pero arreglado systematicamente y tiene cosas muy preciosas, especialmente en aves, y conchas: El Jardin dudo que ocupe una quarta parte del nuestro, esta bien arreglado, hay en el algunas Plantas americanas que no tenemos alla, pero tambien tenemos otras de que aca se carece: Me condujo en su segia el Director Vandeli, condiscipulo y corresponsal de nuestro amigo Ortega.

Es tarde y ba á salir este desordenado correo, A Dios y salud a vm á toda su casa, y familia, y a los Amigos (*sic*). De

Cornide.

Amigo y Sor. Dn Joseph Ayllon.

VIII

Lisboa, y Enero 29 de 1799.

Amigo mio; por fin llegó oy su carta de vm de 18 por mano del Amigo Roussac, adonde la fuy buscar sospechando que no sabiendo mi casa estaria alli hasta que yo pareciese por su casa alguna noche, pero como las calles estan llenas repuches (?) aunque el tiempo está templado, nos las pasamos en la nuestra y cada ano en su ramo no pierde el tiempo.

Desde la mia de anteaier, no hice otra cosa que ver esta mañana la Yglesia de un convento de Monjas de Santa Theresa fabrica de esta Reyna, y obra de mas coste que el Escorial pues subió a (?) millones de Reis que tanto son (?) mil cruzados. La tal Yglesia es toda de marmol exterior, y interiormente adonde está pulimentado, y mezclado de varios colores que no hacen el mejor efecto; su forma es una Cruz latina, concluyendo la capilla mayor y los brazos del crucero en cascaron, tiene 8 altares con Pinturas y adorno de columnas, de aquellas (?) 7 han venido de Roma, y del estudio de Pompeyo Batoni de quien me parece es el quadro del altar mayor y del crucero al lado del Evangelio, pues el de la epistola lo ocupa una tribuna ô choro de las monjas, los otros cinco quadros pueden ser de discipulos del mismo Batoni, y el 9 que es el de la primera capilla al lado de la epistola, que es seguramente el peor es obra de la Princesa del Brasil viuda, y de una hermana suia: otras Pinturas sueltas hay por la Yglesia, y en la sacristia, y son de un Portugues llamado Pedro Alexandrino que estubo en Roma, y por el estilo me parece que puede ser discipulo de Batoni: las tales Pinturas, y especialmente el triumpho (*sic*) de la fee que ocupa el medio del techo de la sacristia tienen merito.

El Quadro del altar mayor que es el corazon de Jesus, que un Papa muestra para que lo adoren a las quatro partes del mundo que estan representadas en lo bajo del quadro con sus atributos, ofrece el titulo de la Iglesia y haciendo el primer papel en dicho quadro se quedo el Santissimo Sacramento allá en segundo termino y como de miron.

El quadro de la Epistola es la cena del Señor y en verdad que los Apostoles no tienen toda aquella nobleza con que se deben pintar las figuras divinas. los mas quadros son Santo Tomas que toca la llaga del Señor, San Miguel que encadena al Diablo. Los celos de San Joseph, un extasis de San Pedro de Alcantara, el Patriarca Elias, y Santa Theresa que se aparece á la Reyna y le inspira el que haga la Yglesia etc.

Esta es de un trabajo muy prolijo de orden compuesto de Pilastras, interior y exteriormente aunque fuera son dos los ordenes (?), uno alto y otro bajo, en el frente tiene quatro columnas que solo sirven para sostener quatro estatuas de marmol no buenas, y a lo menos no pueden competir con otras dos que hay en nichos una de Santa Theresa, y otra de otra Santa Monja, que son de lo mejor que hay en Lisboa, y obra de un tal Machado que fue el que hizo el

modelo de la estatua de Bronce que está en la Plaza del Comercio. Tiene dos torres con columnas en los angulos, y su cupula, y aunque el todo no hace mal efecto en lo particular hay mil defectos e impropiedades; Ella es la obra mais reciente que hay en Lisboa pero en la que los Architectos de esta ciudad no han dado pruebas de su gusto é inteligencia del antiguo.

Aora le oygo yo decir a vm: todo esto es lo que ha dicho Prado, y a fee no se equiboca vm pues me acompañaba quando estube en esta Yglesia, y ponía una cara como si le diesen hiel y vinagre.

Que distinto juicio tiene este profesor hecho del templo de Evora, que quando menos acuerda los tiempos de Sertorio. lo que queda de dicho templo que son algunas columnas enpotradas en una pared que forma la cortaduria, dice que es comparable con los mas arreglados edificios de Roma, y que no save como los Portugueses no se aprovechan de semejante modelo, de que ya veera vm algun dia el diseño.

En Beja se hizo el de un tronco de una estatua de Cybèles que se conserba en el Museo del Sor. Obispo, y cuio estilo es griego y con excelentes trapos, una parte de los pies que se hallo suelta prueba que los miembros no son menos elegantes que la ropa.

Quedo advertido de lo que dice Dn. Damaso de Portalea, se lo trasladaré al canonigo y que procure inspirarle mas valor para lo adelante, ah bien que si Clavijo se acuerda que fue marino, no será muy impertinente en el examen que haga de los que entregaron el Grimaldi.

Quando llegué aqui empecé de escribir a mi casa por Tuy al mismo tiempo que por Madrid, y ya estoy desengañado que por alli se pierden dias: bien hay correo para Oporto, pero tan poco arreglado como el de las otras carreras del Reyno por que esta renta es como creo que ya tengo dicho a vm entrada aora en manos del Rey, y sus dependientes son nuebos y muy groseros.

No me quedan 54000 de los 60, y (*palavra illegivel*) lo 4097 Reales y 10 mrs (?) al mês, y afee que buena ha sido alguna reservilla que habia hecho en los meses que estube ahi desde que me dieron la comision por sino se me habian de quedar las uñas en el caldo, porque las memorias Economicas, solo me enseñan a gastar como me subcede en libros que me citan y es preciso ver por que no todos se hallan de "bobiles bobilis".

Digale vm a mi S^{ora}. D.^a Maria Antonia que si la amiga de mi S^{ora}. D.^a Ines (creo que será mas bien la Dios dado) es la vera, que aun no la he visitado por que vive á dos ó tres leguas de esta ciudad en una Quinta, y el tiempo no ha estado para paseos "ad extra": Dela vm mis expresiones, y a los hermanos y tertulianos, y ofrezcame a los pies de mi S^{ora}. D.^a Mariquita en cuia compañía desea á vm la mejor salud su Amigo

Cornide.

Amigo Ayllon.

IX

Lisboa, y Febrero 6 de 1799.

Amigo mio; a la vuelta del pliego de vm me pone el buen Rebollo un renglon en que me dice que por mano de la S^{ora}. Tenorio los 2500 Reales que vm me hizo el favor de enviarle, sin hacerse cargo que el extraer dinero de España está prohibido, pues como vm save es negociacion del Banco, pero bamos adelante.

Y que haran (*sic*) vm con esos uniformes más quisiera ya que me le diesen á vm miñ reales de sueldo que cien uniformes, pero acaso vendrá lo uno, sobre lo otro: asi lo deseo.

Terrible subcesso es el de Napoles, y que haran aora los Ingleses? y que dice nuestra corte? Aquellos parece que se save por el correo de la Habana que estan bloqueando a Vera Cruz con tres navios, y dos fragatas, y que aunque se preparaba Aristizaval a irlos a echar de alli que estaba mal aparatado para ello, con que los Azogues que han salido de Cadiz estan muy expuestos a caer en sus manos: todo se nos tuerce, menos la expedicion de Canarias, cuios buques ya llegaron al Ferrol que no fue poca fortuna.

No hablemos mas palabras de los manuscritos de nuestro Dn. Miguel de Manuel; por de contado con la cartita que en el otro correo envié a vm para Cabrera tendré noticia circunstanciada de la Biblia, y lo demas que me importa a mi que el abogado de Valladolid diga que habia el tal codigo en el tomo suyo no parece (*palavra ilegivel*) de lo que tengo dicho a vm, que en substancia es un "quid pro quod", y que espero aumentar con las diligencias que le he pedido al S^{or}. Luis Pinto se practicasen en los mas Archivos del Reyno.

He recibido el pliego del amigo Ferriz, a quien contestaré en otro correo pues en este ya abulta mucho el pliego de vm que me dirá si en esto hay inconveniente.

Como desde el viernes no ha habido procesion, ni he hecho otra cosa que comer el Domingo con mi amigo Antonio Ribeiro dos Santos Bibliothecario mayor solo puedo decir á vm que este literato tiene una de las livrerias mas copiosas que he visto de afezonado con muchos manuscritos y curiosidades colocado el todo en una sala hecha a proposito muy alumbrada con grandes ventanas, y acompañada de varios Gavinetes, y de un mirador desde el que se vee el puerto hasta la barra y aun mas allá: nos trató muy bien, y habia una sopa de camarones que resuscitaba los muertos: por quanto han de ir mis cartas sin algo de Bucolico? A Dios amigo memorias a Madame y mandar a sua afecto

Cornide.

Y como bar.^{de} (?)M.^e y Tio?

S^{or}. Ayllon.

X

Lisboa, y Febrero 16/99.

Amigo mio; mucho dura el duelo de mi S^{ora}. D.^a Dyonisia, pues en este correo me vuelvo á hallar sin carta de vm a no ser que se haya quedado trasconejada en el correo, pues en casa de Roussac no la han recibido, ah bien que presto saldré de dudas, y en interin sepa vm que tengo terribles quejas de la Gefa contra vm, y contra mi primogenito que parece la tienen casi abandonada, al primero ya le reprendo haciendo uso de la authoridad paterna, y á vm se lo advierto fraternalmente pues me parece que la diaria asistencia de las vecinas con quienes me acuerdo estaba vm picado, no me parece es disculpa suficiente en fin si no vale mi consejo, apelo á los meritos de la Beata Antonia muy acrehedora a los obsequios de un corazon sensible a la virtud.

Mucho tiene esta en que ejercitarse por acá en estas semanas de quaresma: cada viernes ó “sexta feira”, hay una procesion de pasos; aier fue la de un Divino Señor con la cruz a cuestas, que trajeron anteaier de la Yglesia de Gracia (Agustinos calzados) a la de San Roque (oy Misericordia sus cofrados en cuió numero entra toda la grandeza y aier la volvieron á sua casa, acompañandola todos con manteletes, y Mucetas moradas, y (*palavra ilegivel*) en las manos figurando velas de cera amarilla. El concurso ha sido grandissimo (*sic*) pero una niebla humeda echó a perder el paseo que parece estar en (?) posesion de sufrir semejante averia todos

los años prueba de que el Nazareno se complace mucho con semejantes obsequios.

Ayer mañana hizo la corte otro de diversa (*sic*) a las reliquias de San Antonio de Padua cuja translacion se celebraba en semejante dia y en su capilla que ocupa el sitio de la casa de sus padres, y es bastante capaz aunque del depravado gusto architectonico que tienen aqui todas las Iglesias.

El Principe, la Princesa Carlota, y todos sus chiquillos estuvieron a la funcion, y presentaron el mas pequeño por la primera vez el ultimo Infante a su Santo paysano: Mis compañeros vieron toda la fiesta muy á su sabor, pero yo que nada he sabido de semejante funcion me quedé en casa y solo la cuento por su relato.

Para acabar de llenar la carta boy á decir lo que no sé si ya conté á vm, y es que al pie del antiguo castillo que es por donde estuvo situada la Lisboa romana, se ha empezado á descubrir antes que nosotros llegasemos aqui un teatro romano, dedicado á Neron, y aunque aparecen algunas columnas y tres estatuas todo es de mal gusto, y lo mejor que hé visto es el escenario que han sacado casi entero colocandolo fuera de la Escavacion; es de marmol de colores, y contiene una inscripcion en que se hizo la dedicatoria al Emperador. Las estatuas son de Hercules, y de una muger, bien que sobre las de aquel se armó aqui una disputa entre dos antiquarios pues uno las quiere que pertenescan al hijo de Jupiter y Alcmena, y el otro dice que son unos silenos, yo hasta aora no he visto las disertaciones pero si una estatua que a la simples vista me pareció del primero.

El trastorno en que está el tal Teatro supone un terremoto posterior a su fabrica y del que acaso no habra noticia por otro camino; se ha acabando el de esta carta, y assi soy de vm, y de Madama su Amigo

Cornide.

Amigo Ayllon.

Segue-se em undécimo lugar uma carta de 17 de Fevereiro de 1789, escrita de Mondego, na Galiza, portanto muito anterior e estranha ao epistolário de Lisboa.

XII

Lisboa, y Marzo 2 de 1799.

Mi estimado amigo: por la eficacia de nuestro Amigo Rebollo tube aqui mis 2500 Reales el 27 por la mañana, y con

ellos la carta de vm del 22, y la poco agradable noticia de la Jubilacion de el S^{or}. Saavedra, cuio decreto me envian oy, y a fee que me parece bien seco; digame vm si llega a apurar-lo que intriga ô que duende ha habido, pues segun nos pintaban su salud, aora era quando se podia sacar partido de ella, y por que no lo hacen lo siento yo, y deben sentirlo todos los amen la nacion, pero en fin los que nos gobiernan sabran mejor que yo lo que nos conviene. Yo por mi parte y por aora me hallo tranquilo y para lo que esto puede durar lo mismo me importa ocho que ochenta, pero no puedo mirar con indiferencia la suerte de un Amigo que me ha elejido para una comision honrosa. En esta corte creo que influian poco las novedades de la nuestra, ella es un satellite del Grande Astro Albion, y no puede dejar de girar en la orbita que le rodea.

Ya dije a vm que no necesitaba las noticias de nuestro malogrado amigo, su viuda es muger, y es catalana, yo apostaré que no andaria tan mezquina una Autrigona, permitame vm este latinismo por no sufrir el sonsonete de vizcaya.

Lo dicho dicho quanto a uniformes y mas que sea de ordenados.

He vuelto á ver el Teatro, nada tiene de particular, pues ni aun se conoce su planta, ya recogeré yo quanto se ha escrito sobre el, como lo hice ya de las inscripciones que con otras, que hé recogido de varios authores, y que llebo confrontadas con las que existen, pasan de 80 las que tengo solo de Lisboa y hare lo mismo con los mas pueblos del Reyno.

Mientras el codice se ha copiando por los escrivientes que la corte tiene en el Archivo, boy yo recorriendo livrerias, y a fee que en la de los Menores observantes hallé dos obras Manuscritas, *sobre el Brasil, Colonia del Sacramento y Rio de las Amazonas*, que ya se hubiera alegrado bien el Amigo Estala de haberlas tenido presentes para la descripcion de aquel Pais que publicó en los ultimos tomos del viagero universal, pues son muy modernas, y circunstanciadas, pero ya cuidaré yo (si me dan tiempo) de llevarme una copia, pues tambien son interesantes para nuestra corte.

Creo que el trabajo material de Lopez no disgustará al conde Guzman, assi vm lo llamase, y le explicase las comodidades que debe tener una buena posada; Yo aseguro que a labar un papel no le gana alguno de caminos, pero le falta practica, haber visto; y haber leído buenos livros como lo hizo Prado, que aora ya estará en el regazo de su socorro.

Assi hallara vm otro conde Guzman a quien pudiese servir de algo mi Dn. Francisco, entonces si que seria vm no piedra de amolar sino piedra fundamental sobre que se erijese la estatua de su fortuna.

Digame vm si se calmó la colera de nuestra Gefa con la respuesta que yo hé dado a su llamada carta larga que solo tenia de tal los finales de unas ampulosas letras, que podian hacer un paxoli a las de los Psalterios del choro del Escorial, baya que la tal Gefa se ha olvidado de aquello de *eadem mensura* etc. pero (?) todo se lo perdono por que save embarrarse y desembarazarse con elegancia.

En fin amigo, de palitos y tronchitos se ba llenando esta carta, cuidando que no la guarde vm pues no es de las que pueden publicarse algun dia. Salud, y a la consorte de su Amigo el de (*palavra ilegivel, fazendo de assinatura*).

S^{or}. Ayllon.

XIII

Lisboa, y Marzo 5 de 1799.

Mi estimado amigo; de mejor humor, y con menos motivos de pena, le quisiera yo a vm quando llegue esta á sus manos para que leyese esa oda anacreontica que he traducido en gallego para que vm vea la cortissima ó ninguna diferencia que hay entre aquella lengua y la Portuguesa: Ella es sacada de la historia de un Estudante de Coimbra que en tres tomitos de a 8.^o escribió su vida pituresca en estos ultimos tiempos, y en la que mezcló muchissimas composiciones particularmente del genero lirico odas anacreonticas, canciones etc. usando en la prosa de un lenguaje sencillo, y natural que puede servir para aprender la lengua, y aunque hasta aora solo lo he tenido por el favor de un amigo no será el ultimo que compre, y si hubiese proporcion me precederá con el Diccionario para que vm vea como se habla aqui entre las gentes de una regular educacion: El author vive en su pueblo, que es la villa de Ovidos 12 leguas al norte de esta corte, sobre el camino de Galicia, y exerce de Abogado.(1)

Mucho tenia oy que contar (a) vm, pero lo abrebiaré por que ya veo que no está la Magdalena para Tafetanes. En fin bamos allá, Ayer por fin tambien me determiné a empre-

(1) Refere-se á *Vida e feitos de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão*... Lisboa, 1792 e seggs., 4 tomos.

der el viage de Queyluz para ver a la S^{ra}. Tenorio y Moscoso que es su apellido, y por el que aqui la conocen: Queluz es una casa de campo fabricada en una hacienda propia del estado del Infantado por el Sor. Dn. Pedro Primero, (1) hermano y hierno de el Rey Dn. Joseph a igual distancia de esta ciudad que está el Pardo de esa corte, y unida á esta por un camino de calzada, en la primer legua acompañado de casas, y quintas, y en la segunda de dos ó tres poblaciones, y tierras de labor, como son las que la rodean, con pocas arboledas, por lo que, y por estar el dia algo pardo no me pareció el sitio mas ameno: su situacion es en una loma suave entre dos arroyos que tienen señales de ser poco caudalosos, ó de quedar en seco en verano.

El edificio aunque exteriormente no parece grande se extiende bastante acia el Jardín adonde tiene sus principales vistas, su arquitectura es viciosa como generalmente la de aqui por los excesivos, e irregulares adornos a que en parte les convida la excelente calidad de la piedra que es un marmol blanco algo manchado de pardo. Consta el tal Palacio de dos cuerpos bajo y principal, y termina con una mansarda en que estan abiertas las guardillas.

La Quinta ó Jardines tienen mucha semejanza con los de San Ildefonso, aunque no les llegan ni con mucho en Fuentes, Estatuas y adornos, pero hay su "parterre", y muchas calles rectas, con banquetas ó espalleres de mirto, y laurel, Arboles altos como los del Retiro, Piramides, vasos y otros adornos de cedro, tejo, y cipres bien cortados, y en los quadros flores por que en todo el Jardín no hay frutales ni legumbres por que su fundador decia que eso no era para Jardines de Principes, no obstante en lo mas remoto no deja de haber algunas legumbres, y aun gallineros de las Damas de palacio, a quien hasta el mismo Principe considera mucho.

Hay su Ria, que casi se halla seca, y entupida con el cascajo que acarretó un arroyo en este hibierno; hay sus casas ó (?) gavinetes para musica, hay jardín botanico con dos estufillas ó hibernaculos en que he visto muchas piñas tan grandes como gruesos citrones, y finalmente en lo mas retirado hay un corral con doce ó 20 venados, y entre ellos dos de una especie nueva, venidos de la India Oriental, y llamados nisos que son del tamaño de una jaquilla, de color ceniciento con dos anillos blancos en los quatro pies de la

(1) Enganou-se Cornide: era Pedro III, rei consorte, pelo casamento com sua sobrinha, a rainha D. Maria I.

traza de un venado, y con una moderada prominencia entre los homoplatos por lo que les consideran como un medio entre el ciervo y el camello.

Bolviendo al Palacio, este por la parte que mira al Jardín, que es por donde este le cae muy bajo tiene un portico de columnas doricas bastante regulares y que sostienen una galeria al piso del quarto principal, y desde el bajo descende una escalinata adornada de balaustres y Estatuas de malas formas. Aunque la estacion no es la mas propia ya empezaban á brotar hermosas flores, ranunculos, Anemonas, Jacintos, Junquillos, Tulipanes, y francesillas y me dijo el Director que el Infante Dn. Pedro solia emplear cada año sus 6 ó 7000 cruzados en cebollas. Fuera de la Quinta principal hay otra posesion para lo comestible assi como el Jardín de nuestro Infante Dn. Antonio en Aranjuez, de suerte que en Queluz se puede decir con Horatio que "mixtum est utile dulci", y esto es todo lo que hay pues el Pueblecito es un agregado de casuchas, y barracas de tablas del mas feo aspecto, sin que haiga otra fonda ni hosteria mas que un miserable bodega que hasta mi Francisco halló indecente.

No me subedió a mi assi pues con el amigo Heredia que me acompañaba comimos opíparamente en casa de la Tenorio, que tiene su quarto contiguo al del Sr. Dn. Pedro su pupilo del que es Gefa, y tanto que lo hizo venir a su sala para que le besásemos la mano, como lo hicimos y nos pareció muy bien.

Con motivo de pasar por el apartamento de su alteza he visto dos grandes salones en el Quarto bajo, todos guardados de Espejos, y dorados, a la antigua con vista y salidas al "Parterre".

El Infante tiene su maestro de latinidad que es un capellan de honor de España que vino con su alteza, y le confiesa sirviendole como de Ayo. tiene Maestro de mathematicas que es un capitan de fragata, y se lo ban a poner de dibujo, que lo sera un joven Portugues que ha estado en Roma pensionado por la corte.

Todo esto nos contó nuestra Paysana de quien nos despedimos a las 7 de la noche despues de haber visto en su quarto dos ó tres Ducas, y la Española Arnaud, muger del ministro de Alemania antigua conocida mia. A las nueve dimos fondo en Lisboa no sin "saudades" de La buña compañía.

Siga vm con el necrologio politico natural, mientras yo sigo con mis trabajos, y viagitos esperando con resignación

la suerte de mi encargo, que nunca creí fuese duradero, pero como las uñas no se queden en el caldo (como lo espero) todo lo demas es menos y dígame que tal se ha desempeñado el amigo Lopez, cuio trabajo es preciso que vm inspeccione a lo menos quando ponga las notas para que con algun galleguismo no nos C. en la predicacion: supongole muy ocupado quando no tubo tiempo para decirme que habia recibido los 300 del pico, assi como brebe, y sumariamente supo contarme su necesidad.

Adios amigo que esto ya ba largo el mismo Señor ponga fin a sua penas de vm (*palavra ilegivel*) de salud como a Madama de quien se ofrece su Amigo

Cornide.

No escribo a Dn. Francisco porque no ocurre sobre qué.
Amigo y S^{or}. Ayllón.

XIV

Lisboa, 9 de Marzo de 1799.

Amigo mio, aunque hace tres dias que recibí la de vm, esto es dos antes que el correo, y con ella la Gaceta, no quiero aprovechar esta proporcion, pues el buen Rebollo la incluíó á la S^{ora}. Tenorio, y esta tubo que enviarmela con un criado, y como esta dos leguas de aqui Queiluz, no me parece justo ponerla en esta precision. Dejela vm venir por sus pasos contados, á lo menos mientras no acompañe alguna pitanzilla, ó me introduzga yo con algun correo, que me lleve, y traiga lo que se ofresca.

Si vm con la fiesta del Angel, y otras cosillas, estaba tan embarazado, que no podia extenderme su estimable correspondencia yo agotado el numero descriptorio en la del correo pasado, solo me queda quedar en esta noticia de la Procesion de los Terceros del convento de Xabregas, que saliendo de su Capilla del Menino Deus, a la falda del Castillo corrió la Rua augusta, y otras varias y se recogió al anochecer á sua casa desde la qual los pobres Padres Franciscanos observantes tubieron que ir apeonando hasta el tal convento de Xabregas, que está en el extremo oriental de la ciudad, que quiere decir media legua larga de la Capilla del Menino: el acompañamiento de tal capilla era la vida de San Francisco desde su nacimiento hasta su canonizacion distribuida en varios pasos ó andores, en que habia Frayles, Freyras, Papas, cardenales, y Cristo quando le imprimió las llagas, y en verlos pasar se me fue la tarde, y a la noche me vine a casa, a leer una porcion de Manuscritos que me franqueó el S^{or}.

Ribeyro dos Santos, mi antiguo amigo y oy Bibliothecario mayor, y de los quales ya se estan copiando algunos, y cate vm aqui en que me paso el tiempo.

No grite vm tanto sobre mis combidadas, pues no por eso dejaré de repetir el obsequio en la "sexta feira" de Endoenzas (viernes santo) por que la Paysana me da mis reglas de Economia, y las plachadoras, ocupan a mis criados un rato por las tardes, y a fee, que no se puede pasar sin lo uno, y sin lo otro, y en fin ya vee vm como yo hago á pan y á ochavo, pues tambien see hombrear con Ducas, y embajatrices, y aun camaristas, pues en la Asamblea Queiluziana tambien estubo la Emilia prima de la Comenfort, que alli supe se casaba con un Capitan de valones, preguntete vm á esa Petillante Gefa si es assi, y por que no me lo ha dicho pues save que yo era amigo de su hermano.

No see si he contado á vm que entre los muchos buenos establecimientos que esta ciudad debe al Marqués de Pom-bal, es uno el de una Escuela de Comercio, que aunque despues de su retiro no está en tanto auge, aun es concurrida por mas de 300 oyentes. á ella deben enviar los comerciantes sus mancebos, y de ella deben salir los oficiales para las varias oficinas de cuenta, y razon, pues alli se les enseña a llebar los libros en partida doble, a formar cuentas, a perficionar la letra etc. de suerte que agregado este establecimiento a lo bueno de los Maestros de Escribir hay en esta parte en Lisboa mejor methodo que entre nosotros, y sea por esto ô por otras razones que otro dia me ocurriran, el comercio de los naturales esta sobre un pie muy ventajoso, y tanto que habiendo perdido empresas mas de 4 millones de cruzados (20 de pesos fuertes) me hizo observar un dia el Sr. Conde de la Lousá (que es un Grande) que aun no habia quebrado una sola casa portuguesa desde que empezó la Guerra.

Yo no veo aqui disposiciones para evitar el que esta se acerque mas, antes bien dicen debia salir un comboy mercantil para Italia.

A Dios y memorias a Madama, Gefa, hermanos y allegados de su Amigo

C.

Amigo Ayllon.

XV

Lisboa, y Marzo 15

Amigo mio: leyendo el otro dia en el primer tomo de los dos de que la Monarchia Lusitana compuso el Padre Frei

Bernardo de Brito, Monge de Alcobaza hallé esa especie sobre Munda de que no tenía noticia ni creo ha hecho merito de ella alguno de los Españoles que han tratado de la situacion deste Pueblo, por tanto se la remito a vm para que se la envíe a su Amigo pero prevengale vm que como Brito no es para algunos author de la mejor nota que resp.º se halla a mano, convendría que verificase la cita, por que como dice ese arco estaba á 5 leguas de Malaga, y en la falda de la sierra de Tolox, no me parece que pueda ser adonde y esta la villa de Merida, y si fuese adonde está Munda la vieja, tendríamos una nueva confirmacion de lo que dice Dn. Antonio de Mendoza.

Ya tiene vm allá la noticia de las piezas de la Baxilla, que remiti el correo antecedente a nuestro Dn. Francisco para quien incluío esa esquelita que supongo no correrá riesgo, y para lo adelante prevengale vm que baya al correo pues le escribiré en derechura.

Bamos aora al Diario; ante ayer tubimos una “brinca-deira” (como dicen aqui que equivale a un folgorio en Castilla) en Belen con el viagero Murphi que esta copiando la silleria de aquel Monasterio cuios diseños son por el gusto de las “loggias” del Vaticano, y segun el, muchas piezas dibujos del mismo Rafael, acompaños tambien un abate Portugues muy instruido en lo topográfico y literario del Pueblo y otro Pintor Portugues llamado Cyrilo que estudió en Roma que esta ayudando á Murphy que ya lleba 4 meses en Belem, y que tiene copiada la mayor parte de las sillas, y hecha en borrador la perspectiva de la Yglesia que como creo he dicho ya a vm tiene merito. Vimos la libreria, y en ella una hermosissima copia de mano de la Glosa de Nicolao de Lira a la sagrada Biblia, con lindissimas migniaturas al ayre aun que no de tan buen dibujo como las de los libros chorales del Escorial, todo en 7 gruesos volumenes *trabajado en Florencia, y regalado por el Papa Leon 10 al Rey Dn. Manuel* en correspondencia del precioso regalo que le habia hecho de las primicias de la India; vimos igualmente el Manuscrito de las Sentencias en otro tomo en folio, y en vitela como los de Lyra, con migniaturas *ni tan numerosas ni tan ricas* como los livros de aquel y vimos un quadro de San Geronimo en su estudio de un Portugues *llamado Avellar*, y del estilo de Rafael en la figura principal y en la perspectiva livros etc. pero algo gastado el color, y que a no ser el Leon

que es demasiado grande, y en primer termino seria de lo mejor que hay en este Pais.

Siento la desgracia de las vecinas, deles vm un recado de mi parte, y ofrescame a sus pies y de las que acompañaron a vm la noche del fuego, y digale vm a la Gefa que la Baxilla podra costar con el porte yendo en caballeria que es lo mas seguro cosa de 1200 á 1500 Reales.

Venga muy enhorabuena el buen emigrado que si el no trae otra recomendacion que para mi de poco le podra servir, no obstante yo de mi parte hare lo que pueda pues me es muy apreciable qualquiera cosa de vm y de su familia de la qual queda su Amigo

Cornide.

Amigo y S^{or}. Ayllon.

MUNDA

“Fr. Bernardo de Brito, Chronista Geral del Reyno de Portugal, en la 1ra. parte de su Monarquia Lusitana, libro 4.º folio 369 vuelto dice: que siguiendo la verdadera relacion de Vaseo y de Pineda, lo que vio con sus ojos dos o tres veces en el Reyno de Granada, estubo la ciudad de Munda á 5 leguas de la de Malaga, muy cerca de las villas de Cohin y Cartama tan celebrada de nuestro Portugués Jorge Montemayor por la hermosa historia de Rodrigo de Narvaez, y el Moro Abencerrage, donde ahora se vé un pequeño lugar llamado Monda; que con este nombre tan proprio (*sic*) se conservan las ruinas de la antigua ciudad de Munda. Y que, llegando el alli una noche con grande lluvia, se alojó en casa de un Morisco viejo, que entre otras cosas que le contó de aquel Reyno de Granada y de sus antigüedades le mostró dos monedas de plata de Augusto Cesar, y le dixo ser tradicion vulgar que alli acabaron las reliquias del Gran Pompeyo; lo que el Moro solo sabia de oidas, porque no tenia conocimiento del Latin, y no sabia mucho de nuestras historias. Al dia siguiente le dixo, que si queria hacer un pequeño rodeo en el camino, é ir con el á una heredad suya le mostraria cosas maravillosas; y añade: “Yo que desde mis primeros años tube inclinaciones á semejantes vistas fui acompañando á mi huesped hasta un repecho del monte Tolox, junto al qual fue edificada la ciudad, y en el medio de 4, ó 5 arboles grandes, me hizo ver un arco de piedra labrada ya arruinado, y quasi desecho, y unas letras Roma-

nas bastante bien esculpidas que estaban en una de las piedras de dicho arco, y que trasladé en un librito de memorias y decia asi:

D. M. S.

Q. HEL. OPTATUS. Q. F. S. E.
 ET. ORDO. MUNDEN. CIVI. BENE
 MERENTIS. MEMORIAM. D. D.
 JVLIA. HEL. OPT. ET. FIRMICA
 HEL. FILIAE. PIENTISS.
 FIRMICAE. MATRIS. ANN. XXXXVII.
 CINERES SIMUL IVNXIT.

S. S. T. L.

Quiere decir: Memoria consagrada á los Dioses de los Difuntos: Aqui está sepultado Q. Helio Optato; y los del Gobierno de Munda, dedicaron esta Memoria á su ciudadano benemerito, y sus piadosas hijas Iulia, Helia Optata, y Firmica Helia colocaron juntamente en este lugar las cenizas de su Madre Firmica, que murio de 47 años. La tierra les sea ligera.

Otra piedra mas pequeña y de menos trabajo tenia el arco, con las letras tan gastadas, que no pude leer todo lo que habia en ella: pero, porque en las pocas que leí hallé el nombre de Munda, las pondre lo mejor que pueda. Dicen asi:

D.....

FIR. XXXVII. FLAMINIC
 AVGVST. MUN. MUND Q.
 SIMPHOR. FR. HERES

P C. S. T. T. L.

Quiere decir: Memoria consagrada á los Dioses de los difuntos. Q. Simphoriano hermano y heredero de Firmica, Flaminica Augustal del Municipio de Munda hizo que se pusiese esta Memoria. Seate la tierra ligera.

De cuyos letreros inferi fundadamente ser aquella la ciudad de Munda, afamada por su batalla que luego referiremos, y no nuestra Coimbra, como quiere el Gerundense. la qual aun no estaba fundada en este tiempo, ni lo fue sino muchos años despues como veremos en el processo de la Historia, quando hagamos mencion de la destruccion de Conimbrica ó Condeixa la vieja, de cuyas ruinas se levantó esta

segunda que ahora vemos fundada sobre las hermosas aguas del Mondego, con algunos vestigios de antigüedad Romana, en cuyas pruebas se engañaron muchos hombres bastante instruidos en historia, no cayendo en la causa principal de ellos”.

XVI

Lisboa, y Marzo 26/99.

Mi amigo y Dueño; para hallarse vm con los cuidados con que se halla, y para ser dia de nuestro viejo santo harto hizo vm en decirme no solo que existia, sino en comunicarme las noticias que me comunica, y a que yo tengo oy poco con que corresponder, en efecto en esta semana, con la misa, y con un chuvasquillo que nos envia el norueste (*sic*), poco se ha podido hacer hasta aier tarde que para ir en casa de nuestro embajador a darle las “boas festas” pasé por la feria de San Bento, que subsiste desde el viernes santo, y que solo se compone de unos tendajillos de cosas como las de las covachuelas, y de varias tendecillas ô mesas, de Rosquillas Mazapanes amargos, y otras cosas “ejusdem fur furis” que atrae un monton de mugeres y de niños, y a las que se agregan mucho oficialillo, y mucho mancebo de merodeo.

Anteaier á pesar de la calabobos, quise ver la capilla de la Bemposta que está un buen quarto de legua de mi casa, por el extremo nordeste de la ciudad, porque me habian dicho que habia alli una buena musica pero llegué tarde, y me consolé con ver el edificio, que es una Yglesia oval en el cuerpo, en su capilla mayor forma un cascaron, esta bien pintada al fresco, y tiene dos quadros en el altar mayor y en un colateral de buena mano pero que aun no sé de quien son pues son modernos.

La Bemposta es un Palacio con una gran Quinta fabricada para la Reina Catalina, quando vino de Ynglaterra, y oy pertenece con la capilla en que hay una Colegiatilla con su musica, á la casa del Infantado que goza el Principe del Brasil como hijo del Infante Dn. Pedro en quien como hermano de Dn. Joseph ha recaido, y es una casita de quinientos mil cruzados de Renta, esto es la mayor del Reyno despues de la de Braganza que es la que desde Dn. Juão 4.º reina.

A que Lencastre se ha dado la inspeccion pues el casado con la Donata, ya tiene la de Milicias, y el otro creo que es un careuezo.

El amigo Rebollo ya entregó los 473 Reales y me incluyó el Recivo con lo que bamos corrientes y no ocurriendo por hora otra cosa me digo de la Autrigona, y de las amigas siempre afectisimo

Joseph Cornide.

Sr. Dn. Joseph Ayllon.

XVII

Lisboa y Abril 20 de 99.

Mi querido amigo; ya veeria vm por mis cartas, ya que tarde ó temprano las ba recibiendo que yo no aprobaba la renuncia del derecho á ser algun dia Primer Grammatophoro, ó sease Cursorum Magister, si señor hizo vm muy bien quedarse adonde estaba, y no encerrarse en las estrechezas del archivo, mas propias para el genio melancolico del subcesor de su señor padre que para vm, que es mozo puede trabajar y se halla en estado de lucir, y de hacerse conocer.

Pasqual de Mello, aunque solo jurista merece por tal muy bien el Elogio que le ha hecho Stockler, su obra del derecho civil, y criminal de este Reyno le hara immortal (*sic*), como vm lo veerá si quisiese, pues ya está empaquetada con el Diccionario de Saa, esto es el Lusitano, francés y otros libros, y envoltorios para Ortega, que saldrán de aqui luego que halle quien me llebe un cajon por menos de 40 Reales arroba como lleba el ordinario Carreño.

La tal obra del derecho Portugues son unas instituciones muy superiores á aquellas que publicaron en otro tiempo del Español nuestro Difunto Amigo Manuel, y su compañero Asso, y las acompaña una historia de la legislacion portuguesa escrita por el mismo, que con los antecedentes tengo preparada para enviar al S^o. Jovellanos, pasando por esa, pues desde aqui a Asturias no hay proporcion, ni tampoco para Galicia. Mi (*palavra ilegivel*) Dn. Narciso que es hombre que lo entiende celebra mucho uno, y otro.

Me alegro mucho que hubiese llegado á su destino el Famoso Masdeu, yo sabia que aquel era desconocer los Archivos del Reyno de Leon, pero no sabia que antes de hacerlo continuaba escribiendo. Digame vm adonde se ha establecido, ó si acaso anda volante por aquellos Monasterios, y ciudades, pues creo que no dejara de llegar a la de Oviedo para ver a su favorecedor el Sor. Jovellanos. Esta Academia tambien tiene un comisionado que ba recorriendo las Provincias y cartorios

(archivos) de norte, para formar una Diplomatica portuguesa, y ha publicado ya un tomo que es como una especie de aparato, ahora se halla en esta, y me ha venido a ver por encargo del Sr. Obispo de Beja, me ha parecido hombre de instruccion en la materia, y de mucha actividad, y el cathedratico de Diplomatica en Coimbra, cathedra que no tenemos en nuestras universidades, y que seria muy conveniente exigir no solo en ellas sino en los Estudios de esa corte; Crea vm amigo que esta Sociedade no descuida en los medios de ilustrar su nacion en todos los ramos que ha abrazado, pero esto solo durara, mientras viva el Duque de Lafoens, que se aprovecha del justo favor que tiene con el Principe para proporcionar medios de subsistencia a este establecimiento que a su muerte me temo caiga en "défaillance", pues que aqui el dinero anda tan escaso como por allá, aunque hasta ahora solo pierden los vales 10 por 100.

Con que otros 800 millones, buena ha la cosa, y eso es todo lo que ha discurrido la junta de amortizaciones? a lo menos si los hubieran hecho de 30, 60, y 120 reales como aqui los tenemos no serian (*sic*) tan incomoda su abundancia para los que tienen que comprar al menudeo; si la gaceta no publica el decreto de creacion. envieme vm una copia, y dígame que ha sido de los Franceses a la otra parte del Rhin, pues segun un correo de Europa del 3 de Abril, que he leído aier parece que el Archiduque Carlos los ha obligado a retirarse unos Rhin arriba, y otros Rhin abajo, pero como estas noticias vienen por la via de Inglaterra, yo nada creo.

No hay tal acantonamiento de milicias acia este Reyno. las de Galicia guarnecen Plazas de la Costa, y los Granaderos, y cazadores estan entre la Coruña, y el Ferrol (adonde creen que se deben embarcar los primeros (*palavra ilegivel*) yo lo dudo; Aqui no veo movimiento alguno y era regular que si temiesen alguna cosa, no se descuidarian. Tampoco creo que si es cierto lo de los coches sean para llebar al Infantito que aqui tenemos, con uno para el y para su preceptor, y otro para la Tenorio su cuida tendrian bastante.

Dice vm bien, que todas son confusiones, y obscuridad.

Parece que la misma escasez que reyna quanto a dinero se verifica quanto a gente en las tertulias pero no hay que admirar, si echan de Madrid, a los clerigos, y Pretendientes. Vm. con sus quatro mugeres y yo con mis quatro frayles bamos saliendo del dia sin mas diferencia que la de vm acaba

a las 11, y la mia a las 8 que tocan a oracion, y al papatorio pero luego no falta que hacer en casa, hasta las 1 1/2 que Francisco me acomete con la chocolatera en ristre. No le parece a vm que esta es vida religiosa?

Ese Dn. Francisco no escribe, supongo que estará de jaqueca, ô que no tendra sobre qué pero a lo menos debia decirme, si ha recibido mi fee de vida para si no enviar otra.

Memorias a Madama, y a las tertulianas, y a Dios amigo que soy de vm afectisimo

Cornide.

XVIII

Lisboa 21 de Abril de 99.

Por fin a la luna llena, amigo mio, hizo termino el mal tiempo, se declaró norte, y se enjugaron las principales calles, con lo que me aproveché de la mañana de oy para visitar el convento hospital de San Juan de Dios, que como creo he dicho á vm se halla entre la Plaza de las Janelas Verdes, y el arrabal de Alcantara a la banda del Rio, y sobre un fuertecillo de su nombre que sirve para resguardo del contrabando que se suele hacer del Paquebote Ingles que esta obligado a fondear bajo el cañon de dicho fuerte.

El convento ofrece por la banda de la calle lo primero la Iglesia, y luego una crugia de 14 ventanas, de architectura sencilla, y con un subteraneo un quarto principal, y un quarto bajo, y se extiende bastante acia el Rio, y aun siguiendo la calle tiene unas habitaciones bajas en que acia la parte interior estan las carceles y a la exterior habitaciones de dependientes.

La Iglesia tiene delante una Plazuelita, adonde cae su entrada y la del convento. No es muy grande la tal Iglesia, y consta de siete capillas con la principal ô maior, y dos altares anichados a los lados del cancel, en fin imitando la forma de todas las Iglesias de Lisboa fabricadas despues del terremoto, y (*palavra illegivel*) forma acompaño el adjunto planito para que le sirva a vm de regla para conocer la forma de otras, que no explique alguna variedad; Todas las Paredes de la tal Iglesia estan aforradas ô rebestidas de malisima talla dorada, interpolada de peores pinturas y el techo tambien pintado pero mejor, y harto denegrado, el altar maior es de la misma estofa que el cuerpo de la Iglesia, con su par de columnas salomonicas que sostienen una buena

parra, que a fée en este Pais no es muy precisa, pues abundan por todas partes: los santos mas visibles son un San Rafael y el Patriarcha y no son seguramente de la mano de Pereyra como creo que lo sea el de Anton Martin, y a lo menos de seguro lo es el San Bruno de la Calle de Alcalá.

Bamos aora al Hospital, este es como las mas casas de este Reino (*uma palavra riscada*: militar) a excepcion de la casa de Montemor ô novo militar con la solo excepcion de conservar una sala para Eclesiasticos Pobres a lo que estan obligados por la fundacion de que ya di á vm noticia. La comunidad se compone como de unos 30 individuos empleados en ella, y en otras casas auxiliares que hay fuera, para los casos de muchos enfermos, el Rey les abona como unos 6 Reales de nuestra moneda para comida y vestuario, y su obligacion es asistir a los enfermos como lo hacen en todas partes, pues la obligacion de mantenerlos, la reserbó el Rey en si, y para la buena administracion tiene un Almojarife, esto es una especie de Maiordomo, un escribano, y varios dependientes y por superintendente un Diputado de la mesa de conciencia que es un Fidalgo (*sic*).

El numero actual de soldados enfermos es como unos 500, y a veces suele subir á 700 y 800. Las salas que he visto son muy claras, ventiladas y limpias, a las camas que tienen pies de fierro y cabezeras de tabla pintadas de verde les subcede lo mismo; La comida que he visto servir es un plato de arroz, con un trozo de buena baca, ô lo que dispone el Medico en loza ordinaria blanca, y con sus guardanapos (servilletas) muy limpias. al entrar hay una guardia militar, a que se sigue la casa ô sala de despacho, y luego la botica y cocina: el campo santo esta sobre la misma linea entre la calle y el Rio, y a la parte del Poniente, de donde yo quisiera lo mudasen á sitio mas apartado pues siendo los vientos que Reynan mas aqui lo Ponientes (*sic*) y Noroeste, deben echar los efluvios mephíticos sobre el hospital, del que nada mas tengo que decir, y ya que me hallo con las manos en la masa, bamos á la Iglesia, y convento de los Mínimos que cae en frente de San Juan de Dios aunque mas elevado porque assi lo pide el Terreno.

San Francisco de Paula fue empezado a fundar con titulo de hospicio en le año de 1719 con las limosnas que recogia fr. Ascensio Vaquero religioso lego de la Provincia de

Andalucía, é ya algo adelantado por una orden del Rey fidelissimo de 1793 se dió principio á una nueva Iglesia, y convento que costeaba de sus alfileres la Reyna D.^a Ana Victoria su muger, pero acabandosele la vida antes que la obra se quedó este a medio hacer, y sin rentas, ni caudal con que concluirlo, lo que no le subcedió a la Iglesia, a la qual se sube por una gran escalinata cubierta y alla se ha con las mas de Lisboa en el gusto de la planta pero en lo demas tiene muy regulares pinturas en seis capillas laterales, y no es tan buena la del altar maior, en que se vee la Reyna muy gorda, y pachorruda, ofreciendo a San Francisco de Paula su corona, y sus alhajas, con la planta del Edificio, que tiene en las manos una de las acompañantes, y el Santo que descende del cielo, y le retribuye su ardente Charidad con una corona de estrellas.

La capilla del lado del Evangelio es mas grande que las otras cinco, esta dedicada a la coronacion de la Virgen, y forma una pequeña Cruz griega: el todo de la Iglesia esta incrustado de marmoles, negros, blancos, Rojos, y Amarillos de lo que son dos columnas que tiene el altar maior. en la Capilla maior hay a la izquierda un nicho con urna de marmol negro que descansa sobre Leones de blanco, y termina con niños de lo mismo en la que reposan las cenizas de la Augusta fundadora.

En la Sacristia hay una buena pintura de Cristo muerto en la cruz, hecha en Roma, regalo del Rey Dn. Joseph a su muger, y en la que sí le hé de decir a vm verdad no hallo la divina Magestade que tiene el Cristo de Cano en Monserrate, tiene marco de marmol negro, aun viven en este convento Religiosos que hicieron su profesion en España, y vinieron a la fundacion.

En la misma mañana he entrado en dos conventitos de Monjas, que el uno tiene por advocacion el Smo. Sacramento, y (no?) me parecieron gran cosa sus Iglesias.

Como por la mañana habia probado mis fuerzas, y me pareciese despues de comer que aun conservaba las suficientes para llegar al convento ô oratorio de las Necesidades, me anime a ese viage con los compañeros y otro dos Españoles y un Portugues, y dando un largo rodeo para evitar cuestras, y visitar á Jara, llegamos por fin al tal convento que

distará tando (*sic*) de mi casa como la Puerta de Atocha de la del Sol. este convento que pertenece a los congregados ô Nerios, está sobre el Barrio de Alcantara, a media cuesta entre el Rio, y el llamado "da Boa Morte", que es adonde vive nuestro embajador, esto es por el extremo occidental del Pueblo en lo mas alto de la ciudad. Fue fundado por el Sr. Juão 5.º entre el año de 1743, y el de 1750 en el qual entraron los Padres en posesion de este edificio que es de los mas commodos para la vivienda que hay en Lisboa, esta dividido por un camino ô calzada en alto y bajo, y se comunican por un arco, en lo bajo esta la Iglesia que no es gran cosa, y con poca luz algunas habitaciones y contiguo a ellas un Palacito que tambien mandó hacer aquel soberano, para residir en el algun tiempo lo que no se cumplió pues murió en el mismo año que se acabó, oy suele venir el Principe un dia en la semana en el tiene un Patio sin galeria, y en todo es bastante sencilla y del gusto que aqui corria en aquel tiempo, y que no se ha mejorado, tiene tribunas a la Iglesia, y esta un portico que sostiene con quatro columnas, y varias pilastras una azotea ô tribuna harto pesada en el vestibulo que forma ô cubre esta tribuna, hay dos figuras de San Pedro y San Pablo de marmol y dentro de la Iglesia de San Phelipe y de no sé que otro Santo no malas.

Delante de la Iglesia y Palacio, tiene una hermosa plaza ô terrero con vistas agradables a la Marina, y en medio una fuente aora seca con quatro muy ridiculos mascarones por donde debia de salir el agua. En medio erijio Juan 5.º una abuja con una inscripcion en que la dedica a la Virgen Maria por la conservacion de su salud.

La casa alta es el convento principal, y aunque oy no hubo tiempo para entrar en el, se vee (?) tiene commodas distribuciones, buena libreria, y salas para estudios que habia establecido el fundador especialmente de ciencias exactas y Phisicas para la enseñanza de la qual tienen un gran Gavinete de Maquinas que me acuerdo haber visto quando estube aqui en el año de 72. oy creo que ya no hay enseñanza lo que averiguaré otro dia, pues paso a la Quinta que es la que habemos visto esta tarde, esta cae a la espalda del convento y falda del Monte, se compone de dos bonitos "parterres" uno alto y otro bajo por el gusto del del Retiro, tiene muchas Flores, y varias estatuas anichadas de marmol de carrara, y de aquello peor que se trabaja en sus talleres, solo una figura de un Rio escondida en una gruta, y un juguete de

dos niños sobre una fuente es lo que he visto pasable, las mas son malas, aunque representan virtudes, vg Ayuno, Continencia, disciplina, mansedumbre, y de todas la menos mala me pareció la primera; tampoco tienen elegancia varios Jarrones, en que estan plantadas pitas y otros arbustos, estos que por lo comum son cedros, boxes, viburnos, estan bien cortados.

En el resto de la Quinta, hay varias calles de Laurel, y otros arboles que no pierden la oja, las paredes estan revestidas de yedra box, y Jasmínes, y en lo mas alto hay una torrecilla en cuió plano bajo hubo una cascadilla, y en la superior un observatorio astronomico, y en la calle principal dos estanques redondos con pececillos de china; por aora lo que son las calles de arboles no me parecieron muy aseadas es verdad que salimos del tiempo llubioso y aqui la tierra brota con mucha lozania, no le parezca a vm que la tal Quinta es todo ojarasca, hay en algunos quarterones muy buenas legumbres, y en otros son dos campos de forrage, y siendo ya bastante el que lleba esta epistola concludio con decir á vm que el todo del sitio de las Necesidades es de lo mejor que hay en Lisboa.

Con estas noticias ya disipará vm la murria con que escribia la carta de 16, que recibo en la mañana de oy, 12, y a que adelanto la respuesta por que acaso mañana iré a Vilaggiatura, por estos contornos, pero volviendo a dormir a casa. Quedo impuesto en quanto habia preguntado, y si hay carta de Dote, ó documento que pruebe lo que trajo su Madre de vm al matrimonio, nada importa que su Padre de vm diga lo contrario.

Tambien por acá hay sus Pasquines y Marforios, ahi ha ese sonetito hecho a los actuales Ministros con sus notas por si vm quiere leerselo a la Gefa, que me parece que con las que ya puse a la factura de la Baxilla podia entenderla, Ya dije a vm en el pasado correo que el Diccionario estaba enpaquetado, y solo esperaba conductor, y buen tiempo el segundo ya lo tenemos.

Jourdan parece que niega haber sido derrotado, y atribuye el no haber acabado con el Duque Carlos a falta de su caballeria.

Si a vm le escriben de la Coruña que el hijo de Palomo que viene de Inglaterra, y desembarcó en Oporto, contó que con el habia entrado un comboy de 18 barcos con 7000 caballos

no lo crea la segunda parte, pues aqui hasta agora no hay mas gente que la que habia, ni mas novedad que las que tengo escrito á vm que no son algunas.

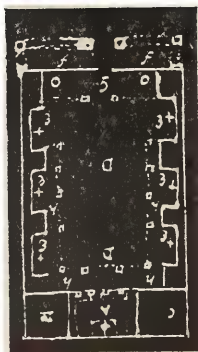
A Osorio nada tengo que hacerle pues aun esta con los hilvanes de Abogado, supongo que vm le habra dicho lo que encargué, y por agora contentese con hacerse conocer, pero practique vm con el lo que con Lopez, que quisiera saver como salió de la levantadura del Plano, trabajo que hasta agora me parece griego para el, pero el S^{or}. Conde Guzman no creo que tenga bajo sus ordenes muchos que laben como el, y si quiere formar hombres que le sirvan es menester que les enseñe algo pues hombres como Dn. Pedro Arnal no se contentaran com 30.000 Reales de sueldo, ni querran servir bajo sus ordenes. Pidale vm á este ultimo el Tableau de Lisbonne, lealo vm, y luego entendera muchas cosas que yo le cuente, y podra preguntarme otras, a mi me lo prestó en esa, y aqui no se halla venal.

Recebi carta, y Gaceta de Dn. Francisco y parece que recibió las mias.

Por agora no ocurre otra cosa, salud en compañía de Madama y mandar a su afectisimo

Cornide.

Planta de una Iglesia de Lisboa



- A Capilla maior. B. Sacristia
 C. Casa de despacho
 D. Cuerpo de la Iglesia a donde estan las mugeres E.
 E. E. Capillas altares. ff. portico. G. tribuna. hhhh. varanda

cerrada con balaustrada, o cerrada de entrepaños adonde asisten los hombres.

El choro suele ser en la capilla maior y algunas Iglesias conventuales detras del altar maior.

Meu Principe e Senhor, se Vossa Alteza
O seu Reyno quer ter bem guardado,
Se temido quer ser, e respeitado
Da Nação Hespanhola e da Inglesa,

Mande o Duque a dansar com a Duquesa, (a)
E ponha em seu lugar hum bom soldado,
Que seja homem de bem, sciente, e honrado,
Seja ou não seja da classe da Nobreza (b),

Mande Seabra ás pedras novamente (c),
Mande o Pinto aprehender a Inglaterra (d),
Ao Visconde deponha por demente (e),

Novos Ministros faça, que na terra
Sem mendigar por outro continente,
Tem Ministros para a Paz e para a Guerra.

(a) el Duque de Lafoens Capitan General de los exercitos Portugueses Principe de la sangre, señor de 80 años casado con la hija del Marqués de Marialva Joven de 22 años.

(b) Desde que entró a reynar esta S^{ora}. adquirieron gran favor los Grandes que no tubieron en tiempo del S^{or}. Dn. Joseph por influencia de Carballo, oy los principales empleos son para ellos, y sus Parientes.

(c) Josef Seabra da Silva, Ministro de lo interior. Fue Fiscal de la Corona en tiempo de Dn. Josef y tubo el favor de Carballo, que por haberle cogido en cierta intriguilla contra su persona, lo desterró á Angola a un sitio llamado "as pedras negras", y a la entrada de esta Reyna fue mandado venir y puesto en el Ministerio.

(d) Luis Pinto de Sousa Coutiño Ministro de Estado de los Negocios extrangeros, y de Guerra fue Embaxador Ingles de cuja nacion le suponen apasionado, no necesita ir a aprender á Inglaterra, pues sabe bastante y es hombre de letras, aunque de carrera militar.

(e) El vizconde de Ponte de Lima es Ministro de Hacienda, y no tiene fama de muy habil, pero si de protector de los Fidalgos.

No habla el soneto de Dn. Rodrigo de Sousa Coutiño Ministro de Marina y de las Colonias por que esta bien visto del Pueblo, y pasa por hombre de facil acceso, y benefico al mismo tiempo que instruido en su Ramo.

XIX

Lisboa, y Abril 2 de 1799.

Estimado amigo mio; que le diré yo a vm en medio de tantas penas como le cercan? que le diré yo a vm que no tenga presente? contentome pues con decir que he recibido la esquelita de convite, y corespondere (sic) al objeto de su remesa con los deveres de Amigo y bamos a otra cosa, a ver si las noticias lejanas distrahen á vm un rato de las tristes memorias presentes.

Sepa vm, y no le cause admiracion que en la Dominica in albis he oído una solemnissima misa cantada debajo de el aqueducto de las aguas libres, esto es de las que proveén los mas de los barrios de Lisboa, y que como creo que ya he dicho a vm vienen a una grande arca ô deposito en el barrio de las Amoreyras, si señor debajo de uno de los arcos que anteceden a la tal arca se ha formado una linda capilla de Nuestra S^{ra}. de Monserrate a expensas de una cofradia compuesta por los trabajadores de sedas, galones, caxas, y Peynes, y en ella celebraba una fiesta a nuestro Santo S. Josef el impresario de la fabrica de caxas, que creo que tambien he dicho a vm es un Napolitano pintor de profesion. Hubo soberbia orchestra compuesta de musicos de la opera, y de la Patriarchal, y un excelente sermon dicho por un paulista que creo es el mejor orador de Lisboa, y que para mi tiene la gracia de hablar tan claro que no le perdi una sola palabra, aseguro a vm que ha sido una de las mejores funciones que he oído en mi vida, es verdad que la musica está aqui en mucha estimación y que para esto de fiestas de Iglesia se pintan solos los Portugueses.

(1) As cartas XIX, XX e XXI seguem na ordem do código, mas essa ordem está cronológicamente errada; deveriam anteceder a XVII.

A la tarde fuy con la compañía á la Romeria de los Placeres, que es cosa de media legua de mi casa, la mitad del camino por buenas calles, la otra mitad (*sic*), por andurriales como la de Santa Maria de Elvina ô cosa semejante habia otra tal feria como la de San Bento, Rosarios de Rosquillas, Queixadas (especie de mazapanes) nueces, almendrucos, naranjas muñecos, vino, aguardiente y Licores, y poca gente es verdad que era solo el vispera, pues la Virgen de los Placeres se celebró ayer lunes de Pasquilla. Tambien habia imposicion de reliquia y echa acá lo rees.(?) pero sepa vm que no era con santo de palo, como en San Amaro, sino con una coronilla de plata de la Virgen. Yo no quedé con ganas de repetir y aier me pasé la mañana recorriendo calles no visitadas, y la tarde revolviendo livros en Jesus.

Tengo dado cuenta a vm de mis andanzas en esta pasada media semana, y añadido que aqui "res sic stat". Mis rendimientos a la Autrigona, y quiera Dios traer un rayo de claridad a esa afligida familia como desea su Amigo

Cornide.

Amigo y Sor. Dn. Joseph Ayllon.

XX

Lisboa, y Abril 6 de 1799.

Mi estimado amigo, veo los justos motivos que vm ha tenido en el correo antecedente para escasearme su correspondencia en semejantes desgracias, aun que por si solas bastantes para incomodar suelen venir tales accidentes que las agravan notablemente assi creo bien le subcedera a vm que nada me dice de como esta su Madrasta, y como ha quedado en punto de viudedad, cuide vm de no abatir el animo pues para estos casos es la filosofia (*sic*), y no como para otros motivo de trastornar el orden establecido en los Gobiernos.

Digale vm a la Gefa que ya Dn. Francisco me avisa sus intenciones sobre baxilla, y que con arreglo á ellas me contento con decirla el precio, y con embiarle el precio de dos que he visto completas y que en caso de acomodarle no seria dificil de aumentar con algunas piezas pues tambien las hay sueltas.

Esos correos de Francia, y las noticias que por aqui corren no me gustan, apesar de esto yo no veo que estas Jentes se mueban mas que en tiempo de la maior tranqui-

lidad y aunque se anuncia la venida de muchas tropas Inglesas, hasta aora no han parecido, y el tiempo, que subsiste por el N-O es excelente para llegar aqui desde Inglaterra en quatro ô seis dias.

Yo interin no me echen me boy ocupando de mi encargo, y estos dias los pasé en la Bibliotheca publica aprovechando el favor de su Gefe, y mi amigo Antonio Ribeyro dos Santos para ver sus Manuscritos entre los que hay cosas buenas. Por lo que es livros impresos entre los que tambien los hay raros, y aun rarissimos, pasa ya de 80.000 volumes, y aun que solo hace dos años que se empezó á ordenar, lo esta con excelente orden, y distribuida en varias salas porque la habitacion interina que la han dado no permite otra cosa: En una de sus piezas he visto una estatua de marmol de la Reyna D.^a Maria que actualmente vive aunque algo perturbada de la cabeza, hecha por el famoso Machado que formó el modelo para la de su padre Dn. Joseph. y que es el mejor estatuario que hay aqui.

Ya le enviaré a vm poesias portuguesas para que con su lectura prevenga los ataques del "spling" (sic) quando le acometan, y en cambio embiame vm noticias, pues aqui se estiman, y con ellas lo lusco en mi tertulia religiosa del convento de Jesus adonde me paso hasta las ocho, y luego me recojo á casa por no exponerme a los cañonazos de metralla que disparan de estas ventanas.

Que es eso de la prision de Osuna y Parque en Paris, que aqui se cuenta?

Ba la lista de la baxilla para que vm se la dé de mi parte a la Gefa con expresiones a su hermana como a la costilla propia que deseo siga buena como lo está su Amigo

Cornide.

Sr. Dn. Joseph Lopez de la Torre Ayllon.

XXI

Lisboa 16 de Enero de 1799. (Data trocada: é de Abril).

Amigo mio estimado; no le sorprenda a vm la fecha, ni crea que yo me he equivocado, en efecto estamos á mediado Enero, segun continua el tiempo, la luna entró con NO. y con N.O. sigue echandonos unas copiosas "pancadas" de

agua, que oy se han explicado siendo sin interrupcion una continuada tolena, pues desde que veo el dia no lo ha dejado: Yo habia pensado recorrer en esta semana la margen derecha del Tajo hasta Cascais, seguir por Cintra, y volver por Mafra, pero ya es preciso dejarlo hasta que Eolo mude de puesto, y nos traya los hermosos dias de Abril que solia haber quando Dios queria, y que hicieron creer á Homero que este era el Pais de los bienaventurados.

Estos correos ban é iran (*palavra ilegivel*) porque se re-sienten de la natural pesadez de la nacion, hasta aora eran propiedad de un particular, pero ya los reivindicó la corona, y parece que ha confiado su direccion á un Desembargador que vivirá en la nueva casa adonde se debe mudar mañana, segun dicen, que aun no lo creo, pues ya debia haberlo hecho a principio de año, y hasta aora aun no se han acabado los reparos, me aseguran que se pondran estafetillas en varios barrios, y a lo menos en los mas distantes será preciso pues los hay a una legua de la tal casa, que a mi entender por lo largo está en el centro, y no lexos de mi casa.

No crea vm que los Pretres por mas rigurosa que sea la orden abandonen enteramente ese horizonte, ellos se agacharan como las Ranas de la fabula, y luego una a una iran saltando sobre el troncon, y aun le iran royendo poco a poco hasta dar con el en tierra, como hacen los castores en el Canadá sin mas armas que sus dientes.

No dije yo que el Elogio de Melo fuese como el del Tostado, hay pocos hombres en España que escriban como el Arcediago de Fuerte Ventura, su historia de Canarias es un modelo de historias en lenguaje, y en critica, y el citado Elogio pasara a mi juicio por el mejor que tenemos. No obstante Garzon Stockler posehe perfectamente el Portugues, y assi se lo confiesan sus mismos Paysanos, ya veera vm el de Dalembert, que como primer socio extrangero de esta Academia mereció que le hiciese el que se halla en el primer tomo de ciencias exactas, y naturales.

Si mi sobrino vuelve por ahi hagale vm que se presente a mi Amigo Hermida con su nueva investidura Advocati] y que frecuente aquella casa, que aunque en todos tiempos poco concurrida de Pretendientes aora lo sera menos si se observa el tenor de la paulinodia clerical. Yo hasta aora nada puedo hacer por un Joven que acaba de recibirse, y lo que pudiera hacer si estubiese en esa que seria indicarle los

libros que debe ir leyendo para saber algo mas que leyes, pido a vm lo haga, quando se le presente.

Quiera el S^{or}. oír los ruegos de vm y que lleguen al Píadoso Ministro que segun me asegura quien le conoce bien tiene excelente corazon, y quiera aquel mismo Señor conservar su buen (*sic*) compañera de quien se ofrece su Amigo

Josef Andrés C.

Mi Dn. Francisco nada dice si recibió la ya dicha carta en que iba mi fee de vida, y debia llegar al mismo tiempo que la de vm, y como no ocurre cosa particular que añadir a la que le tengo escrito no lo hago oy, digaselo vm. Amigo y Sor. Ayllon.

XXII

Lisboa y Abril 26 de 1799.

Mi estimado amigo, sin duda, que en alguna tormenta de las que padeció nuestra correspondencia naufragó con la de vm la carta para Cabrera, era larga, porque le daba noticia de mi viage, como le habia ofrecido hacerlo, quando sali de esa, y lo substancial estaba reducido á pedirle una noticia mas circunstanciada de la consavida Biblia de la Casa de Alba, pero contentandome con la que vm me ha comunicado, y no teniendo gana de repetir lo que ya he escrito, lo dejaremos por aora, y si parece porque parece, y si no que tenga paciencia el S^{or}. Cabrera, hasta que yo le dé noticia personalmente.

No hay otra que dar a vm de este País mas que el haber llegado por fin el Regimiento de Caballeria que se esperaba, y que se compone de 600 hombres, y 700 caballos, supongo traeran algunos para remplazos de los que estan aqui, anteaier tarde desembarcaron en Belem.

El Domingo dicen que debe salir un comboy que ba al Brasil, y a la India pero acaso aun se retardará por que la marineria escasea.

Ayer que fue dia de nuestra D.^a Carlota estube en el teatro, y antes que se me olbide quiero decirle lo que es la casa, y el espectáculo.

Aquella esta muy bien dispuesta, y llena de comodidades, tiene una Fachada graciosa, con un portico rustico que sostiene una tribuna demasiado grande pero que proporciona el que los carruages reciban la Jente a cubierto, luego se baxan dos ó tres pasos y se entra en un vestibulo muy capaz, baldosado de Marmol con una linda pintura en el techo que representa la caída de Faeton: a los lados estan las oficinas de cobrar.

El teatro es una elipse de menos capacidad que el de los caños del Peral dividido en 5 ordenes de Palcos, de los quales los del 5.º sirven como cazuela, y Tertulia, y en todos componen como unos 120, sin contar el de en medio destinado a las Personas Reales, el qual aier estaba cubierto con una cortina, este es capaz y alto y comprende la elevacion de los 2os. 3os. y 4os. los tales palcos ó camarotes son muy mezquinos, y estrechos, pues tres mugeres de frente estan incomodadas, el arco de la scena (*sic*) esta sostenido de 4 hermosas columnas imitando el marmol verde con capiteles dorados corinthios, el telon es de mala pintura, y la decoracion que aier sirvió, y representaba el estudio de un Pintor no es mejor, al Bayle hubo una de campo, y arboleda mas razonable, la del teatro vale tambien poco; se ilumina con arañas y no son muchas.

La opera que aier se represento era una bufa, llamada Reynaldo de Aste, no cantó el celebre Crescentini pero si otros dos capones bastante buenos que hicieron papel de mugeres, pues no las hay en esta compañía ni se permiten en Lisboa, el Tenor que acaba de venir de esa es un tal Praun, muy bueno en figura, y en voz, el bajo, y otro tener (*sic*) regulares.

El Bayle ha sido grotesco, y vale bien poco, saltos arriba, saltos abajo, y como no hay mugeres gustan bien poco.

La concurrencia fue grande, pero sin la brillantez de nuestra corte, La musica me pareceo regular, y en el bayle mala, y ete aqui quanto tengo que decir a vm por aora de el teatro de Lisboa.

Mucho ofrece el del Rhin, y del Adige, pero parece que por todas partes son incertidumbres, el tiempo como vm dice decidirá.

De mal humor me parece que quedaba vm, quando me escribió la a que contexto, y me ha puesto de muy bueno la noticia de ese famoso retrato, por que puede ser que haga la

fortuna de mi Paysano Acuña, como el qual y como su Amigo Ferriz no hay aqui alguno, aun que entres (*sic*) los ponderados Pedro Alexandrino, y Cyrilo, que ha estudiado en Roma.

Dios ponga tiempo en las manos del Prototipo para que (e) se amasijo viatorio salga bien cocido, en cuió caso si mal no me engaño le ha de tocar á vm un buen bollo aun que sea de las rasas de la artesa, que no sé si vm acuerda que en Galicia le llaman Proya.

Con que no solo las rentas de canongía, Dignidades etc. deben ser para la Caja de amortizacion, sino que tambien parece que se trata de que paguemos un ocho por 100 de las posesiones, y que remedio? Aqui pagan un 10.^o pero no pasa de 25 millones de Reales tal anda la cobranza, y allá no se hace mejor a poco puede ascender, no obstante quantas mas hypotecas tengan los vales tanto mejor opinion adquirirán; éa baya tenga vm animo, que no siempre ha de hacer mal tiempo consuelese al lado de la buen(a) compañera y ofrescale la obsequiosa voluntad de su afectisimo

Joseph Cornide.

Digale vm a Dn. Francisco que no teniendo que añadir a lo prevenido no le escribo por oy.
Amigo y S^{or}. dn. Josef Lopez de la Torre Ayllon.

XXIII

Lisboa y Mayo 11/99.

Amigo mio; acabamos de llegar del Colegio de las Necesidades de ver su libreria, y su Gavinete de Phisica, y aunque algo cansado, por que el viajito es de una legua de ida, y vuelta y a pie diré a vm quatro palabras, aunque tanpoco hay mucho assunto (*sic*) pues en este correo, no he tenido carta de vm ni de mi casa de la Coruña, pero sí del Ferrol, y de Orense, por lo que atribuyo la falta a las habituales de este correo; Hallamos pues en las Necesidades una muy buena libreria, con mucha variedad de Biblias, la Poliglota de Ximenez, las castellanas de Ferrera, Reyna y Valera, Hebrea y latina de Paris, y otros, pero lo mas particular es un codice latino de Salustio en letra del siglo 14, con muchas notas ya marginales, ya interlineares de letra posterior, es codice que no tubo presente ni vio al pasar por

aquí el S^{or}. Baier por que entonces estaba robado de la Livreria, á la que fue luego restituido. Hay (en) dicha Livreria un bellissimo busto de marmol blanco del Rey dn. Juão 5.^o su fundador armado, y Laureado sobre un malissimo pedestal de madera pintada, y dorada, obra de un Escultor Romano llamado Alexandro Justo que hizo algunas estatuas para la Iglesia y fachada de esta casa: En el testero de la livreria, hay un buen quadro del santo fundador por el estilo de Carlos Marti, y de un discipulo suyo llamado Pedro de Petris, es una aparicion de la virgen á San Phelipe Neri en cuiá composicion el santo tiene mucho merito.

El Gavinete de Phisica tiene muchos Instrumentos de Phisica de los del tiempo en que fue formado que corresponde a la mitad de este Siglo, pero estan sin uso, y por consiguiente en mal estado, y lo peor no es eso, sino que en Lisboa no hay quien los componga.

Com motivo de tratar al Padre Alvarez Bibliothecario anciano sabio, respectable, y discipulo del Padre Almeyda (que aun vive) me encargó le supiese dos cosas que son la 1.^a.

Quien fue el author de una obra intitulada de *Erroribus Breviarii Romani*, pues solo save que era canonigo de Sevilla, y que escribió en este siglo, yo sospecho, si habra sido un tal Cevallos, que fue cathedratico de Disciplina Ecclesiastica en San Isidro, el me dijo que el famoso Padre Antonio Pereyra, el author de la Tentativa Teologica, y traductor de la Biblia le habia dado noticia de la tal obra añadiendole que segun estaba escrita no podia haber sido impresa em Hespaña adonde en aquel tiempo no le hubieran dado noticia. si vm trata al canonigo Marina de San Isidro preguntesele de mi parte y si no vea si puede averiguarlo por otra, y digamelo.

2.^o Tiene una obra cuió titulo es, libri duo de concordia Sacrarum Scripturarum, auctore Pedro Lopez de Montoya, Doctor de Salamanca, impresa en Madrid en casa de Luis Sánchez en Madrid año de 1600, y dice que no halla noticia de tal obra (que en su concepto está escrita con pulso, y libertad) en dn. Nicolas Antonio. Faltale un par de ojas, que son la que sigue al folio 132, esto es el 133, y 134. Si acaso vm halla el tal libro haga que dn. Francisco me las copie, y remita, y aunque el vea si lo halla en aquellas librerias adonde vm por sus horas no puede ir.

Mis afectos a esas amigas y dígame como ban los Franceses en Italia y en Irlanda, y que hace nuestra esquadra del Ferrol, que parece salio el 28 pues aqui nada de provecho se save, e asi no es mas largo su afectisimo

Cornide.

Sor. Ayllon.

XXIV

Lisboa, y Mayo 25/99.

Mi estimado Amigo; vm aun que a la vela ha desempeñado literalmente mi encargo sobre la obra de Montoya e yo para no darle tanto que hacer quise consultar antes de contextar á vm sobre el asunto consultar al Padre Alvarez y alla bá el Papelito, y la carta, que dudo vuelvan respondidos antes de salir el correo; como lo que se necesita en la obra de *erroribus Breviarii* es saber quien fuese el author, por ahi ha de empezar vm preguntando a los sevillanos, que puede ser que lo sepan, y entonces es mas facil hallar la obra.

A la circunstanciada noticia que vm me remite sobre esquadras, se añadió una carta de Cadiz con fecha de 14 que nos cuenta la salida de nuestra Esquadra, y su navegacion acia el Estrecho del qual en la tarde de dicho dia podia estar como unas 12 ó 15 leguas con que si Jervis no le salio al encuentro podia envocarle el dia siguiente y unirse en el 16, ó 17 con los Franceses, y entonces quien les resistirá, vms lo sabran primero que nosotros, y assi bamos a otra cosa, vm, no me ha contextado mas sobre la historieta de Madama Santivañez, y quisieramos saber quien es esta heroína que actualmente figura en el teatro Lisbonense, explicome en el teatro politico, y á Lopez porque le repitieron la orden para que dentro de (*palavra ilegivel*) dias marchase á su destino y llebase su muger, quando ya lo habia executado? ha habido en esta expulsion alguna intriguilla amorosa? me lo temo por que ella es cuscurileta, y bonitilla, pero no todo lo ha de contar vm, Yo si que boy a darle noticia de la Procesion de Corpus, que se celebrou anteaier con la maior solemnidad, y con el mas claro, y picante sol que yo he visto aqui. Salia en otro tiempo de la Iglesia adonde estaba la Patriarchal, pero ya desde que esta se fixó en la Ajuda sale de la Iglesia de Santo Domingo que es grande, y hermosa, y corre la Plaza

del Rocio. Las Calles Augusta, de los Plateros, y una traviesa que las une poco antes de la Plaza del Comercio, y se llama de los capelistas que son los que venden cintas, cosas de China, y otras bujerias. Todas estas calles, y la Plaza del Rocio tenian las ventanas de sus tres altos, las Guardillas, y las tiendas guarnecidas de damasco carmesi formando dos cortinitas, una cenefa, y en las ventanas un antepecho, y entre ellas habia algunas guarnecidas de galones, y flecos de oro, y con cenefas de terciopelo de modo que solo en esto habia alguna diferencia.

Se habian arenado todas dichas calles con arena del Tajo de suerte que se puede decir que la procesion de Lisboa hace muchas ventajas a todas las del mundo pues anda sobre arenas de oro.

Nosotros fuimos a las ocho de la mañana a la Iglesia, y alli aistimos a la misa que celebro con toda la magnificencia de la Patriarchal su Prelado el Patriarcha, y aunque la tal misa no empezo hasta cerca de las once, la procesion ya lo habia hecho a eso de las nuebe, precedida del S^{or}. San Jorge Patrono del Reyno de Portugal, su General, y Governador de el castillo de su nombre que es el antiguo Alcazar de donde sale para esta procesion, y adonde concluida ella se restitue y es recibido con todas aquellas formalidades de los antiguos Alcaydes, y Señores de fortalezas, y alli le emvia el Principe el sueldo de su empleo, que son 6000 cruzados. Iba el susodicho santo aunque de madera ô carton a caballo en un buen caballo blanco (que le mantiene el Rey en su caballeriza, y que no monta otra persona), ricamente enjaezado, y el caballero llebaba una sobreveste encarnada bordada de oro, sus botas de plata macisa, y su sombrero a la chamverga guarnecido de buenos brillantes, que me dijeron que eran de la S^{ora}. Carlota. Acompañabale un Paje de armas todo vestido de fierro, un Angel, tambien a caballo con una vandera, y 12 caballos de respecto; con todo este aparato que llaman su estado corrio las calles de la procesion, y se restituió á la Puerta de la Iglesia adonde esperó hasta que salio el SSmo. al qual hizo tres reverencias, y luego se fue enbora.

Seguieron á San Jorge todas las Religiones, Parroquias, y hermandades, y luego que hicieron concluida la misa que fue excelentemente cantada con mucho castrado, pero sin instrumentos pues no los usa la Patriarchal, baxo el Principe a tomar una vara de Palio, que con el Infante Dn. Pedro, y

varios grandes llebaron hasta la Puerta de la Iglesia, entonces fue quando siguieron a la turba antecedente los Tribunales y la innumerable caterva de caballeros de las tres ordenes con sus habitos que son de crespin ô Espumilla, y que lleban recogidos a la Espalda, y arrebujados al rededor de el cuerpo pero con grandes placas de lentejuela, y bordado. A los caballeros seguia la relacion Eclesiastica, y la Patriarcal con todos sus Ministros, que en todo son semejantes a los que componen la corte del Papa hasta en llebar dos grandes Abanicos de Pluma que iban al lado del Patriarcha que hacia de Preste, y dos especies de Parasoles a la chinesca, que no sé que significan; el Principe entrego su vara de Palio a la Puerta de la Iglesia al Presidente del Senado ô Aiuntamiento y las otras las tomaron varios desembargadores de este cuerpo, y fueron alternando con otros Ministros, y se quedo en Santo Domingo porque desde el otro año que siguió toda la procesion le hizo daño, y luego marchó con su muger y familia a comer a Queyluz.

Su Alteza iba vestido de negro, con botones de Diamantes, y capa negra, con sombrero a la chamverga y muchas plumas blancas, corbata con caidas como valona, y lo mismo todos los Fidalgos, pues este es el vestido de corte que se parece tanto a nuestra antigua española que me pareció estar vendo la comedia del Cid, y esto es lo que se llama capa, y volta, que es la predicha corbata, unas bordadas, otras de encajes, y otras lisas.

Para oir la misa, y asistir a la funcion los Principes se les habia formado al lado de la epístola una tribuna portatil guarnecida de Damasco encarnado con franjas de oro, bajaron a ella sus altezas uno enpos de otro, estubieron un rato haziendo oracion, y luego se subieron al convento desde el qual la S^{ora}. D.^a Carlota vio pasar la Procesion.

La tropa estaba tendida en las calles muy aseada, y con buenas musicas y las ventanas muy bien ocupadas de Damas, en cuios adornos no halle tanto gusto como por allá y lo mismo me pareció el Pueblo, que a proporcion tanpoco me parecio numeroso, es verdad que las distancias y el calor podian haber detenido muchas gentes.

Me parece que ya tiene vm lo bastante para describir la funcion de corpus de Lisboa, y solo me falta que añadir, y es que a la entrada y salida de el Señor en la Iglesia hace una compañía tres descargas y corresponden las baterias del castillo, y de las naos que estan en el Puerto.

Si vm no me aviva ese Dn. Francisco creo que he de dejar á Lisboa antes que me haga con los libros que hace cinco meses le tengo pedido, y que necesito para hacer algunos cumplidillos.

Ya me enfada tambien esa nuestra Gefa, pues para quando lo aguarda quiere que el chiquillo salga con dientes? Dela vm no obstante expresiones y a toda la familia de popa a proa, y no se olvide vm de su casa en cuja conservacion tiene interes su Amigo de vm

Cornide.

Sr. Ayllon.

El vispera, y el dia de corpus salió el detenido comboy y aora llegará el del Brasil que parece está detenido en la Madera.

Como se opina en esa sobre el asesinato cometido por la Escolta que los conducia en los Plenipotenciarios de Radstad?

Han llegado los dos mil reales digaselo vm á dn. Francisco y prevengale que diga a la Madre de Dn. Manuel Carrillo que ya estan en poder de su hijo; tambien acaba de entrar el comboy del Brasil.

XXV

Lisboa 24 de Junio de 99.

Pour surcroit de tous mes maux, debia vm decir, y no pour sucre, pues el azucar para los ojos ha de ser de piedra, y solo en el caso de que hayga nube, permitame vm esta pequeña observacion a ver si da alguna energia á ese animo abatido, es verdad que el assumpto lo merece, y permitame vm que le diga que en las fluxiones de ojos el unico remedio que puede templarlas es el uso de el agua tepida con unas gotas de vino blanco, y aun el agua natural pero de pozo, que como mas salobre que la corriente embota las particulas acrimoniosas de la fluxion: Todo colirio lleva por de contado vitriolo y este es un caustico que siempre incomoda é irrita, y enfin si vm quiere que su S^{ora}. use de alguno ocurra vm a mi amigo Dn. Benito Hermida de mi parte, expliquele la calidad del mal de mi S^{ora}. D.^a Maria, y pidale la receta de uno que el usa, y que creo es el resultado de una observacion de toda la vida. Con este motivo tratara vm

el hombre que entiende mas de ojos y a su costa en toda España, pero si vm quiere consultar a un Medico sea, aora que viene la Corte á Imvernat, por que con objeto de estudiar esa parte de la Medicina estubo en Paris, y en efecto en Madrid nadie save mas que el.

Yo tambien estos dias tube en que ejercer mis conocimientos antibucolicos, pues habiendoseme puesto algo malillo Dn. Manuelito fui el unico profesor que le asistio, y con mis remedios caseros le llebo ya bueno de una ocupacion de estomago, que creo es efecto de algun exceso en la fruta que hasta aora por lo que veo es muy inferior a la de ahi, y a la de Galicia; por esta razon pasada he suspendido el viage de Cintra, y Mafra, que acaso se verificara en esta semana, que empece oy con el extraordinario exceso de levantarme a las quatro de la mañana, y para que? para ver la segunda parte de la fiesta de San Juan, que empezó aier con mucha luminaria de Barricas, y mucho buscapé, y Bomba, y que siguió despues que fue dia en la Plaza llamada da Figueira, que es la de comestibles, Verdura y frutas, a la qual vienen las saloyas, que son las Lugareñas del campo de Lisboa con Ramos como de media vara de largo de Yerbas frutas, y flores entretajidas graciosamente y con guirnal-dillas de lo mismo, que todo el mundo concurre á comprar, y de alli se ban las gentes al paseo publico que no cae lexos, adonde lo lucen Petimetres, y Petimtras, que de resultas ba a oir misa a Santo Domingo que está cerca, pero apesar de la numerosa Poblacion de esta corte le faltaba mucho al tal paseo para estar tan concurrido como nuestro Prado en un dia de fiesta, y a la Plaza de la Figueyra para igualar a la de Madrid. Yo me retiré a las 7 1/2 por que vi que amenazaba llubia, que se explicó despues de medio dia aunque aqui no fue tanta cosa como en Queyluz segun contaron los que estubieron a dar los dias al Principe del Brasil.

Ahi tiene vm la historia ô la description de la fiesta llamada de las Capelas (no sé por que) bamos aora a otra cosa para quando vm salga de casa, preguntele vm a Pellicer ô al Dr. Thomas si entre los Manuscritos de la Bibliotheca Real hay una vida de Dn. Juão el 3.º de Portugal escrita por el Padre Luis de Sousa Dominico que florecia en el siglo pasado, y escribio con elegancia la cronica de su Religion en este Reyno. aqui tienen noticia de la tal vida, y como el escrivia baxo los auspicios de los Phelipes creen que la llebó á España, pues aca no hay noticia de ella.

En la tal cronica dominicana hay muy buenas (*sic*) descripciones de Pueblos, pero yo aun no he leído las del Padre Belando por que aun que le compre, y le aprecio, por que sé que trae muchas Anecdotas de la Guerra de Subcecion nunca me atrevi á arrostrar con los tres tomazos, de los quales sepa vm que se asegura que fueron escritos baxo la aprobacion del Sr. Phelipe 5.^o a quien el author ibaleiendo, quaderno por quaderno lo que escrivia, y le Rey añadia q quitaba lo que le parecia, por que habla claro es libro prohibido creo que solo por estado, y assi quando Peña-redonda no tubo escrupulo en leerlo tambien vm puede hacer lo mismo pero dése prisa, pues el caxon con los Lusitanos estará llegando a esa.

Hizolo a esta la carta de vm del 18, y la de Dn. Francisco con la gaceta de dicha fecha pero me faltan las de 14.

Ya sabemos que la esquadra francesa salio el 1.^o corriente de Tolon (*sic*), y que el 3 estaba delante de Genova, a donde entró un Brick sin duda a saver que habia de nuebo, y adonde irá?

Interin que no lo sabemos mantengase vm bueno con los Amigos, y reparese la salud de Madama a cuios pies queda su Amigo

Amigo y Sr. Ayllon.

Cornide.

Seguem-se sete cartas de López de la Torre Ayllón y Gallo, escritas de Madrid, portanto estranhas à descrição de Lisboa, empreendida por Cornide y Saavedra no seu epistolario, e por isso não reproduzidas nesta publicação.

XXXIII

Lisboa, y Julio 30 de 1799.

Amigo mio estimado; vengase vm con sermones a un hombre que anteaier paso la noche en la opera servido en el Camarote que tenia asiento con sorvetes, y mil acepipes, porque era el de el Sr. Embajador de España que lo habia cedido á los Españoles que concurrimos a su casa, y porque teniamos en frente de el una de las muchas reposterias que

se sirvieron en el teatro, y que estaba al cargo de la familia de Su excelencia.

Si señor anteier Domingo obsequio el Superintendente de Policia Pina Manique, a su Príncipe, y mas familia Real con motivo de la Regencia con una opera gratis para la que combidó a todas las personas visibles de esta corte, y como nuestro Embajador tenia camarote con los mas Diplomaticos nos convidó para el suio; la funcion estubo lucidissima, asistieron los Príncipes é Infantes con el señor Dn. Pedro, se les sirvio refresco en su camarote que es muy gracioso, y lo mismo se hizo a los demas, y aun alcanzó a algunos bancos de la Platea. Crescentini cantó divinamente y el no (o)irlo, es no haber oido cosa de provecho; tocó la Gerbini un concierto y se acabo a las 11 y media.

En medio de estas distracciones aun puedo decir a vm algo de Luisa Sigea, y lo hallará vm en el adiestro papel. A mi me parece que el Poema Cintra está impreso en la coleccion de poemas cortos, y obrillas de esta classe recogidas y publicadas por Dn. Francisco Cerdá con el titulo Clarorum virorum Opuscula, ô cosa semejante si vm lo ha visto el Dr. Thomas dará noticia pero que sea mas extensa que la que nos dá de la chronica de Dn. Juão el 3.º por el Padre Fr. Luis de Sousa que nada aumenta a lo que dice Dn. Nicolas Antonio, y lo que se desea es saber si en esa Bibliotheca ô en otra aparece el original pues aqui no hay noticia de el.

Estamos acordes en punto de Esquadras, y Franceses, y aquellas debieron de hacerse mucho al ouest, pues por aqui no se han dejado ver.

Si el S^{or}. Conde de Guzman sale luego para Galicia, y recorre el camino con la ligereza que los carrascos, los Azevales, y los Angeles, seguro que no nos encontraremos, pues yo camino con mas sorna en mis encargos.

No se si vm, si yo habemos confundido á Absalon con Samson, lo cierto es que uno, y otro se perdieron, por sus cabellos, el uno quedandose en el aire, y el otro soterrado entre las ruinas del templo, aunque la suerte del primero no ha sido muy buena, siempre es preferible a la del segundo.

Tenga vm paciencia con esa pessima copia, pues aqui (aun convaleciente mi Carrillo, no hay otra persona que

escriba el Español sino un Sargento Español desertor honrrado.

Memorias en el mejor Lenguaje posible a la Autrigona y mas amigos de su afectisimo

Cornide.

Sor. Lopez Ayllon.

Anexa uma copia do trecho das *Memorias historicas para o ministerio do Pulpito*, de Fr. Manuel do Cenaculo, referente a Luisa Sigea.

XXXV

Lisboa, y Agosto 6 de 1799.

Mi estimadissimo amigo; Si vm halló corta ó Laconica la carte del 23 para eso la de este correo sera Jamonica, y caldelaica, por lo grande, pesada, y acaso dulce, por las agradables noticias que le daré del sitio de Sintra, que es el Tempe de los Portugueses, empezando por la narracion del viage, y sus aventuras, y concluyendo con la descripcion pictoresca de aquel encantador alvergue de Nayadas, Dryadas, Satiros, y Faunos, y aun de algunos Bacos, y Silenos.

Enfin amigo se verificó nuestro viage el 1.º del corriente en que reunidos á las 8 de la mañana en casa del Amigo Jara, salimos con el en tres seggias muy cerca de las 10 porque un Jamon al caramelo, que debia acompañarnos con la escolta de 12 chorizos vettones, se quedo por descuydo en la posada, y hubo que recogerlo aunque con la desercion de quatro de los 12 satelites que tomaron asilo en el vientre de los mozos de la fonda, successo azaroso, que ya no me dió las mejores mientes (?) pero enfin todo mudó de aspecto, quando despues de dos horas de camino llegamos á Caylús, adonde Madama Moscoso nos tenia prevenido un llamado almuerzo, que con solo el ensalmo de esperar una hora se convirtió en lauto yantar, aunque para conservar su primer concepto empezó por una tortilla de magras. A eso de las tres seguimos nuestra marcha vespertina, por camino de calzada, atravesando los vallecitos de Agualva, y Agua de Moura, poblados de Arboledas, y viñas, con algunas quintas y en el 1.º una fabrica de Papel, y en el segundo otra de Indianas, rieganlos, y alimentan estas, dos arroyos que vienen del Norte, y ban a morir en la Barra de Lisboa, Luego que se sale del segundo valle se empieza a ver la falda de

la Sierra de Cintra, que mira al medio día, y caminando como una corta legua por buen camino tambien de calzada, y que actualmente se esta alineando y corrijiendo, se llega á su Pie, y sitio de el Ramallon dicho assi con propiedad, pues siendo el terreno anterior ondead (*sic*), y raso de poco producto por ser su fondo piedra marmoleña y alguna pizarra, desde alli ya se vee agradablemente poblado el campo de hermosas y altas Arboledas, y de unas Quintas por entre las quales, y sus frondosas posesiones fuymos subiendo á buen paso una ancha pero modesta calzada, hasta una portilla que corta el extremo oriental de nuestra buscada sierra, y sobre el qual descubrimos la Torre, y parte de un Monasterio de Geronimos llamado Nuestra S^{ora}. da Pena, con mucha propiedad, pues su base no es otra cosa, dejamosle á Izquierda y empezamos a bajar por la calzada dejando Quintas á derecha e yzquierda por espacio de un quarto de legua hasta la villa, que se puede considerar como a media falta de la del norte de su sierra, y en un replanito que hace el Terreno, rodeado de barrancos, y rocas entre las quales salen mucha variedad de Arboles.

A la entrada de la villa está la Fonda Inglesa, adonde Madama Pinto dignissima consorte del Ministro de Estado, nos habia mandado reserbar un buen apartamento en gracia de nuestro Mecenas el S^{or}. Xara.

Recibió este al apearse un expreso de aquella Dama, que tiene residencia en la Quinta de la Piedade propia del Duque de Cadaval y distante como tres quartos de legua mas al Poniente y en el corazon de la Sierra, deciale que esperaba aquella noche dos musicos para cantar, y nosotros para oirlos, y asi prompta, y perfuntoriamente se dispuso la marcha mandando buscar una coleccion de Burros que nos conduxesen pues aqui no hay otros Arres, y al instante se presentaron, y aqui fue ella, pues á no ser el Gefe de la expedicion, nada entendiamos los mas de la tactica para manejarlos, por que no la comprendio el Marques de Arellano, ni aun el moderno Casa Cagigal en su nueba ordenanza, pero esto aun no es lo peor sino los arneses sobre que es preciso montar, que son unos aparejos redondos con cierta rabadilla, obispillo ô Perínola en la trasera, que no me costó poca dificultad vencer para verme caballero despues de mil maniobras sin estribos y sin espuelas, y aun sin zurriago pues este se lo reserba el conductor para hacer

uso quando le conviene, acordabame de quando en quando de aquel refrancillo antiguo mal haya el caballero que sin espuelas cavalga; Enfin hecho un sileno, pues llevaba un vestido verde, saliendo de la Taberna pues salia de una fonda Inglesa, rodeado de muchachos que me parecian satirillos y Panecillos, emprendi mi marcha precedido de toda la tropa, y seguido de mi fido Sancho, en igual cavalgadura, y siempre muy cuidadoso de que la volumosa (*sic*) tripa de su amo no experimentase alguna rajadura, y llegamos finalmente a la Deseada Quinta, que me parecia aquel agradable campamento con que se halló Dn. Quixote allá no sé donde, tal me parecia toda la divertida compañía de Damas, y Galanes que alli se habian juntado, y que corrian por aquellas calles, y senderos, hasta que recibidos, y saludados graciosamente del Dueña de casa, y de sus dos hijas, se dispuso que por un camino que serpentea entre aquellas arboledas pasamos a ver otra Quinta vecina llamada de Visme por que la fundó un celebre Inglés de este nombre en un terreno alquilado, en que solo por el goce de 20 años tubo valor y capricho para gastar cien mil cruzados.

La situacion en un cabezo despejado, dominando barrancos y vallecillos llenos de Arboles, y Plantas proporcionó terreno para una casa tan caprichosa como su amo, pues es de un gusto medio Arabesco, gotico, normando, ô persico, segun el sistema que vm siga, pues nada tiene de Romano, ni de Griego: Ella es un paralelogramo dividido en tres pavellones, y dos cubos sobre una línea, y cuyo frente se adelanta con un portico de columnas del mismo gusto, que sostienen una Tribuna, y el todo rodeado de una varanda sobre el muro que sostiene el terraplen y desde la qual se descubre el campo.

Desde este pitoresco sitio nos retiramos al anochecer á nuestra compañía, y hallamos iluminado un casino, que cae sobre la calzada, y sirve de mirador pues la casa se halla en bajo, y en el ya prompto el chá, y algunas otras cosillas capaces de tentar el apetito, y de entretener el hambre, pero lo mejor que hallamos fue la sociedad ya aumentada con otras Damas, y varios hombres, y con dos capones de capilla Real que pasan la bella sason por alli cerca y que acompañados al piano forte de la Marquesa de Puisegur emigrada Francesa muy agraciada (jadis heredera de 100.000 Escudos, y oy muger de un Marques Teniente coronel al servicio de esta corte) cantaron bellas arias, y cabatinas, y luego se

siguió una frugal mesita de Banca, hasta las once de la noche, que cada qual tomó para su alojamiento y nosotros fuymos apercividos de estar allí a las diez de la mañana siguiente para acompañar a las señoras en la visita de las Quintas, y luego venir á comer con ellas, y a la tarde continuar la expedicion con una cingladura al norte para ver la famosa Quinta de Dn. Juan de Castro 4.º Viso Rey da India, llamada a Pena verde oy perteneciente a un Joven Saldaña heredero de aquel insigne hombre.

Assi se cumplió á la letra, y como no se habia de cumplir si solo la vista de la(s) graciosas habitadoras de aquellos bosques habian puesto á todos en movimiento, y hasta mis languidos espiritus empezaban a hormiguear, y hubieran pasado mas adelante, si no me estubiese dando punzadas la memoria de que tenia que volver á montar en burro pero al cabo me habilité de un indecente Bucefalo no de oreja, sino de cola cortada, mas blanco que la presidenta de la Puerta del Sol, y ya en el ya en una seggia que llebé para Hospital, segui la numerosa borricada que apesar de sus excelencias no llebaban, en sus arres, mas atavios que las hueberas Foncarralleñas que frecuentan esa villa.

Bajamos por la mañana á Colares valle distante legua y media de Cintra por la misma cañada, y adonde ya las tierras que han arrastrado las aguas de la sierra han formado una hermosa vega toda plantada de naranjos, Limoneros, Nogales Perales, y enfin de todo genero de frutas y hortalizas que se riegan con las aguas de un arroyo formado de las varias fuentecillas que descenden de la sierra. el Pueblecito que dá nombre al valle cae a la parte del sur del valle en un altito, y sus casas interpoladas de frutales parras, viñas, y huertas hacen una vista graciosissima.

Hasta esta villita que dista como media legua de la costa llegó nuestra expedicion matutina, paseando tres deliciosas Quintas, llamadas de José Diaz, de la Breja, y do Vinagre, aquella mas variada y mas util, por que aqui saben sacar partido de esta especie de Posesiones. En ella observé una cascada artificial, pero en que se halla bien imitada la naturaleza, hay sus estatuas, Parterres y copados bosques de castaños que me alegraron mucho porque me dijeron que eran de gran utilidad, y principalmente porque no habia visto otros tan frondosos desde Galicia.

A las dos volvimos á casa, se enfeytaran las Damas (se compusieron) y se sirvió una muy buena comida, á que no

fuimos solos los del paseo matutino, pues aperecieron nuevas gentes. A la tarde se fue a la Pena verde, cuyos Dueños que es una señora viuda, un chico como de 12 a 15 años y tres graciosas hijas de las cuales una celebraba sus días, nos recibieron galantísimamente y nos acompañaron a ver su posesion.

Esta (muy reducida en tiempo de su primer poseedor) fue aumentada por Dn. Francisco de Castro obispo Inquisidor nieto ó descendiente de Dn. Juão y fuese que el plan habia quedado formado por su ascendiente sea que el tenia conocimiento del gustillo chinesco, la idea es segun los Jardines de aquella nacion, que oy mitaron (*sic*) los Ingleses, pues no hay aquellas calles largas, y monotonas de nuestros antiguos Jardines aquella escrupulosa simetria, que no se atreve a salir un punto de la igualdad etc. solo aqui se ha seguido la naturaleza aprovechando los replanos de un repechosa cuesta para formar Placetas, Gavinetes, Grutas, Capillitas, y banquetas, y dirijiendo suaves rampas que conducen a varios cerrillos y cabezos, adonde se hallan alegres miradores que descubren una dilatada campina y ofrecen en buenos asientos commodo descanso, como lo tubimos nosotros en el ultimo, al rededor de una capilla de Santa Catalina que en obsequio de Dn. Juão de Castro mandó hacer el ya dicho obispo Inquisidor por que aquel habia sido armado Caballero en el Monte Sinay.

Muchos quintalitos (Jardincillos de flores, variedad de Arboles, y algunas estatuas, y bustos de marmol de carrara de muy regulares formas, varias inscripciones modernas, y lo mas particular una Brahamana (segun Murphi) que trajo Castro de la India, estan distribuidas por esta Quinta, y hacen agradable contraste con el verde de los Arboles, y con lo cristalino de las Fuentes y arroyuelos; todo lo recorrimos, y despues de bien cansados dimos fondo en la casa que aunque grande no corresponde a lo curioso del Jardin. se tomó chá, con sus regulares apendices, se jugó banca, y voltereta, y á las once todo el mundo tomo viento, para su respectiva residencia, acompañando mis compañeros á Madamas Pintos, de lo que yo por mi avanzada edad me excusé y me restitui a Cintra que solo distaba un Quartito de legua.

Al siguiente dia que fue el sabado se vió el Palacio, obra antigua de dos ó tres altos desiguales, pero que tiene algunas piezas bastante capaces, con techos artesonados, uno

com cisnes en todos sus compartimentos, otro con urracas, otro con las armas de toda la nobleza que habia en el Reyno en tiempo de Dn. Manuel que lo mandó hacer, pero es de notar que cada escudo está sostenido de un venado.

Hay en el castillo unos miradores desde los quales se reconoce mucha tierra y esto le hace muy alegre.

Dej Palacio nos recojimos a comer, y a la tarde marchó la Juventud á buscar á las señoras, pero yo me quedé en casa por que el agua (de qualidad enteramente diferente de la de Lisboa) me habia descompuesto el vientre y unida toda la compañía subieron á la sierra á ver el conventico de los reformados Franciscanos Capuchos llamado de cortiza, por que no siendo otra cosa que un agregado de peñascos cujos intersticios, y huecos, aprovechados para hacer Iglesia, rectorio, Dormitorio, jardin y otras piezas se hallan las mas aforradas de corcho para preservarlas de la humedad; es en fin una miñatura de convento la mas caprichosa; Desde allí subieron aun mas arriba hasta descubrir la mar, bajaron á Colares recorrieron sus campos frutales, y algunas Quintas y se restitieron a la Piedade, adonde se cantó, se jugó, y se pasó la noche hasta su medio en el qual se vinieron á casa mis socios.

El Domingo se partió para Lisboa, per eandem viam, se tomó chocolate de el Ramillete de esa corte, en casa de la Tenorio y con tres horas de viage nos vimos en Lisboa a cosa de las once, Jara se quedó en su casa, nosotros en la nuestra, y luego se fueron recibiendo epistolas del correo, y entre ellas una de vm de 30, á que, el lunes, se siguió otra del 2, que vino por mano de Xara.

Antes de empezar á contextarlas, diré lo que me pareció la sierra de Cintra, que, como tal, no puede ser habitacion de Tritones, como vi en un livro que la llama su Sora. Paysana La Sigea.

Es pues esta Sierra una masa ó bloc de berroqueña como la comun de Guadarrama, de la que trae la descendencia, asentada en un terreno que á no ser ella podria parecer llano hasta la mar, siguiendo desde Lisboa, con valles y colinillas que tomados en maior (?) no constituyen graves desigualdades: su direccion es L. O. y su largo como de dos leguas, y su base como de un quarto, la cima forma varios grupos y picachos de piedras sueltas redondeadas que el tiempo y las vicisitudes de la atmosphaera redujeron al estado en que se hallan, pues yo no he reconocido pudiese in-

fluir causa extraña como terremoto ó volcan: La falda Meridional compuesta de estos pedruscos es arida, y despoblada de plantas, por el contrario la del norte que cae a la umbria, y que recibe todas las nieblas, que los vientos occidentales, y del norueste corren del gran oceano (*sic*), esta poblada de frondosas arboledas, y regada de muchos arroyuelos, y es de advertir que todos nacen en lo mas alto, por la dificultad de penetrar sus raudales la dureza de la peña.

Esta tendra como unas dos leguas segun ya he dicho á contar desde la Peña de los Geronimos inminente á Cintra, hasta el cabo de la Roca termino de Portugal por esta parte.

Por esta falda que tendra un quarto de legua de pendiente es por donde estan situadas las quintas de que le llebo hablado y otras muchas, y á las que da comunicacion un camino que á media falda corre de Cintra á Colares.

Los arboles que pueblan esta falda son Alcornoques, Encinas, Castaños, Robles, Pinos, nogales, negrillos, olmos, sauces, Laureles, viburnos, uces ó Brezos, y otras variedades de que no me acuerdo, y en las quintas Frutales de Espino y de pepita, myrtos, cedros, cipreses, boxes, y en fin quantos se plantan. Las Fuentes aun que muchas en el numero son excasas en sus raudales lo que no puede dexar de ser, pues no tiene la naturaleza en que conservarlas.

La parte que mira á la sierra por el norte ni es igual en su altura, ni poblada como su vecina es un plano suavemente inclinado cultivado en la maior parte, sembrado de lugarcitos y quintitas de poca apariencia.

La falda meridional se continua hasta terminar en la costa exterior de la barra de Lisboa, esto es Cascaes, y su termino. El de Cintra que corresponde al Norte parece consta de 14 lugares, y tiene su Juiz de Fora, que es uno como correjidor.

Ahi tiene vm la noticia que tanto deseaba que para hecha de prisa, no deja de ir larguita. sufrala vm interin no logra ver los suaves versos de su Paysana, que si no lo logra por allá, me temo que de acá no lo consiga, pues ni en la Bibliotheca Real ni en las tres de los Franciscanos se halla, ni toda la actividad del Sr. Ribeyro dos Santos, Gefe de la primera ha podido hasta aora descubrirla, lo que si tendra en el siguiente correo es la Elegia de Resende pues ya se esta copiando, y tambien el hysope que aun que volumoso irá por el correo y despues que vm lo lea me lo guardará.

A ese conde de Guzman se le ha vuelto el juicio, Jesus, y en que Barahunda se mete, y en que tiempo nos hallamos para sembrar tanto dinero? el modo de echarlo a perder es hacerlo un establecimiento tan estrepitoso, pues no vee que quando todos ban a quedar por puertas, ha de chocar esa profusion verdaderamente inutil, baya con Dios la enseñanza, que si no es absolutamente precisa para esa carrera, a lo menos los que la aprovechen podran servir para otra, pero esto se debe hacer sin pagar, pues al que se le enseña harto se le paga. Vm. mantengase firme en que si no le dotan bien, no quiere saber de la que ya tiene trillada, pues lo demas es chucha.

Esta Reyna esta buena en la maquina, juega, pasea, y habla, pero quando menos se piensa, se le acuerda que está condenada, y que lo estan, quantos tratan con ella, y esta su thema producto de la ignorancia y poco tino de un confesor que dirigió su conciencia, y que le echó a perder su mollera. de suerte que realmente por si era imposible que governase, y si lo habia de hacer Seabra ó otro tal, mejor es que lo haga su hijo, heredero indubitable del Reyno, y que empezó su Protectoria apartando á aquel de la Secretaria de lo interior (como ya he dicho) y mandandole salir, como lo hizo aier para una quinta que tiene en el termino de Coimbra, de la qual tampoco podra apartarse sin su expresa licencia; el Decreto solo motiva justas causas, y no declara si le deja sueldos pensiones etc, pero a buena cuenta el tiene 80.000 cruzados de renta y estos no se los quitan. En este ministerio se esperan algunas reformas que acorten los Brazos de los Ministros por medio de un consejo de Estado adonde todo se trate, y si esto se verificase entonces se sabra que el author de todas las reformas es el Duque de la Foens (*sic*), que si tubiese 20 años menos, seria excelente para 1r. Ministro, pero con 80 y muger moza poco se puede hacer.

Quiero absolutamente la obra de Jars (*sic*), aun que cueste 390 reales, pero esto será despues que esté comprado el vestido, y unas charreteras que pido á dn. Francisco para el dia de nuestra ama que es el 25, pues para lo que falte se podra tomar de mi mesada de Julio que entregará a vm dn. Francisco para que me la remita more solito, amen de alguna letrita que puede ser llegue a su manos de vm desde Galicia, y si esto subcediese retenga la vd en su poder hasta que yo avise.

Tambien le llegará remitida por Dn. Luis Rancaño desde Zaragoza, mi Descripcion del Pyreneo, la que vm entregará á nuestro Gonzalez pues es para la Academia, y si acaso viene el mismo Rancaño a traerla tratele vm y conocera todo un Gallego como lo es, y vecino y aun pariente de mi familia en Lugo, assi como cathedrático de mathematicas en Zaragoza.

Tambien yo boy cansado despues de 3 pliegos de escritura, memorias a la que esta encargado (*sic*) de la Gala que debe servir para el día 8 de Septiembre que lo es de mi S^{ra}. D.^a Maria Josefa Cornide con que contando con que no hay argent hasta el 16, por que no se cobra la letra que tiene Dn. Francisco hasta semejante dia obre el Amigo de

Cornide.

Sor. Dn. Joseph de la Torre Ayllon.

XXXVII

Lisboa, y Agosto 28/99.

Amigo mio estimado; con la fiesta de el embajador ni yo recibi la carta de vm de 20; ni pude contextarla hasta oy, pero a buena cuenta, no se hallaria vm sin carta mia por que a prevencion le habia dicho que era posible no la recibiese a tiempo; llegó á mis manos a las 8 de la noche en que Yara é yo nos fuimos a su casa despues de haber pasado desde las cinco y media de la tarde hasta las 7 en una mesa de las mas abundantes primorosas, y bien servidas, que he visto en mi vida, y mire vm si yo habré visto mesas en (?)0 años que hace corro el mundo, el entrar en el Detalle seria un *mareman* como decia el buen Indiano Agar, basta que vm sepa que se seguio á la letra el rito de corte en tales funciones, y que entre una multitud de sirvientes de primer orden sobresalian 12 criados del Duque con vestidos verdes, y chupas de raso blanco galoneados de oro a la Borgoña, esto es con dos galones un ancho, y otro estrecho.

Aunque los convidados fueron muchos (?) los asistentes no pasaron de la mitad, habiendose excusado los mas ó por ausencia en las Quintas, y Baños ó por dolencia, de suerte que logramos lo que queria el celebre Boileau, y estuvimos tan holgados como en los sermones del Abate Cotin.

Concurrieron los Ministros de Estado, y Marina, los Presidentes del Senado, y Consejo, muchos Gentiles hombres de camara, uno ó dos Generales, v. g. el Duque de Lafoens que vino al cafee, todo el cuerpo Diplomatico de 1.º y 2.º orden, á excepcion del Nuncio que está en Cintra, un consejero de Hazienda, hijo del Ministro de este Departamento Vizconde de Ponte de Lima, los de casa, é yo que era el unico particular pues aun los que suelen comer alli, y cuias casas frequenta el Duque, no fueron. Presidió este la mesa, hicimos los pies Xara é yo, brindó aquel a la salud de la santa del dia, correspondimos todos, y corrieron arroyos de vinos producidos desde las frias campiñas de Chanpagne hasta las ardientes playas del tormentoso cabo, y no faltaron los helados productos del norte para hacer mas agradables los regios sucos de los de la ardiente zona, esto es los delicados y gustosos Ananas criados en las estufas de Queluz.

Enfin la mesa empezó con el dia, y acabó de noche pues al Desert (*sic*) se iluminó como por arte magica toda la casa, pasamos al café, y terminamos con los quesitos Marrasquinos, y otros Rosoles fabrica de el repostero de S. E., que podia serlo del mismo Jove, aunque á Ganimedes se le diese su retiro, ó se le apouentase, que vale aqui lo mismo, y con esto, y con mil doblones menos que le habra costado una fiesta de dos horas á este generoso Duque se acabó el dia de Sn. Luis, que Xara é yo fuimos á concluir á Campol'de mansion de las Dryades meticulosas de los Trovoens de donde salíamos a las 12 y media para acostarme yo a las dos, y levantarme á las cinco para el viage de Sn. Giaom, que en efecto se verificó con Mr. Lavigne y su muger comerciantes de esa muy amigos de Salucci, y de mi primogenito que me hizo con este buen conocimiento.

Hizose la tal campaña en dos calesas, pues llevé a mi Ayudante dn. Manuel Carrillo ya del todo bueno, y á la mañana se vio el tal Castillo, que situado sobre la barra, y en frente del del Bugio que esta en medio de ella y rodeado de la mar por todas partes defiende la entrada con unos 50 cañones gruesos que tiene acia la mar, y con otros tantos de menos calibre las avenidas de la tierra acia la qual forma el fuerte una tenaz con un revellin que cubre la cortina, su foso y camino cubierto. acia el mar son varios angulos entrantes y salientes en que siguieron las irregularidades del terreno, en medio de la tenaza hay una torre que sirve de fanal, y distribuidas por el recinto varias casas, y habita-

ciones con casernas subterranas a prueba de bomba, en que puede alojarse comodamente un batallon: el terreno exterior es raso y sin dominacion alguna: Como á un tiro de bala hay un quartel de Artilleria en que he visto 14 cañoncitos para hacer exercicio la tropa que se aloja alli, en el hay una bateria, y luego siguen otras quatro ó cinco por todas las puntas salientes de la costa, hasta Lisboa, para defender las playas intermedias en que se puede hacer un desembarco, y entre Sn. Julian, y Cascaes dos leguas distante al N-O se halla el fuerte de San Antonio con igual objeto, pero en todo lo que he visto no he considerado mucha resistencia para un navio que a la vela dispare su bateria de 50 ó 60 piezas.

Detubimonos en el fuerte lo bastante para verlo a nuestro placer, y nos volvimos a la villa de Oeyras, distante media legua sobre el camino de Lisboa, y alli nos detubimos a ver las Quintas de su señor y conde de su titulo, Marques de Pombal, obra digna de su immortal padre, es grande en todo, buena casa, adornada con muchas pinturas medianas, los mas retratos de la familia real y de la suya, muchos tibores, y vasos de China y otras curiosidades que recuerdan su ministerio, grandes Jardines, y naranjales, con cascadas y fuentes, pero de antigua planta, atraviesa las dos Quintas que componen esta hermosa posesion, un arroyo poblado de arboledas en sus margenes que hace deliciosa, y fresca la estancia, que por otra parte no deja de ser de utilidad ya por los naranjos, Limoneros, y frutales, ya por las muchas viñas de que se compone.

Sobre el producto de estos hizo el Marques calculos muy lisonjeros, pues para recojerlos formó una bodega de Bobeda sostenida de dos ordenes de pilares, que dejan una calle en medio para el paso, y otras dos á los lados para el cubage.

Este consta de 14 grandes toneles con aros de fierro, y excelente madera, de porte de 18 a 20 pipas, que es lo mismo que decir de 500 á 600 l cada uno, y otros 28 mas de la mitad de su cabida que supongo serian para la trasiego; en una pieza mas alta que la bodega estan cinco lagares de piedra desde los quales el vino corria por canales a las respectivas cubas, que todas estaban vacias, y que segun me dijeron se llenan pocas veces, por que las viñas ya ban viejas, y creo que no se cuidan mucho. En el Jardin hay varias estatuas de marmol de carrara, y en quarto bajo dos muy buenas de piedra de Estremós, y de mano de Joaquin

Machado, es un Apolo, y me parece un Marte y creo tengan alguna alusion como la tiene un quadrito de un Hercules aterrando una hydra que por un verso que tiene al lado me pareció que la hacia al abatimiento en que el Dueño de la Quinta puso a la Fidalguia Portuguesa, aunque moderna no es mala pintura pues esta bien expresado el desnudo.

En el techo de una sala estan pintados Carballo y sus dos hermanos dadas las manos con la legenda *Concordia Fratrum*, por la que siempre tubieron, y que tanto ha contribuido con las Economias de los dos el Principal y el Desembargador, a la opulencia de la casa.

Desde la de Oeyras venimos á comer en casa da S^{ora}. Murga muger (como creo tengo dicho á vm del mueblista de la calle de Alcalá) tratónos muy bien dandonos una comida hybrida y pues ni faltó olla a la Española, ni arroz a la Portuguesa, esto es con su puntita de vinagre que es como aqui se guisa, pero no vimos la Quinta de Caxias propia del Principe por que a la ida estaba en ella tomando Baños la S^{ora}. Carlota, y a la buelta ya se nos hacia tarde para comer, y la Misacantante estaba para pocos paseos pues pesa sus catorce arrobas en Canal como la virgen del canto en Toro, pero se trata de una expedicion piscatoria en aquellas playas, y para entonces me reservo verla, y descrivirselá á vm, cuyas cartas y esquila del 23 recibí aier, y en la prompta remision de las medallas, y eficaces diligencias para hallarlas, reconozco otro golpe, como el de llevarse el frayle a casa, y ba quitando la gana de hacer á vm mas encargos, pues si un día se me antoja la veleta de Santa Cruz para saber de que metal es me temo que en un globo aereo estatico con su Autrigona á buscarmela, y si esto hace quien quedaba tan aburrido, y de mal humor, que hará el que espero en Dios se ha de ver fra gigli e rose, premiado de su aplicacion, de sus trabajos, y de su honradez.

A pesar de tantas novedades materiales y formales me parece amigo mio, que no escapa vm de hacer un dulce epitalamio para celebrar la boda Aloysiaca y que no le faltará lo de Citriodora, pues tratando-se de conjuncion centenaria, vendra bien su puntita de limon, pero vea vm como lo (?) pues ese mi primogenito que en otro tiempo cantaba a Cupidillo escondido entre las arboledas transtaganas asestando sus flechas al corazon de la Graciosa Galatea, la de los ojos gacios, es un poco escrupuloso en esto de Epitalamios, aunque en caso tan refulgente solo supo hacer una anacreontica

rampante. Oh, y lo que hubiera hecho yo con un tal Amigo al lado, pero ya que la suerte dispuso la cosa de otro modo me contento con lo que ella me ha dado, y á lo menos, con que hasta aora nada me haya dado que sentir la compañía ni menos haya defraudado a la nacion del justo concepto en que se halla entre el corto numero de hombres despreocupados, que habitan este Pais de las sombras, como lo creia Homero.

Se me olvidaba decir a vm, que ya oy volaron las seis medallas á las manos de quien me encargo una sola, aprovechando la ocasion de haber estado a visitarme su hermano é yo iré esta tarde a recibir los agradecimientos solo debidos a la puntualidad de un amigo Fino, y de quien quisiera saver si las tales medallas traen la circunstancia particular de haber sido tocadas a su original que no me parece es mas elegante en las formas, y a buena cuenta, qual lo hayan sido, qual no, yo tales las supondré, al ponderar la actividad con que se simplificaron los terminos.

Como el Frayle esta muy desocupado en su convento (lo que celebro) me ha disparado otro escopetazo epistolar clamando por que le saque á tunar en algun navio ó paquebote, no le contesto pues ya lo tengo hecho por mano de vm, que puede aconsejarle que se dirija á Mr. Blanchard para que le acomode en su viage al nuevo mundo.

Hasta aora en muchas Pinturas malas, y medianas que he visto, no hallé el del Pintor Aleman Ardemans, que no sé si habra sido Padre de un Ministro de obras de la villa de Madrid que compuso unas ordenanzas sobre la Jurisprudencia de edificar. Como vm no me añade que motivo pudo haber habido para hallarse aqui mas que en otra parte su retrato solo una casualidad puede hacermelo descubrir pero si pareciese tendré cuidado de avisarlo, para que vm pueda cumplir, y dar gusto á su Amigo pero advierto que quanto habia bueno en el Palacio de esta corte en punto de Pinturas pereció en el terremoto.

Pareció la obra de la Sigea, ó espera vm que yo se la envíe de Lisboa? pues mire vm que saldrá burlado, pues nadie la conoce, ni me dá razon de ella, aunque continuan las diligencias.

Ya sabrá vm como los Tunecinos han tomado el Brick portugués que estaba detenido en Barcelona, pues aunque aquel Governador le advirtió del peligro al capitán, echó

brabatas y se burló de lo que le decía, pero le salio sueño de perro, aqui lo tomaron con gran frescura.

Nada mas ocurre tenga vm salud con Madama como le desea su Amigo

Amigo y S^{or}. Ayllon.

Cornide.

XL

Lisboa, y Septiembre 10 de 99.

Amigo mio estimado; interin no llega el extraordinario, boy adelantando el ordinario para dar cuenta a vm de las expediciones de esta semana que aunque no cintricas, ni literarias, no dejaron de servir para conocer las costumbres del Pais.

Sepa vm que desde el sabado 7 empezó una feria con su poço de romeria, en un sitio llamado nuestra S^{ora}. da Luz por una capilla ô santuario de esta advocacion, que es el heroe de la pieza; la tal Feria solo tenia que añadir a la de San Bento, que ya describi a vm, algunos pares de Bueyes, varios Jacos, muchos Bacaros pequeños de los quales asados habia tambien competente numero de canastas, y muchos ajos, y cebollas para hacerles el mojo, los que no quisiesen comerlos a lo natural; el sabado se empezó á asentar el Real en un gran campo, que hay delante de la capilla; el Domingo fue la feria de todas las gentes, y de todo lo semoviente, y el Lunes que ya esto habia desaparecido entraron las Damas de alta, y mediana (*palavra ilegivel*) a ver las tiendecillas (que de noche se iluminan) y a comprar cosillas de cobachuelas para los muchos caballitos, seggias, molinillos de viento, culebrones etc.

La situacion es hermosa, pues por una parte la hermosea un convento de Padres Thomaristas (esto es canonicos de Cristo, como los de Uclés de Sant.^o) ya casi extinguidos, obra bien dispuesta y con su fachada de dos cuerpos de pilastras Jonicas y doricas con remates de bolas por el gusto de Herrera el del Escorial. El claustro es tambien de pilastras algo mezquinas, la escalera en el fondo y en frente de ella la capilla, al ayre del Alcazar de Toledo.

El Frente del Occidente lo ocupa la capilla de la virgen que debia ser muy espaciosa, pero que solo tiene concluida la capilla maior y el crucero. Los otros dos frentes del campo se componen de casas, y huertas, y a corta distancia hay un

convento de carmelitas descalzos, en cuja Iglesia toda escayolada, imitando el marmol he visto unos seis quadros que no me parecieron mal, pero no pude saver de quien eran, contienen asuntos de santos de la orden.

Las dos primeras obras me parecieron (como llebo dicho) cosa de la Escuela de Herrera y del tiempo en que se hicieron los conventos de Sn. Vicente y Sn. Bento, la 3.^a esto es el convento es segun el gusto de todos los de su orden, y tiene un Quintalito ó Jardinillo de Flores muy gracioso.

El campo de la Luz, cae al N-O de Lisboa, casi paralelo con Benfica, esto es el camino de Queluz, para donde tambien lo hay en derechura: De esta capital ó se bá por Campolide, y Siete Rios, ó por Sn. Sebastian da Pedreyra, y Pallaban; por una y otra parte, todo son casas, y Quintas á derecha é yzquierda. Yo el primer dia seguí el primer camino y no le puedo ponderar á vm qual estaba de gentes, de carretas aun mas incomodas que las de Galicia cubiertas de colchas, y tapices viejos, de Jacos, y Burros con mil perifollos, de Mozos y Mozas, pero sin una gayta ni un violin, y esto y el no haber visto muiñera me hizo decidir que estas Romerías les ban muy en zaga á las de la Mariña, y que esta nacion no tiene la dosis (?) de Alegria, y buen humor que nuestras Gallegas.

El primer dia, vino Madama Pinto á la fiesta desde Belem, adonde ha hecho una pequeña digresion desde Cintra, y alli se juntó con la Tenorio en la Quinta (muy graciosa) del Vizconde de Mezquitela, semigrande de este Pais, que si no ha llegado á lo summo en el orden civil, pudiera haber arribado á lo mas alto en el natural, pues de 23 hijos que ha tenido conserba 19 y entre ellos, once virgenes, todos sanos, y todos bien formados, pues aun que las Muchachas no son hermosuras, son regulares. Apesar de tanta gente util para armar un tango solo ha habido juego, cuja comedia se repitio aier sirviendose a las 9 sorvetes, y un poco mas tarde Chá ó Fé (*sic*).

Aqui llegaba quando recibo la de vm de 6, y lo que en ella ocupó mi atencion fue el terrible catastrofe del buen Zamora, pero en que habian de parar sus misas? Mucho tiempo hace que yo sabia que se le andaba buscando la vida, y la distribucion de quatro ó cinco millones, y esto, que el decia, que el Rey le debia dos, pero yo digo la saetilla que el Padre Ysla cantaba en el pulpito de Pontevedra:

Marica tu no lo tienes, tu padre no te lo dá, trahes tapapié de seda, que será? que será? que será? No se la diga vm á su hermana, aun que la vea en casa de D.^a Dyonisia.

Quedo perfectamente instruido del termino que ha tenido el galanteo del S^o. Asneros, Dios los haga bien casados, y le dé á la novia mejor suerte que á sus antecesoras.

Si una vuelta de corales lapidados cuesta dos onzas, dos vueltas, como queria mi Sra. d.^a Maria Cornide, costaran quatro, y me parece que es mucho para una colmena ó panal de polipos, la Gefa tenia una vuelta que decia estaban abrillantados, pero abrillantar una materia calcarea ó espátosa es grilla: Espero no obstante las ulteriores especulaciones de mi Sra. D.^a Maria.

Baya con Dios el conde Guzman á Galicia que ya que de nada le sirve á vm mas que tenga igual suerte que el que encerraron em Segovia, el Antiquario Lisbonense no teme igual suerte porque con las sobras de su comision no ha de hacer casas, y fundar lugares.

Parece que al cabo se murió el Papa, segun contó aier un correo nuestro despachado por Carballo á este Ministro de Estado, y quien le subcederá? y adonde anda el Arzobispo de Toledo?

Por algunas Gacetas traídas por el correo de Inglaterra que llegó anteaier sabemos que los Ingleses no fueron tan bien recibidos en Holanda, como esperaban, y que tubieron que retirarse de su primer intentado desembarco.

Los Franceses parece que apesar de sus perdidas, aun conserbaban la boqueta, y si es assi aun no se habrá entregado Genova.

Para que no falte alguna noticia literaria ó artistica en nuestra correspondencia digo a vm que en Palomino hallé que los padres del famoso pintor Cotan Lego cartuxo de Granada eran naturales de Orgáz, y vivian en Alcazar d-Consuegra, me parece puede vm reclamar el hijo a lo menos como oriundo, para aumentar el catalogo de varones illustres (*sic*) orgacinos.

Si vms tubieron allá su tempestad el tres, aqui la tubimos el 2, pero en Lisboa, aunque duró todo el dia no fue fuerte, fuelo si en el Alemtejo adonde lloran las considerables perdidas que ha causado en tierras, viñas, y olivares pues en un solo pueblo llamado Messejana se regulan en doscientos mil cruzados.

Si mi carta del 31 era corta a fee que no lo es esta de sy pues de ocho laudas solo deja lugar paar asegurar á vm del afecto con que le estima su Amigo

Cornide.

S^{or}. Dn. Joseph Lopez Ayllon.

XLI

Lisboa, y Septiembre 18 de 1799.

Amigo mio estimado, Recivi aier con la de vm, y otra del amigo Rebollo los 4.800 Reales que le llebó dn. Francisco que no se acordó de incluirme la gaceta, que ya leí en casa del Embajador adonde comi poco antes de recibir la juiciosa y amistosa advertencia de vm pero que habemos de hacer, las ocasiones vienen rodadas, y el hombre es fociel, y en bueno exemplo nos ha dexado el Santo Padre que aunque convenia conmigo en lo padre no convenia en lo santo, ni en lo provento; No obstante puede vm estar tranquilo, pues bebo y ato la bota, y bien puedo atacar la tripa al medio dia, pero a la noche tiene que contentarse con un par de Galetillas como un peso duro y un trago de vino pues llega uno a tiempo que no hay fuego para hacer el Chocolate.

Pero dejemonos de Bucolicas y bamos á la Anacreontica; esta buena, buena y acomodada al entender y a los sentimientos de la heroína, pero me temo que aunque vm suprimió lo del servicio por no mentar la sogá en casa del ahorcado, no ha de haber faltado en el catastrofe motivos de servirse de el pues ya está el Alcacer duro para Zampoñas. Como abri su carta en una tertulia delante de nuestro Embajador, y a tiempo que estabamos tratando de casar a otro capitán Estremeño coevo mio lei la tal Anacreontica diciendo que acababa de hacerla a dicho motivo, y se celebró mucho. Assi amigo se ba pasando aqui el tiempo pero por eso no abandono el objeto principal, insiguiendo este, hice el viage de Odivelas el Domingo, vine a comer al Pazo de Lumiar, vi a la tarde la Quinta del Marques de Angeja, y a la mañana antes de comer la de el Boticario que aunque pequeña es graciosa; la comida fue en casa del comerciante Mr. de Roure, y la concurrencia de unas 24 personas, á quien tiene el gusto de tratar com'il faut; en tal dia de la semana, a la tarde se doblo la compañía para el chá, y hubo juego, y

bayle de las Muchachas, que las habia muy graciosas hasta las 11, que nos retiramos á Lisboa alegremente.

Es Odivelas un monasterio del orden del Cister, fundado por el Rey dn. Dionysio y dedicado á este santo, empezose su fabrica en 1295 y se acabó en 135 (*sic*), pero yo solo he visto de lo antiguo la capilla maior y otras colaterales que indican poca grandeza, y que resistieron a las convulsiones de el Terremoto de 55, que echo abajo la bobeda del cuerpo de la Iglesia estropeando el sepulcro de el fundador, que para de aquel tiempo era obra obstentosa, y de el gusto aleman, pues en todo su contorno tenia una porcion de figurillas de relieve, cubiertas con sus capillitas de cresteria, y encima un gran bulto echado, que como lo mas proximo á la bobeda es lo que mas padeció.

El cuerpo de la Iglesia es una nave adornada de pilas-tras doricas, y partida por medio con una Reja muy clara, que separa las monjas con su choro de los seglares. hay en la capilla maior quatro quadritos de á vara que me parecieron de Vasco de Viseo, Pintor antiguo de este Paiz, que tambien me parece siguió la Escuela de Durero, y otras del primer estilo de un tal Alonso Sanchez Coello, que pintó aqui antes de pasar á España, pero esto me lo imagino yo pues alli nadie supo darme mas razon que la de que la Reja era de plata macisa, y que con las lamparas la sacó el Marques de Pombal en lo que hizo muy bien, pues si siendo de aquel metal no pudo detener á Juan 5.º para que deste monasterio hiciese su Harem bastaba que quedase de madera como oy está para salvar las apariencias, Pero los tiempos de aquel devoto y libertino Monarca ya pasaron para Odivelas, reducido de 180 monjas y el resto hasta 400 de criadas y seglares á 45 de las primeras, y no se quantas de las segundas, las mas viejas y gangosas, a excepcion de la organista que sabe tocar muy bien este instrumento le acompaño al canon de la misa maior que oimos con un motete muy armonioso.

Distá Odivelas legua y media al N. de Lisboa, y esta en la falda de unas colinillas mirando al medio dia, por cuiá parte corre un valle muy agradable por que assi como las colinas que le rodean por dicha parte se halla poblado de Viñas frutales y olivos, con muchas quintas, y lugarcillos que lo hermosea.

El convento es un agregado de Edificios de varias formas, y altura, y aun en esto se parece á casa del oriente,

solo hallé regular á su entrada un portico ó Galeria sostenida de columnas Doricas, mandado fabricar por D. Guiomar de Noronha em 1575. A la entrada de la Iglesia esta clavada en la pared una bala de piedra vara de diametro, que ofreció á San Bernardo otro Noroña que se halló en el cerco de Diu, y dice una inscripcion que tiene al pie que era de las que tiraban los Turcos quando el estaba allí, mire vm que chocho para regalar á unas monjas, que saben hacer excelente perada de que compramos algunas libras por nuestro dinero, porque allí como en Sn. Gil, no dan pan por dormir, es verdad que quien les quitó la Rēja tambien parece les quitó la sangre, sin duda para que no estubiesen tan viciosas, y en efecto, oy estan pobres, y hallan pocas que quieran irlas remplazando.

El Lumiar se divide a lo menos segun yo he visto en dos Lugares, el uno el Lumiar propio tal, y el otro el Pazo de Lumiar, llamado assi por que en una de las muchas pestes que ha tenido Lisboa, se retiró allí dn. Alonso 3.º por ser sitio muy ventilado, y sano, y como le acompañó parte de la corte, aunque luego salió de allí se quedó con el nombre do Pazo (Palacio) que si le ha habido, a lo menos yo no le he visto, pero si muchas casas de campo ô Quintas de las gentes de Lisboa que ban allí a tener sus temporadas por que assi este Pueblecito como el de Lumiar solo distan una legua del centro de la ciudad.

La Quinta de Angeja está entre los dos sobre el camino Real y si assi como su exposicion es al N. y al P. fuese al medio día, y Oriente seria de lo mejor de este Pais, esta distribuida en varias terrazas, y en el fondo hay una porcion de calles, y arboledas assi como el Jardín de Primavera en Aranjuez. esta bastante bien cuidada, y se conoce que estubo mejor en tiempo del viejo Marques que fue Ministro y padre de Dn. Diego de Noronha el que tubimos en esa de Embajador: recogió en ella muchas plantas raras, y entre ellas he visto un Arbol Drago bastante crecido, y entre varios Plantanos ó Bananas uno con fruto, y al ayre natural. En la casa ay una Galeria de Pinturas que no he visto por ser ya tarde y queda para otro día.

Concluido el Diario de los que ya pasaron de esta semana, solo me falta decir á vd. que no hay que esperar por extremadura los Rusos pues assi lo aseguró Juan 6.º Principe del Brasil, a quien me lo contó añadiendo que mientras el viviese no pasarian por Portugal, Y a fee lo siento pues

no quisiera mas para verme vengado del Paladin Pablo 2.º cuia petulante declaracion de Guerra esta muy bien respondida en la de nuestro Ministerio.

No como un Baco con sus Corybantes, pero si en un sofa al lado de un Anacreonte hice aier la siesta oyendo leer una buena parte de la C. (?) pero amigo sin comento, ô explicacion es imposible entenderla, en poniendosela el poseedor, y en haciendola copiar el mismo la tendrá vm, como tendra el hysope que ya está en mi poder correjido, y solo falta el encuadernarlo, con esto creo que dará vm por satisfecho del trabajo que le costo la Anacreontica y la carta larga, y si a eso añade el buen recibimiento que le hizo mi S^{ora}. D.^a Benita Saavedra creo que tendra vm que volverme dinero, y ya se cobrará ella haciendole encarguillos de correo, pues es la Agentá General de todas las novias de Galicia.

Y en que le metió á vm mi amigo Ferriz, que le ha puesto en tanto peligro? baia que tambien fue por el mismo conducto, por Dios no tome vm tan a pecho el servir á los Amigos de su afectisimo

Cornide.

Mis respetos a mi S^{ora}. D.^a Maria, y a la pia prole ô parentela.

S^{or}. Dn. Joseph Ayllon.

Depois desta carta de Cornide y Saavedra, só há cartas e bilhetes de Ayllón y Gallo, mais 18, com reclamações e queixas contra o silêncio de Cornide.

Í N D I C E

	Págs.
<i>I — LISBOA EM 1772 (Relato de Joseph Martínez Moreno)</i>	
Prefácio	7
Carta de Joseph Martínez Moreno a Marcos Phelipe de Argáiz	11
<i>II — CIÊNCIA E ESPIONAGEM (Na véspera da Guerra das Laranjas)</i>	
Prefácio	19
Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph López de la Torre Ayllón y Gallo	31

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Volumes publicados:

- I. — ZOOLOGIA — n.º 1 — 1937.
- II. — BOTANICA n.º 1 — 1937.
- III. — BIOLOGIA n.º 1 — 1937.
- IV. — ZOOLOGIA n.º 2 — 1938.
- V. — FÍSICA n.º 1 — 1938.
- VI. — LETRAS n.º 1 — 1938. (esgotado).
- VII. — BIOLOGIA n.º 2 — 1938.
- VIII. — MINERALOGIA n.º 1 — 1938.
- IX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 1 - 1939.
- X. — MINERALOGIA n.º 2 — 1939.
- XI. — ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPI-GUARANI n.º 1 — 1939.
- XII. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 1 — 1939.
- XIII. — ZOOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XIV. — QUÍMICA n.º 1 — 1939.
- XV. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 2 - 1940.
- XVI. — BIOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XVII. — BOTANICA n.º 2 — 1940.
- XVIII. — MINERALOGIA n.º 3 — 1940.
- XIX. — ZOOLOGIA n.º 4 — 1940.
- XX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 2 — 1940.
- XXI. — MINERALOGIA n.º 4 — 1941.
- XXII. — ZOOLOGIA n.º 5 — 1941.
- XXIII. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI n.º 2 - 1941.
- XXIV. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI n.º 3 - 1941.
- XXV. — ZOOLOGIA n.º 6 — 1942.
- XXVI. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL n.º 3 — 1942.
- XXVII. — LETRAS n.º 2 — 1942.
- XXVIII. — BOTANICA n.º 3 — 1942.
- XXIX. — FILOSOFIA n.º 1 — 1942.
- XXX. — MINERALOGIA n.º 5 — 1942.
- XXXI. — POLÍTICA n.º 1 — 1943.
- XXXII. — ZOOLOGIA n.º 7 — 1943.
- XXXIII. — ETNOGRAFIA n.º 4 — 1943.
- XXXIV. — HISTÓRIA AMERICANA n.º 1 — 1943.
- XXXV. — HISTÓRIA AMERICANA n.º 2 — 1943.
- XXXVI. — BIOLOGIA n.º 4 — 1943.
- XXXVII. — HISTÓRIA DO BRASIL n.º 3 — 1944.
- XXXVIII. — GEOGRAFIA n.º 1 — 1944.
- XXXIX. — ESTATÍSTICA EDUCACIONAL n.º 1 — 1944.
- XL. — BIOLOGIA n.º 5 — 1944.

- XLI. — BOTANICA n.º 4 — 1944.
 XLII. — HISTÓRIA DO BRASIL n.º 4 — 1944.
 XLIII. — ZOOLOGIA n.º 8 — 1944.
 XLIV. — MINERALOGIA n.º 6 — 1944.
 XLV. — GEOLOGIA n.º 1 — 1944.
 XLVI. — ETNOGRAFIA n.º 5 — 1945.
 XLVII. — ESTATÍSTICA n.º 1 — 1944.
 XLVIII. — ZOOLOGIA n.º 9 — 1944.
 XLIX. — MINERALOGIA n.º 7 — 1945.
 L. — GEOLOGIA n.º 2 — 1945.
 LI. — ETNOGRAFIA n.º 6 — 1945.
 LII. — ETNOGRAFIA n.º 7 — 1945.
 LIII. — HISTÓRIA DO BRASIL n.º 5 — 1945.
 LIV. — ETNOGRAFIA n.º 8 — 1945.
 LV. — LINGUA E LITERATURA FRANCESA (prélo).
 LVI. — ETNOGRAFIA n.º 9 — 1946.
 LVII. — HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL n.º 4 — 1946.
 LVIII. — ETNOGRAFIA n.º 10 — 1946.
 LIX. — SOCIOLOGIA n.º 1 — 1946.
 LX. — MINERALOGIA n.º 8 — 1946.
 LXI. — ANTROPOLOGIA n.º 1 — 1946.
 LXII. — HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORANEA
 n.º 1 — 1946.
 LXIII. — ETNOGRAFIA n.º 11 — 1946.
 LXIV. — HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL n.º 5 — 1946.
 LXV. — GEOGRAFIA n.º 2 — 1946.
 LXVI. — ETNOGRAFIA n.º 12 — 1946.
 LXVII. — FILOSOFIA n.º 2 — 1946.
 LXVIII. — HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL n.º 6 — 1946.
 LXIX. — HISTÓRIA AMERICANA n.º 3 — 1946.
 LXX. — GEOGRAFIA n.º 3 — 1946.
 LXXI. — ZOOLOGIA n.º 10 — 1946.
 LXXII. — ZOOLOGIA n.º 11 — 1946.
 LXXIII. — HISTÓRIA DO BRASIL n.º 6 — 1946.
 LXXIV. — PSICOLOGIA EDUCACIONAL n.º 1 — 1946.
 LXXV. — PSICOLOGIA n.º 1 — 1946.
 LXXVI. — PSICOLOGIA n.º 2 — 1946.
 LXXVII. — ANTROPOLOGIA n.º 2 — 1946.
 LXXVIII. — LINGUA E LITERATURA GREGA n.º 1 — 1947.
 LXXIX. — QUÍMICA n.º 2 — 1947.
 LXXX. — ZOOLOGIA n.º 12 — 1947.
 LXXXI. — FILÓLOGIA PORTUGUESA n.º 1 — 1947.
 LXXXII. —
 LXXXIII. —

